Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 154 Quinta-feira, 4 de Setembro de 1986 Preço 40$00

ORLANDO DE CARVALHO AO "DL"

Ensino universitário pelas ruas da amargura

Em entrevista que publicamos no suplemento «LerEscrever», o professor Orlando de Carvalho fala-nos, entre outros temas, da «gravíssima situação» do ensino universitário, da vida cultural coimbrã e de «muitos poetas portugueses que se deliciam numa espécie de intermasturbação».

Soares concita apoio geral

VETO "ISOLA" SEPARATISMO

Mário Soares chegou ao princípio da tarde à cidade da Horta com a segurança de um apoio político-partidário geral (o PSD toma hoje posição) à sua decisão de vetar o estatuto açoriano e esperançado em que as cerimónias comemorativas do 10º aniversário da autonomia decorram com normalidade. O PR, que viajou num «Falcon» da Força Aérea, teve à chegada honras militares na presença de Mota Amaral, embora se admita na Horta que alguns deputados regionais se manterão alheios à sessão solene. Entretanto, fontes dos altos comandos militares consideraram para o «DL» que o veto de Soares contribuiu para isolar o separatismo crescente naquela Região Autónoma.

Pág. 3

Será o Algarve uma região de papelão?

É um «paraíso» para uma grande parte dos turistas, eles vêm de todo o mundo, fazem férias e não parecem tocados pelos problemas iniludíveis. Mas é reconhecido que são muitas as carências, enormes as deficiências. Do saneamento básico às pescas, da agricultura à marginalidade, aí está um Algarve ao qual é impossível fechar os olhos.O «Diário de Lisboa» inicia hoje a publicação de uma série de textos sob o tema genérico «Algarve: uma região de papelão?» na esperança de que seja um contributo para uma mudança, para melhor, numa região que pode mesmo esperar um grande futuro.

Págs. 6 e 7

Fotos de Carlos Gil

A epidemia de SIDA na Florida

Os mosquitos do Lago Okeechobee

Thomas Anargyros

Exclusivo «Le Monde»/DL»

Que se passa na Belle-Glade? Que explica que esta vilória da Florida seja, proporcionalmente, a povoação do mundo ocidental mais atingida pelo SIDA? Onde se volta a falar dos bastante misteriosos mosquitos...

Main Street, a rua principal de Belle-Glade (Florida), está deserta nesta tarde tórrida de Julho. Um enorme Chevrolet pára junto do centro comercial. Dele sai um homem. Corre para o interior do centro, regressa um minuto depois com um maço de cigarros na mão e arranca como um furacão. «**Desde há meses é assim todos os dias**», conta um velho negro que se balança numa cadeira de baloiço colocada à frente da porta. **Como se os brancos não quisessem respirar o ar da vila. As janelas fechadas, sempre o ar condicionado a funcionar no máximo. Seremos pestíferos ou quê?**

Infelizmente, o velho negro não deixa de ter razão. Porque Belle-Glade tem o sinistro privilégio de contar o maior número de casos de SIDA para uma determinada população. Em meados de Julho, contavam-se cinquenta e seis casos para vinte mil habitantes, ou seja, 2,5 por 100, a taxa mais elevada dos Estados Unidos e provavelmente do mundo ocidental.

O dr. Mark Whiteside, co-director do Instituto de Medicina Protical de Miami, está convencido de que estes números não representam mais do que a parte visível do «iceberg»: «**Existem cerca de 200 pessoas que apresentam sintomas das premícias da doença. Por outro lado, as nossas estimativas, idênticas às do centro de controlo das doenças de Atlanta revelam que cerca de 500 a mil habitantes da cidade são seropositivas ou seja, uma taxa vinte a cinquenta vezes mais elevada que a média nacional.**»

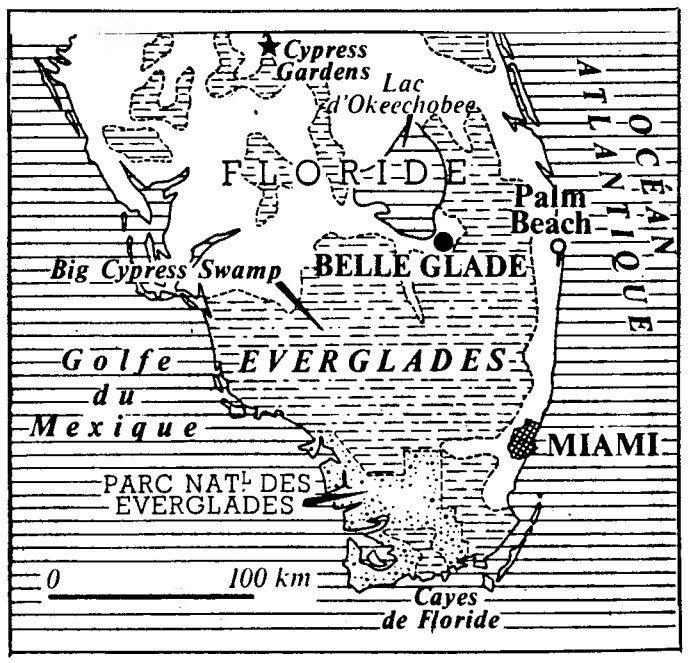
A especificidade da situação de Belle-Glade consiste, por um lado, que um doente em dois não faz parte de nenhum dos grupos de risco (toxicómanos, homossexuais ou com transfusões) e, por outro lado, que o SIDA atinge 99% dos negros que vivem num bairro miserável. Um autêntico «ghetto» que até ao início dos anos 60, foi declarado «zona negra» por decreto municipal e onde se acumulam hoje em edifícios a cair mais de dez mil pessoas, na sua maioria, haitianas.

O dr. Kenneth Castro, encarregado do estudo do SIDA em Belle-Glade para o CDC de Atlanta, calcula que são essas condições de vida que favorecem a eclosão do vírus. «**Belle-Glade,** explica, **extrai os seus recursos da cana de açúcar. Todos os anos, de Novembro a Maio, as grandes companhias açucareiras fazem vir dez mil jamaicanos, cortadores de cana, que são aparcados em enormes campos que rodeiam a cidadezinha. Todas as noites a maior parte deles desce ao «ghetto» onde, nessa época, prostituição e droga estão no auge. De tal maneira que a povoação se torna durante seis meses numa etapa obrigatória dos camionistas que passam pelo sul da Florida.**»

Recrudescência da tuberculose

Para o dr. Whiteside, o meio insalubre não permite, por si só, explicar esta epidemia. Com outros investigadores, como Jane Teas e John Beldekas (Universidade de Harvard), faz parte do que se chama **Cofactor school:** calcula que o vírus do SIDA, o HIV, não basta, por si só, para provocar o aparecimento da doença. Precisa, para isso, de vírus activadores, co-factores. E, precisamente, esses vírus pululam, na opinião dele, em Belle-Glade. Factor agravante, são propagados por mosquitos. Desse modo, 90% dos doentes atingidos pelo SIDA são, em Belle-Glade, seropositivos para o vírus «maguari». O mesmo para o vírus da «dengue» ou du «tensaw».

Diana tem vinte anos. Haitiana, trabalha nos campos de cana de açucar há cerca de um ano. Sorri quando lhe falamos dos mosquitos: «**A terra está situada à beira do grande lago Okeechobee, em pleno coração das Everglades. Os campos, irrigados pelos canais, são autênticos ninhos de mosquitos e, logo que a noite cai, uma nuvem de insectos abate-se sobre a povoação. Os brancos não correm nenhuns riscos porque vivem fechados nas suas casas climatizadas. Mas, no «ghetto», a maior parte de nós não têm nem ar condicionado, nem frigorífico, nem mosquiteiros, a água é escassa. Em resumo, vivemos com as janelas todas abertas e acontece frequentemente que somos picados por mais de uma centena de vezes por dia durante semanas inteiras.**»



Para muitos especialistas, a epidemia de Belle-Glade assemelha-se estranhamente à que está a desenvolver-se na África Central. O que é inquietante, é que as estatísticas do dr. Mark Whisteside tendem a provar que a tempestade está apenas no início: 22% dos casos de SIDA observados na Florida não fazem parte de nenhum dos grupos com risco. Em Miami, esta proporção é de 30%. A proporção homens-mulheres tende à igualdade e cada vez mais pessoas idosas são atingidas.

Ao mesmo tempo, e pela primeira vez deste há quarenta anos (quando da descoberta da penicilina), a tuberculose aumenta nos Estados Unidos em proporções dramáticas. A correlação entre SIDA e tuberculose parece hoje estabelecida. «**Se quer saber onde os próximos casos de SIDA vão surgir na Florida,** revela o dr. Whiteside, **basta verificar um mapa que indique as zonas em que a tuberculose se desenvolva.**

O mito do SIDA que atinja apenas os homosexuais e os drogados já durou o suficiente.

É necessário encarar a realidade para tentar lutar eficaz e inteligentemente contra esse flagelo que só agora começou a propagar-se.»

Os arbovírus activadores

Os vírus descobertos em numerosos habitantes de Belle-Glade e suspeitos de serem activadores do vírus do SIDA pertencem ao grupo dos arbovírus. Transmitidos por um antrópodo picador (mosquito, culicoide, flebótomo ou acarídeo), estes vírus provocam afecções virais chamadas arboviroses, que podem antingir tanto o homem como numerosos vertebrados (mamíferos, aves etc.). As arboviroses mais espalhadas são a febre amarela e a «dengue».

Se não é raro observar casos de «dengue» — geralmente benignos — no Sul dos Estados Unidos, em contrapartida é mais surpreendente descobrir com tal frequência (90%) a presença de traços de vírus «maguari» (do grupo dos Bunyamwera) nos habitantes de Belle-Glade atingidos pelo SIDA. As arboviroses devidas ao buyamwera estão, de facto, muito espalhadas em África mas muito menos no continente norte-americano.

Outra característica dos arbovírus consiste no facto de serem capazes pelo menos no animal, de activar retrovírus. Daí a imaginar que fazem a mesma coisa no homem, com o vírus do SIDA, eis o grande interesse da hipótese do dr. Whiteside que, no entanto ainda não foi cientificamente demonstrada.

F.N.
Le Monde

Uma Rosa verdadeira

Lia Viegas

Oh, Rosa. Bravo Rosa. Ó Rosa de Ouro. A nossa Rosa, a Rosa portuguesa, ganhou por duas vezes a maratona — a mais longa corrida — dos campeonatos europeus. Vimo-la correr no estúdio com a bandeira portuguesa na mão. Como Carlos Lopes já fizera nas Olimpíadas. E todos e todas ficamos plenos. Os pulmões encheram-se, uma maré subiu nos olhos alargados. A notícia da vitória já sabida foi esmiuçada, esquadrinhada, demorada e repetidamente explorada num gozo total, como amantes no acto do amor. Como se estivéssemos gostosamente, a confirmar a nossa existência como país e como povo, ou a identificarmo-nos com a vencedora.

Os jornais esgotaram-se tal qual tinha acontecido com aquela vitória da selecção portuguesa no Campeonato do Mundo de Futebol. Todos e todas gostámos de saber que a Rosa Mota, aquela frágil mulher, franzina e discreta, modesta e simples, segura e despretensiosa, qual gazela inapreensível, ganhara na prova difícil com facilidade superando-se a si mesma, com a certeza e a serenidade da vitória. E mais coisas, que eu só consegui arranjar um jornal que sobrou.

Quando foi da vitória no México, os sinais foram os mesmos. Os portugueses e portuguesas, fossem ou não aficionados do futebol, regozijaram. Reconstituiram o seu gozo de serem um povo com representantes no estrangeiro e que ganhara a outros povos. Comemoraram pela noite fora. Pelos dias seguintes. Cresceram. Sentiram-se capazes. Sentiram-se reabilitados. Riram, falaram, gritaram. Sentiram-se existentes.

— Isto é que é um povo, dizia-me um amigo. Somos um povo, pá. E não somos maiores porque não nos deixam. Livramo-nos da Espanha, mas a CEE não vai fazer nada de nós, podes crer. Apesar de sermos pobres.

Calou-se porque a altura não era de tristezas. Faço ideia como ele andará agora radiante, por causa da Rosa.

Mas, entretanto, nas outras vezes, temos as outras vezes, as vozes dos vencidos. Sentimos o fado, a desgraça, as névoas de D. Sebastião. E nem o governo de Cavaco nos convence, com as suas visões e prognósticos, apesar dos largos meios noticiosos de que dispõe. Podemos ser lunáticos, mas, na maioria, somos adultos e velhos. Até há poucas crianças a nascer e só algumas a crescer. Não nos dá nenhuma alegria ouvir dizer que a inflação baixou e vai baixar ainda mais, calculem. Que os preços baixaram e os salários aumentaram. Imaginem. Que o investimento, finalmente, aumentou, que muitos dinheiros que estavam lá fora voltaram. Isto dizem os índices. Isto também dizem as notícias. Mas porque é que a gente não goza com tais notícias? Se elas nos são favoráveis, se são destinadas a agradar-nos, a agradecer e a premiar quem tais feitos proclama?

Não sei responder bem. Diria, por metáforas, que esta velha nação e jovem democracia é uma mãe complacente e uma esperta rapariga. Ambas têm os pés no chão. E sabem distinguir a realidade da ficção.

Só a Rosa, cuja vitória é existente e real, nos alegra. Desta alegria, verdadeira Rosa, vos deu a já sabida notícia.

Mota Amaral deve estar presente

Soares nos Açores esperançado em "cerimónia pacífica"

O Chefe de Estado partiu a meio da manhã num avião «Falcon» da Força Aérea Portuguesa, rumo à cidade da Horta (Faial)SAssembleia Regional dos Açores, onde presidirá, a meio da tarde, à sessão solene comemorativa dos 10 anos da autonomia do arquipélago açoriano. «Não tenho dúvidas de que as comemorações vão decorrer com toda a normalidade», disse Soares à partida, recusando comentar a notícia de que alguns deputados regionais não compareceriam à sessão solene.

Mário Soares, que tinha a aguardá-lo no aeroporto faialense honras militares e — como estava previsto no programa — os cumprimentos do presidente da Assembleia Regional e do chefe do Executivo açoriano, Mota Amaral, partiu, entretanto, bem «apoiado» nas generalizadas posições de apoio das forças partidárias nacionais ao veto político que exerceu relativamente ao Estatuto regional.

O PRD quebrou, finalmente, o silêncio dizendo-se disponível para reapreciar os pontos controversos do diploma, e apenas o PSD continua silencioso. O seu grupo parlamentar e o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, o social-democrata Correia de Jesus, têm —recorde-se — graves responsabilidades no processo pela sonegação aos restantes grupos das dúvidas dos militares ao artigo 6 do diploma. Admite-se, entretanto, que na sua reunião, a Comissão Permanente do PSD tome posição sobre a matéria.

Fernando Amaral ausente

Fernando Amaral, cuja presença na Horta estava igualmente prevista, enviou uma mensagem à Assembleia Regional anunciando a impossibilidade de se deslocar. O Presidente da AR saúda no seu telegrama os dez anos de autonomia e exprime o desejo de que ela «ganhe cada vez maior largueza e profundidade».

Mota Amaral

Mota Amaral que não poderá deixar de estar hoje presente nas cerimónias da Horta, considerou «lamentável» a comunicação do PR. O líder regional foi — registe-se — o único membro do Conselho de Estado a adoptar na reunião de ontem uma atitude extremamente agreste em relação ao Chefe de Estado e aos Comandos Militares. Segundo apurou o «DL», Mota Amaral sublinhou particularmente «não aceitar» lições de patriotismo dos militares e terá insinuado cedências graves do PR aos Altos Comandos.

As reacções da Imprensa regional são igualmente contundentes. Para o «Açoriano Oriental» a decisão presidencial «é um atentado à autonomia» e significa um «sério revés para a democracia». O «Correio dos Açores» fala de «um precedente monstruoso que deixa antever um descrédito total nas instituições democráticas e, em contrapartida, uma força poderosa que recai em instituições sem representatividade como as Forças Armadas».

«Separatismo não é mito»

Fonte próxima do EMGFA comentou para o «DL» que a posição do PR foi «justa e correcta», constituindo um «importante travão a desenvolvimentos mais graves do Estatuto autonómico».

Fonte de Belém contactada pelo «DL» relativamente ao «respirar de alívio» da instituição militar, admitiu que Mário Soares foi sensível também aos argumentos de graves perigos para a unidade nacional, caso o Estatuto fosse promulgado. «O separatismo não é um mito...», confidenciou a mesma fonte ao «DL».

Apoio generalizado dos partidos

O PSD é, até ao momento, o único partido com representação parlamentar que mantém absoluto silêncio sobre a questão açoriana, não tendo comentado ainda o veto presidencial. Da reunião, prevista para hoje, da sua Comissão Permanente, admite-se a primeira posição pública do partido apoiante do Governo e o único que teve conhecimento atempado das dúvidas dos militares relativamente ao estatuto.

O PS comentou o veto presidencial considerando-o «lícito, oportuno e patriótico». A decisão do PR — sublinham os socialistas — «exprime a inquietação da opinião pública e confere aos partidos a oportunidade de uma ponderação adicional». Considera ainda o PS que a nova redacção do diploma deverá garantir «uma autonomia em que o reconhecimento de modos regionais de ser e exprimir Portugal recuse igualmente a nostalgia centralista e a veleidade separatista».

PRD «disponível»

O PRD tomou finalmente posição sobre a «guerra dos símbolos», manifestando-se disponível para reapreciar o diploma, conforme a decisão do Presidente da República. Diz o PRD que a redacção do controverso Artigo 6 do Estatuto «não é a mais feliz», mas «não conduz à inrterpretação que foi feita». Segundo o PRD, «nunca se colocou a hipótese de, em quaisquer circunstâncias e para quaisquer efeitos, se equipararem os símbolos regionais aos símbolos nacionais, o que aliás seria absurdo e perfeitamente inadmissível».

Os renovadores consideram ainda positivo que os Comandos Militares tenham dado conhecimento das suas observações e acrescenta ser «incompreensível» que o Governo «não tenha feito chegar à AR, órgão de soberania competente para decidir em tal domínio, tais observações e presocupações, para que os deputados as pudessem conhecer e apreciar».

Para o PCP, em nota da Secção de Informação, a decisão de Mário Soares «corresponde de forma positiva às preocupações suscitadas na opinião pública e em diversos sectores relativamente a algumas dispoisições da primeira revisão do Estatuto político-administrativo da Região Autónoma dos Açores».

CDS: e o Governo?

O líder do CDS, Adriano Moreira, sublinhou, por seu turno, que o PR «exereu uma prerrogativa constitucional seguramente baseada em factos que não foram levados ao conhecimento da Assembleia da República». No mesmo sentido vai a posição de Comissão Permanente do seu partido, que decidiu, através do Grupo Parlamentar centrista, requerer ao Governo «que sejam presentes à Assembleia da República os pareceres das Forças Armadas», criticando ainda o «alheamento» («que se mantém») do Executivo.

MDP: «Há outras cláusulas...!»

O MDP/CDE «está de acordo com a posição assumida pelo Presidente da República» de vetar o Estatuto dos Açores, declarou o seu dirigente e deputado Corregedor da Fonseca, salientando, entretanto, que o artigo em questão, «não é susceptível de qualquer confusão, nomeadamente no que se pretende que exista paridade entre os símbolos nacionais e regionais».

Para o MDP/CDE, «depois da intervenção do Presidente da República, estão criadas as condições para que a Assembleia da República estão criadas as condições para que a Assembleia da República clarifique o referido artigo e possivelmente outras cláusulas do Estatuto, de forma a que se evitem interpretações abusivas como a que se verificou».

UDP: Travar EUA

A UDP emitiu esta manhã um comunicado classificando de «positiva» a decisão presidencial e frisando estar criada uma situação em que a AR «pode agora impedir a passagem das posições separatistas exigidas pelo imperialismo americano». Considera, todavia, a UDP que a decisão de Soares deixa colocados dois problemas: 1 — vão continuar-se a fazer cedências aos americanos ou não; 2 — se a AR aprovou sob pressão do tempo e do grande volume de trabalho em fins de sessão legislativa o Estatuto dos Açores, o mesmo aconteceu com a Lei de Segurança, a lei do Código de Processo Penal, Lei do Arrendamento Rural, etc.; pelo que não resta ao PR outro caminho a não ser vetar também estes diplomas».

A comunicação do PR

É do seguinte teoR a Comunicação do Presidente da República:

«Como é do conhecimento público, com a aprovação do Estatuto político-admninistrativo da Região Autónoma dos Açores (Đecreto N.º 44/IV de 24 de Julho de 1986) suscitou-se uma polémica exacerbada, com tomadas de posição irreflectidas e emocionais, visando porventura exercer pressão sobre o Presidente da República, a quem compete constitucionalmente promulgar, ou não, o referido diploma, no prazo legal.

Numa questão que tem a ver com a Unidade Nacional e os seus símbolos e também com a consolidação da experiência autonómica, que é uma das realizações mais significativas da democracia portuguesa, impõe-se uma reflexão serena, isenta e não interferida por factores emocionais.

Tratando-se de um problema essencialmente político, embora também jurídico-constitucional, quis ouvir o Conselho de Estado, que «é o órgão político de consulta do Presidente da República» (Artigo 144).

No decurso do meu mandato tenho procurado sempre defender, por actos e palavras, a solidariedade institucional; como um valor essencial de estabilidade política, manifestando a todos os órgãos de soberania e designadamentge à Assembleia da República, o meu respeito e apreço, como centro vital da democracia portuguesa que é.

Entretanto, tem vindo a ser reconhecido por parlamentares e dirigentes políticos de todos os partidos que o estatuto político-administrativo da Região Autónoma dos Açores foi aprovado sob pressão no final da sessão legislativa, ainda que por unanimidade, e que cont'em disposições menos felizes, com redação que se presta a interpretações divergentes e desestabilizadoras.

Trata-se de um diploma importante, de tipo paraconstitucional, devendo por isso ser objecto do maior cuidado e ponderação, por forma a não dar lugar a interpretações polémicas evitáveis. Sucede que o processo legislativo só termina com a promulgação, referenda, e posterior publicação, podendo o Presidente da República, garante da unidade do Estado, solicitar à Assembleia da República nova apreciação do diploma, em mensagem fundamentada, sempre que, em consciência, o entenda necessário. Nisto consiste, precisamentte, o exercício do direito de veto, faculdade atribuída ao Presidente da República, nos termos do Artigo 139.º da Constituição, e que não contém em si mesma nada de anormal ou de dramático.

Tudo ponderado, resolvi solicitar à Assembleia da República a reapreciação do Estatuto Político-Administarativo da Região Autónoma dos Açores, o que não pode ser considerado, por ninguém, como um acto de menos apreço pela experiência autonómica açoriana. Pelo contrário: é no aperfeiçoamento legislativo e na ponderação consciente de interprfetações divergentes que as instituições se afirmam e desenvolvem, sem dar lugar a processos de intenção ou a suspeições, num sentido ou noutro, que tenho por ilegítimos.

Como diz a Constituição — «a autonomia das Regiões visa a participação democrática dos cidadãos, o desenvolvimento económico e social e a promoção e defesa dos interesses regionais, bem como o reforço da unidade nacional e dos laços de solidariedade entre todos os portugueses».

É neste espírito que havemos de prosseguir, serenamente e em bom convívio institucional, uma experiência, cujos dez anos, se comemoram precisamente agora, que tem inegáveis virtualidades democráticas e que honra Portugal.»

Encontros políticos de Azevedo Soares na Cimeira dos Não-Alinhados

O secretário de Estado dos Negócio Estrangeiros, Azevedo Soares, que se encontrou com o presidente do ANC, Oliver Tambo, disse ao dirigente sul-africano que o governo português veria com bons olhos e sua vinda a Lisboa. Azevedo Soares conversou com Oliver Tambo no intervalo de uma das sessões da VIII Cimeira dos Não-Alinhados, que decorre em Harare e a que Portugal assiste como país convidado. «O encontro foi cordial» — disse Azevedo Soares à agência NP.

Durante o encontro, em que Soares pôs o Líder do ANC ao corrente da política portuguesa para a África Austral, falou-se da numerosa comunidade portuguesa na África do Sul.

«Oliver também afirmou que tanto a comunidade portuguesa como Portugal teriam um lugar privilegiado na futura África do Sul não racial» — acrescentou Azevedo Soares.

Oliver Tambo apreciou a nova orientação da política portuguesa em relação aos problemas na África do Sul e na região, demonstrando compreender as suas limitações e fronteiras — disse ainda.

A ANC vê as sanções, que há muito vêm advogando, como o único meio que lhe parece viável a fim de evitarem a luta armada — disse Tambo a Azevedo Soares.

Azevedo Soares encontra-se também esta tarde no edifício onde decorre a Cimeira dos Não-Alinhados com o ministro dos Negócios Estrangeiros do Zimbabwe, Witness Mangwende, a quem entregou uma carta do Primeiro Ministro Cavaco Silva dirigida ao seu homólogo, Robert Mugabe.

O secretário de Estado descreveu este encontro como «cordial». Witness Mangwende disse a Azevedo Soares que nesta altura seria impossivel a Robert Mugabe poder receber o secretário de Estado português por absoluta falta de tempo.

«Uma impossibilidade Física» — frisou.

Robert Mugabe é «anfitrião nesta semana de mais de 50 chefes de Estado e primeiros-ministros.

Azevedo Soares informou Witness Mangwende de que Lisboa nomeará em breve um embaixador para Harare.

A Embaixada portuguesa no Zimbabwe encontra-se sem titular há cerca de um ano, em virtude de doença prolongada do embaixador Luís Martins, que faleceu há cerca de três semanas.

Azevedo Soares encontrou-se ainda com os presidentes de S. Tomé, Pinto da Costa, da Guiné-Bissau, Nino Vieira e, por duas vezes, com Samora Machel, de Moçambique.

Grupo Liberal, Reformista e Democrático do Parlamento Europeu

Não existem na Comunidade "parentes ricos e parentes pobres"

-afirmou Simone Veil

A presidente do Grupo Liberal, Reformista e Democrático do Parlamento Europeu, Simone Veil, afirmou que a Comunidade «está sensibilizada para as questões das regiões periféricas e insulares e pretende demonstrar que não existem grandes distâncias no seu seio». Falando no decorrer de uma conferência de Imprensa ontem no Funchal, Veil confirmou que a problemática das regiões periféricas e insulares da Comunidade foi o tema de fundo das Jornadas do Grupo que hoje terminam.

Referindo-se à política agrícola comum, Simone Veil considerou que ela tem estado na origem de muitas das questões orçamentais da Comunidade e rejeitou a existência, no seio da Comunidade, de «parentes ricos e parentes pobres».

A propósito do problema orçamental da CEE, Simone Veil salientou a importância de participação nos trabalhos de Rui Carp, secretário de Estado do Orçamento, «na medida em que foi possível conhecer a realidade portuguesa e tomar conhecimento das expectativas do Governo de Portugal».

Respondendo aos jornalistas, Veil considerou erradas as tentativas que possam ser feitas com vista a uma renegociação do tratado de adesão de Portugal.

Admitiu a propósito que na última Cimeira de Chefes de Estado e de Governo dos países membros «na ânsia de se procurar um êxito da reunião, se substimaram questões importantes como a participação da Comunidade à Inglaterra, a adesão de Portugal e de Espanha, que implicavam o reforço do orçamento comunitário, colocando-nos assim dificuldades».

Rui Almeida Mendes, intervindo na conferência de Imprensa anunciou a abertura em Lisboa de um «Bureau» de informações do Parlamento Europeu e realçou o facto do PSD ser o único Partido que dispõe no Parlamento Europeu de representantes das duas Regiões Autónomas.

Deputados da Madeira e dos Açores?

O líder dos sociais-democratas portugueses no Parlamento Europeu manifestou-se convicto de que a Assembleia da República não colocará obstáculos para que, nas eleições directas para aquele órgão comunitário, a Madeira e os Açores possam eleger os seus deputados através da criação de círculos eleitorais autónomos, posição que disse ser defendida pelo PSD.

Christianne Scrivener, especialista do Grupo em Questões Orçamentais, disse aos jornalistas que apesar das dificuldades surgidas na aprovação do Orçamento Comunitário de 1986 — o que aconteceu em Julho — «a batalha que teve lugar acabou por ser benéfica na medida em que tudo o que havia sido previsto, quer em termos de necessidade da CEE e de compromissos a assumir com Portugal e com a Espanha, foi salvaguardado».

Scrivener, ex-secretária de Estado adjunto do ministro da Economia de França em 1976, recordou que relativamente ao Orçamento para o próximo ano ainda não existe acordo e admitiu que na reunião que vai realizar-se em Bruxelas no fim-de-semana serão abordadas questões que «não vão ser fáceis».

Manifestando «confiança no futuro», Christianne Scrivener disse não ser possível estabelecer uma dicotomia entre a política agrícola comum e os fundos estruturais.

«No fundo — concluiu — é necessário reformular e redefinir a política agrícola comum da comunidade e aumentar os recursos próprios da Comunidade e dos seus fundos estruturais».

Moções

Durante a conferência de Imprensa foi anunciado que o Grupo Liberal, Democrático e Reformista prepara a apresentação ao Parlamento Europeu de moções relacionadas com as regiões periféricas e insulares e com os incêndios florestais que anualmente ocorrem na zona mediterrânica europeia.

Carlos Encarnação volta ao PSD

O ex-secretário de Estado da Administração Interna, Carlos Encarnação, disse que entre as razões que o levam a reingressar no PSD estão o acerto da direcção política do partido e da actividade governativa.

A Comissão Política do PSD já ratificou o reingresso de Carlos Encarnação, que se afastara há cerca de um ano por discordância da estratégia que considerava «oscilar entre arranjos do poder após as eleições».

Carlos Encarnação já participara na campanha presidencial de Freitas do Amaral que — disse — «embora não se tenha saldado por uma vitória formal, gerou no entanto uma maioria de apoio real ao actual Governo».

Fonte partidária disse que também reingressou no PSD o ex-activista dos socio-profissionais José Gonçalves Espírito Santo e aderiram ao partido o vice-presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro e presidente regional da Ordem dos Engenheiros, Carlos Loureiro e o presidente da Junta de Freguesia de São Martinho, João Serrano.

«MANUEL FERNANDES GARCIA LIMITADA

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Julho corrente, lavrada de fls. 5l v°. a 54 do livro de notas para escrituras diversas n°. 150-G, do 12°. Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lídia Rodrigues Maia Devesa, os únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a firma em epígrafe e sede em Lisboa, alteraram parcialmente o respectivo pacto social, substituindo a redacção do corpo do artigo segundo e a do artigo quarto, pela seguinte:

SEGUNDO

O capital social é de TRÊS MILHÕES DE ESCUDOS, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de um milhão e quinhentos mil escudos, da sócia Olga Silva Garcia Taveira de Azevedo; e uma de um milhão e quinhentos mil escudos, do sócio Hernani Fernandes Garcia.

QUARTO

A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo dos dois sócios, que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessária e suficiente a assinatura isolada de qualquer um dos gerentes para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos, podendo delegar poderes entre si e a sociedade constituir mandatários, nos termos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

Está conforme. Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos quinze de Julho de mil novecentos e oitenta e seis.

O 2°. AJUDANTE

Ezequiel Gonçalves dos Santos

D.L. 4/9/1986

PROELECTRÓNICA – COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS E ELECTRÓNICOS, LDA.

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 1 de Agosto de 1986, lavrada de folhas 82 a folhas 83 do livro de notas para escrituras diversas número 21-M, do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada em Direito Maria Filomena Marques da Cruz, foi constituída entre MARIA EMÍLIA DO CARMO CARNEIRO DOS SANTOS, ELGA MARINA SOARES ALMEIDA MESTRE E ABDUL HABIB MOHAMED, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, com sede em Lisboa, freguesia da Penha de França, na Rua Marques da Silva, número 51-A, e que se rege pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

Artigo 1.°

A Sociedade adopta a denominação PROELETRÓNICA – COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS E ELECTRÓNICOS, LDA., tem a sua sede em Lisboa, na Rua Marques da Silva, número cinquenta e um A, Freguesia de Penha de França e durará por tempo indeterminado, a contar desta data.

A gerência, por simples deliberação sua, poderá transferir a sua sede para qualquer outro local do concelho de Lisboa, bem como instalar sucursais, filiais, escritórios ou qualquer outra forma de representação onde e quando entender necessário.

Artigo 2.°

O objecto social é a importação e comercialização de equipamentos eléctricos, electrónicos e informáticos.

Artigo 3.°

O capital social é de quatrocentos e cinquenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de três quotas iguais de cento e cinquenta mil escudos, uma de cada sócio.

Artigo 4.°

As cessões de quotas ou parte delas são livremente permitidas entre os sócios.

As cessões de quotas ou de parte delas a favor de terceiros ficam dependentes do prévio consentimento da sociedade, à qual fica reservado o direito de preferência, devendo constar da respectiva acta as condições de cessão e a identificação do cessionário.

Artigo 5.°

Administração e a representação da sociedade, em juízo ou fora dela, caberá ao concelho de gerência, a nomear em assembleia geral, composto de dois ou três membros.

A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

Até ao momento em que a assembleia geral deliberar de forma diferente, todos os sócios são gerentes.

Os gerentes poderão delegar os seus poderes, total ou parcialmente, mediante procuração bastante, mas quando tal delegação de poderes recaia em não sócio fica dependente do consentimento expresso da assembleia geral.

Para obrigar a sociedade em quaisquer actos ou contratos é necessária e suficiente a intervenção de dois gerentes ou seus respectivos delegados.

Para assuntos de mero expediente bastará, porém, a assinatura de um só dos gerentes ou do respectivo delegado.

Artigo 6.°

A gerência tem os mais amplos poderes de gestão e, em especial, os de adquirir, vender, trocar ou onerar de qualquer forma os bens móveis e imóveis da sociedade, designadamente veículos automóveis e/ou motorizados.

Artigo 7.°

Os sócios gerentes não poderão obrigar a sociedade em quaisquer actos ou contratos estranhos aos negócios da sociedade, nomeadamente letras e fianças de favor.

Artigo 8.°

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou representante do interdito, devendo aqueles nomear de entre si um que a todos represente enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Artigo 9.°

A sociedade poderá amortizar qualquer quota quando esta for apreendida ou penhorada judicialmente ou objecto de qualquer outro procedimento judicial, pelo valor apurado em função do último balanço geral aprovado.

Artigo 10.°

As assembleias gerais, quando a lei não exigir formalidade especial, serão convocadas por carta registada, expedida com, pelo menos, oito dias de antecedência.

Artigo 11.°

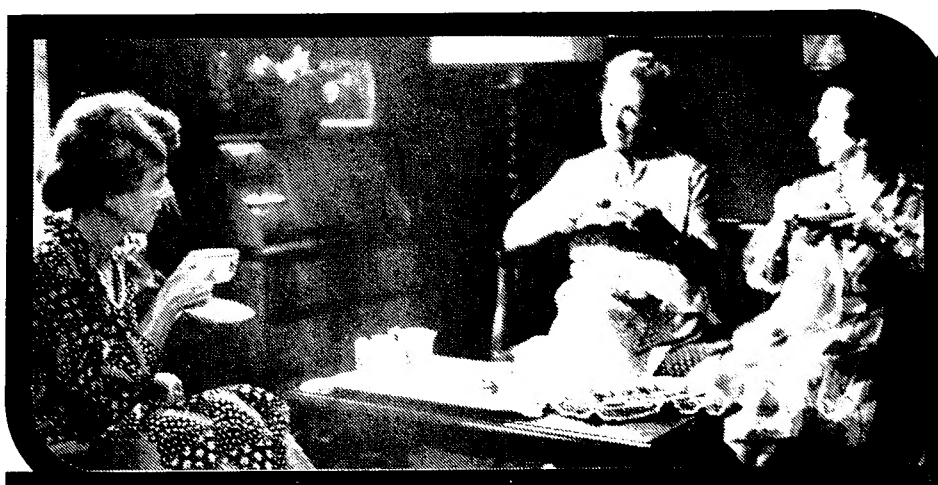
Os balanços serão anuais e referentes a 31 de Dezembro de cada ano, dividindo-se os lucros líquidos pelos sócios depois de deduzidas as percentagens fixadas na assembleia que aprovar as contas, salvo se for decidido, por unanimidade, de outro modo.

Está conforme: Lisboa aos onze de Agosto de mil novecentos e oitenta e seis.

O Segundo Ajudante
José dos Santos Ramos

D.L. 4/9/1986

O NOSSO CAMINHO COMEÇA PELOS MAIS DESPROTEGIDOS



Em Portugal, todos os trabalhadores beneficiários da Segurança Social, idosos ou inválidos, têm direito a uma pensão.
No entanto, não é possível, nem seria justo, que essa pensão beneficiasse de forma igual aqueles que pouco ou nada contribuiram e aqueles que levaram toda uma vida a descontar.
Estando em causa concretizar princípios e aspirações de justiça social foi decidido proceder, desde já, a um

AUMENTO EXTRAORDINÁRIO DE PENSÕES

para todos aqueles que, em consequência de:

- baixos salários,
- reduzido tempo de contribuição,
- invalidez em idades jovens

recebem apenas uma pensão de valor reconhecidamente modesto.

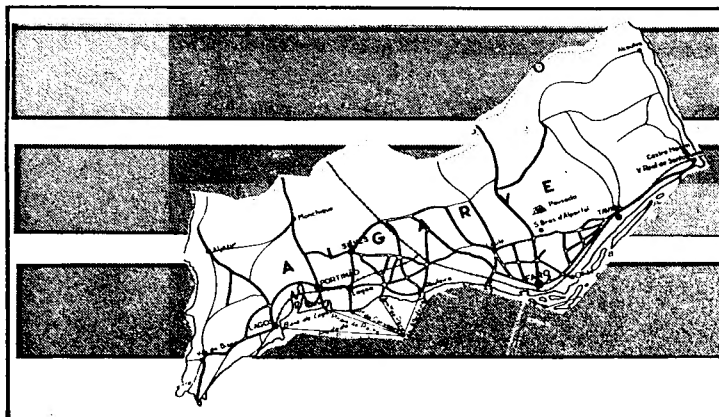
	SITUAÇÕES ANTERIORES			NOVA SITUAÇÃO	
REGIME GERAL Pensão Mínima	OUTUBRO/85	DEZEMBRO/85		SETEMBRO/86	
	5 500$00	6 900$00	+ 25,5%	10 000$00	+ 45%
REGIME ESPECIAL TRABALHADORES AGRÍCOLAS	4 800$00	5 900$00	+ 22,9%	7 500$00	+ 27%
REGIME NÃO CONTRIBUTIVO OU EQUIPARADO	4 600$00	5 700$00	+ 23,9%	6 500$00	+ 14%

O AUMENTO agora estabelecido entrará em vigor a partir de SETEMBRO (sendo a diferença acrescida ao pagamento da pensão de OUTUBRO) e, facto que se pode considerar da maior importância, **não invalidará as habituais actualizações periódicas.**

SEGURANÇA SOCIAL

Mais Segurança Social

Ministério do Trabalho e Segurança Social
Secretaria de Estado da Segurança Social



Algarve: uma região de papelão? (1)

Turismo

A "galinha dos ovos de oiro" fala inglês

Nuno Ribeiro

Do Algarve, até há pouco tempo, conhecíamos as praias das divisas, o turismo do equilibrio das contas. Há dois anos, soube - mos, incrédulos, que o saneamento básico estava ultrapassado pela frequência e necessidades, que a água canalizada sabia a sal, que a falta de corrente não era pitoresca nem propositada. Aberta a torneira das reclamações, as carências desfilam a um ritmo tão impressionante como rápido, e descontrolado, foi o crescimento. As dependências afirmam-se gritantes, e se a «ga - linha dos ovos de oiro» fala inglês, em dólares desce o rendimento das receitas turísticas. Se o saneamento colocou o mar na «linha» com as recomendações da CEE, a água canalizada não chega a 40 por cento da população e os esgotos favorecem pou - co mais do que a metade dos residentes. Se há 160 quilómetros de costa aprazível, têm diminuido, como no País, as capturas das espécies e a esperança é, agora, criar em tanques a dourada, o linguado e o robalo que franceses e italianos disputam. Se a horticultura marca pontos, o Plano de Rega tem os ponteiros atrasados, e das indústrias tradicionais sobram as falências. Se o dinheiro do turismo equilibra o déficite, um terço da actividade é clandestina, e há 9.430 desempregados para 580 empregos. Se o tempo é de férias, aumentam os cheques sem provisão e as burlas. Se há um Plano de Desenvolvimento Regional, falta a Região, mas sobram as potencialidades para um futuro de pro - gresso.

Será que os tempos não mudam, e a embalagem linda por fora continuará a ter como surpresa um interior carenciado?

Estará o Algarve condenado a ser uma região de papelão?

Os sinais ultrapassam o concebível do «pub» para se estenderem ao «fish and ship», à «happy hour» dos bares, aos preços indicados em libras no cardápio de um dos muitos restaurantes de Albufeira. No Algarve, turismo tem sido sinónimo da presença de ingleses que, para além da pele branca e das peúgas coloridas, trazem a «animação» da libra. Razão porque, se a galinha dos ovos de oiro da década de setenta e dos primeiros anos de 80 falar alguma língua, terá que ser forçosamente o idioma dos súbditos de Sua Majestade.

«Foi uma sorte que os oblemas de há dois anos nham sido com suecos, porque se fossem com ingleses as consequências seriam, sem dúvida, muito piores». Na penumbra de um gabinete onde nos chegam os ruídos das motos, um dos principais interessados no desenvolvimento turístico «larga» a confidência, logo seguida de um pedido de não identificação. Numa frase, que relembra o passado e faz a ponte para o presente, fica delineada a história recente do turismo algarvio, a sua dependência em relação a um mercado, os temores face a uma exclusividade preocupante.

É que, dizem as estatísticas, 80 por cento dos estrangeiros que procuram a região durante o ano são oriundos das Ilhas Britânicas.

Da família espanhola aos «tours»

Apesar dos seus hábitos terem ganho direito a cartazes, das suas preferên-cias gastronómicas invadirem as listas dos restaurantes,da sua lingua se ter convertido quase na segunda oficial, a descoberta do Algarve pelos ingleses é recente. A implantação foi ajudada pelo número avassalador, e pela força da libra, enquanto que em troca recebiam o sol arrodos, um rol de dias por ano, e a água, sem petróleo mas farta em calor.

De facto, nas primeiras décadas do século, a falta de estradas e os montes que isolavam a região, apenas não desmotivavam os alentejanos, que tinham em Monte Gordo a sua principal estância de veraneio. De resto, as Caldas de Monchique, Vila Real de Santo António e Praia da Rocha, recebiam os poucos turistas nacionais, desejosos do efeito das águas milagrosas ou sequiosos de ousados banhos nas ondas, à procura de casamento. Era um turismo familiar, e entre amigos de uma mesma classe social, confirmavam-se teses, desfrutava-se o bem estar dos eleitos e arranjavam-se casamentos.

Do outro lado do Guadiana, de Huelva, chegava, por essa altura, a única corrente turística estrangeira. O «pacto ibérico» funcionava, então, no turismo.

Depois da Guerra, é que, de outros horizontes, mas sempre aproveitando as delícias de um cambio favorável, apareceram os primeiros reformados, para, a partir dos anos 70 uma nova colónia se fixar e viver de, e para, a actividade turística, surpreendendo os portugueses que, na viragem da década de 60, acompanhada pela decadência dos tradicionais locais de veraneio, da Granja ao Estoril, da Póvoa do Varzim à Figueira da Foz, tinham escolhido as terras algarvias para as suas férias.

Durante anos, com as oscilações suscitadas pela evolução política, esta foi a convivência possível. Até que, na voragem da crise interna, na apoteose do «turismo de massas», a componente externa se afirma. É o tempo dos «tours» internacionais, das guias estrangeiras vestindo as cores dos seus empregadores, lutando, nos hoteis, contra a falta de água,sempre esgrimindo com um poderoso argumento: as divisas.

«Aqui reina a lei da selva»

«O grande desenvolvimento do turismo foi a partir de 1980, época em que se tem feito muito mais pelo turismo, do que nos últimos 20 anos», declara Luis Filipe Madeira, Presidente da Região de Turismo do Algarve (RTA). O seu discurso sublinha a importância das obras de saneamento básico realizadas em ritmo vivo depois do alarme de Albufeira, o ainda insuficiente alargamento das estradas, as primeiras medidas na protecção do ambiente.

Medidas que, por falta de planeamento e visão, tinham sido sucessivamente adiadas, como se a «galinha dos ovos de oiro» da economia nacional não tivesse o seu periodo natural de esgotamento. Com 50 por cento das camas turísticas nacionais, mais de 50 por cento das receitas da actividade turística, representando 10 por cento do emprego total da região, cerca de 43 mil postos de trabalho, concentrando 60 por cento do investimento nacional do sector, com 1,9 milhões de turistas em 1982, o Algarve passou a ser associado ao equilibrio de contas. Das suas estatísticas e números, políticos fizeram bandeiras de optimismo, proclamaram vitórias sobre a crise, anunciaram um futuro diferente e melhor.

Albufeira: 1/3 das camas turísticas estão aqui

No entanto, a actividade «milagreira», debate-se com problemas sérios. «As camas legalizadas correspondem apenas a um terço», revela ao «DL», Mário de Jesus, director da Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve (AIHSA), opinião corroborada por José Morte, da União dos Sindicatos do Algarve, segundo o qual «de 1981 a 84 criaram-se 450 novas unidades hoteleiras, das quais 150 estam legalizadas, 150 são semi-clandestinas e as restantes operam na mais completa clandestinidade».

Neste lote de 175 mil camas, incluem-se não apenas os quartos de aluguer, «que chegam a atingir os cinco contos por dia», segundo revelou em Albufeira um recepcionista de um hotel, encaminhador de turistas em apuros, como empreendimentos de maior dimensão, «apartamentos com promoções no estrangeiro, com o dinheiro a ficar lá fora», como refere Mário de Jesus.

Por outro lado, dos 43 mil trabalhadores do sector, apenas 23 por cento trabalham regularmente nas unidades hoteleiras, conferindo à sazonalidade uma dimensão bem menos feliz da que transparece da propaganda turística. Acresce ainda o facto de, metade dos pro-

fissionais do sector só possuirem o ensino básico, de 16 por cento não terem habilitações escolares, e de menos de 2 por cento terem formação ao nível do bacharelato e licenciatura.

«Aqui reina a lei da selva, há trabalho temporário, não se respeitam horários de trabalho, há trabalho clandestino, menores a trabalhar», sintetiza José Morte.

«Dependência face ao mercado histórico»

«Temos uma deficiente organização e prevenção dessas coisas», admite Luis Filipe Madeira. Para além das situações sociais graves que gera, o recurso ao trabalho temporário de pessoal não qualificado, cria, também, uma má imagem do turismo que propomos nos cartazes e prospectos.

A necessidade de uma Escola de Hotelaria e Turismo ressalta de imediato, numa região onde, como confidenciava um jovem escalabitano, «se faz fortuna fácilmente, como o meu patrão que enriqueceu em pouco mais de dez anos».

A consequência sentem-na os turistas em férias que, num inquérito realizado há dois anos, lamentavam a ausência de informações turísticas, pediam melhores restaurantes e reclamavam por uma melhor qualidade dos serviços.

Apesar das carências que são por todos reconhecidas, entre 1980 e 83 houve uma subida de 37 por cento na entrada de turistas, traduzida por um aumento de 14 por cento das dormidas e... numa diminuição das receitas, em dólares, de cerca de 30 por cento. Se, os primeiros sete meses do ano passado registaram um acréscimo de 20 por cento de turistas, com um aumento das receitas em escudos de mais de 30 por cento e em dólares de apenas... 4 por cento, a realidade não pode ser escamoteada.

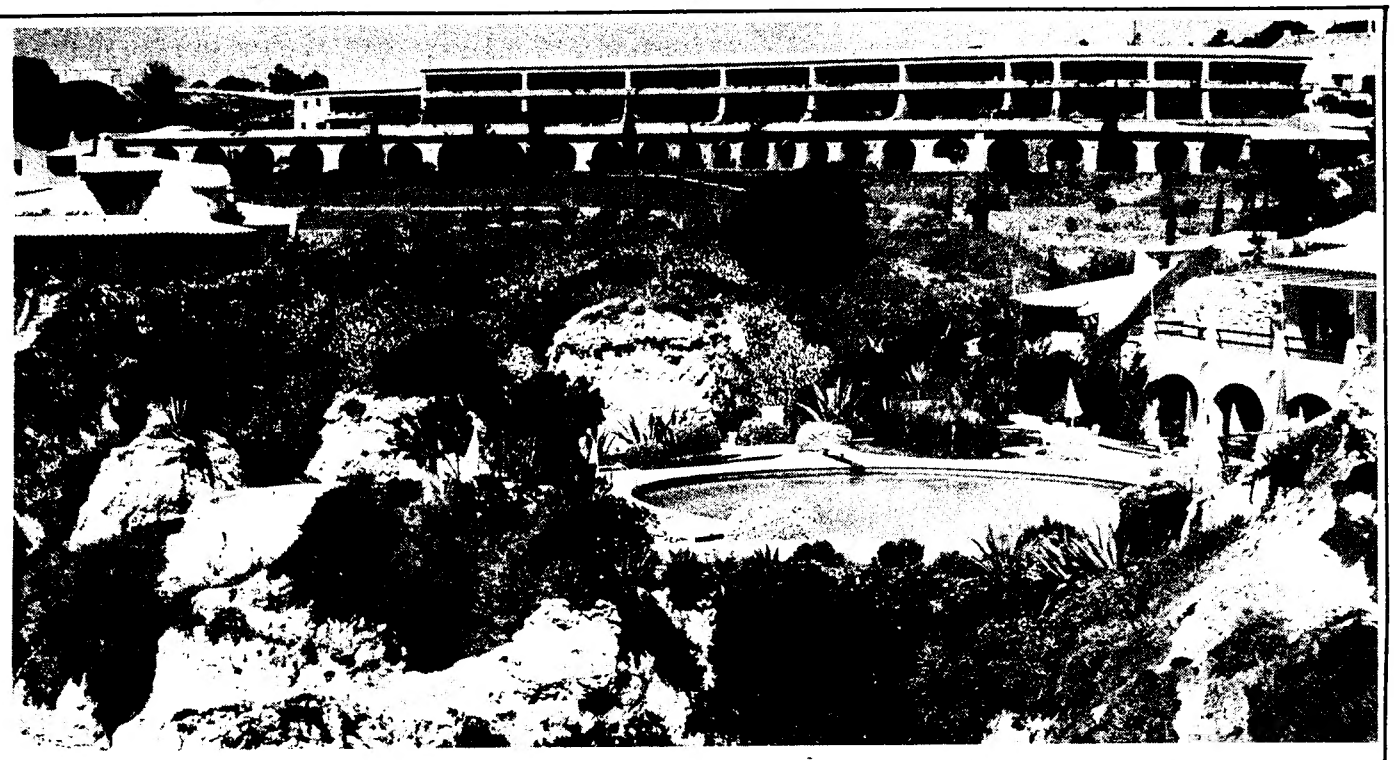
Ao mesmo tempo que preenchem as camas do Algarve, os grandes operadores internacionais retêem uma boa parte dos lucros no estrangeiro, beneficiando do «turismo de massas» que tem provocado uma quebra acentuada na qualidade da oferta.

Nesta perspectiva, e quando se vão afirmando novas correntes turísticas, os industriais do sector pretendem ver diminuída a dependência das suas empresas em relação ao «totalitarismo» do mercado inglês.

«Os hoteleiros do Algarve têm consciência do risco da dependência em relação ao mercado histórico», subinha Mário de Jesus, não escondendo uma certa expectativa em relação à afluência de espanhóis. «O espanhol, pelo fácil acesso, a ser melhorado depois da construção da Ponte do Guadiana, pode passar férias no Algarve, mas é necessário uma outra dinamização do Centro Português de Turismo de Madrid, para se aumentar o coeficiente de dormidas», refere aquele responsável da AIHSA.

Turismo rural: uma saída...

Não é apenas a quase exclusividade de um mercado que afecta o turismo algarvio. Implantado sem regras, sem apoios de infra-estruturas, o sector tem apenas vivido junto à beira mar. Assim, quatro concelhos, Albufeira, Loulé, Lagos e Portimão, detêem 85,5 por cento da oferta regional de



camas para o turismo, e se Luis Filipe Madeira sublinha que «a actividade turística não contribuiu para alargar as assimetrias, pois permitiu que no interior se tenha feito a grande Revolução do Algarve, com a abertura de estradas a modernização da agricultura sem desemprego, e a electrificação, onde à data do 25 de Abril era a zona mais atrasada do País», ninguem esconde que a preferência pelo litoral levou ao esgotamento de algumas soluções de oferta.

«O Algarve ainda não chegou à saturação e, para além de toda a faixa que vai de Faro até Vila Real de Santo António, que tem de ser desenvolvida sem se destruir o ambiente, há ainda o interior», sublinha Cabrita Neto, Governador Civil de Faro. Se, novas direcções são apontadas, «é necessário que o nosso turismo seja feito de uma maneira mais pensada, porque nunca houve planeamento e há que ter as infraestruturas necessárias para cada tipo de turismo, pois há espaço para todos», acentua Mário de Jesus, referindo com algum optimismo a existência do Plano Nacional de Turismo.

Aliás, no relatório do trabalho realizado sob a égide do actual secretário de Estado do Turismo, Licílio Cunha, são apontadas as novas correntes turísticas que priveligiam para as férias «o repouso activo em vez da regeneração passiva».

Sob esta frase, está uma profunda alteração do esquema de fazer férias, a condenação das estadias estandartizadas propostas pelo «turismo de massas», o anuncio do regresso a uma dimensão mais humana com a multiplicação de centros pequenos em detrimento dos verdadeiros monstros de betão.

Como todas as zonas turísticas internacionais, o Algarve foi deformado pela implantação de estruturas gigantescas, estranhas à arquitectura da região, criadas com a única preocupação de receber, de dar vazão à procura.

Particularmente importante nesta alteração das correntes turísticas, será a implantação do turismo rural, que tem a preferência da CEE em termos de investimento. «O próprio agricultor pode vir a ter terrenos e culturas que levam os turistas a participar, recebendo em troca o convívio com uma família rural, os seus usos e costumes», antevê Luis Filipe Madeira.

Como o responsável da Região de Turismo do Algarve refere, esta solução implica condições de infraestruturação, as habitações, e de ordenamento de território, o estabelecimento de quintas, para além de novos processos de animação, bem diferentes dos que actualmente o Algarve dispõe. Entre esses, estão os 20 percursos dos passeios pedrestes que, de acordo com um levantamento feito pela RTA, num total de nove concelhos do barrocal e serra algarvia, com um mínimo de 45 minutos e um máximo de seis horas, possibilitam 63 horas de convívio com a natureza.

E, não deixaria de ser paradoxal que um sector como o turismo que alterou profundamente a realidade algarvia, introduzindo hábitos diversos, viesse a salvar a região de um ocaso anunciado pelas novas correntes turísticas.

Na terra do "time-sharing" o outro lado da Aliança

Na zona dos restaurantes, eles guiam os turistas e, pelo caminho, colocam-lhes nas mãos propectos de urbanizações, combinam encontros, prometem as melhores férias de sempre. São jovens estrangeiros que, em Albufeira, a partir de Março começaram a ser mal recebidos, porque agentes de um «time-sharing» selvagem.

«Tenho centenas de queixas de estrangeiros «agredidos» pela actuação desses angariadores», refere Cabrita Neto. «Chega a haver agressões para as pessoas irem visitar os apartamentos que estão para venda, e há casos de turistas que se recusam a saír dos hoteis», sublinha Mário de Jesus.

No entanto, quer o Governador Civil de Faro, quer o presidente da Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve (AIHSA) sublinham nada terem contra uma prática comum na Espanha, Grécia ou nos Estados Unidos. Só que, em Portugal, falta a regulamentação, «uma melhor definição das regras do jogo», como acentua Mário de Jesus.

«As acções que o Governo Civil tem realizado, têm tido a colaboração activa da Inspecção das Finanças, dos delegados do Serviço de Estrangeiros e da Inspecção do Trabalho», declara Cabrita Neto referindo os vários trâmites necessários para fazer face à verdadeira praga de jovens estrangeiros que nos principais centros turísticos aliciam os seus conterrâneos à compra de apartamentos:«todas as acções que se desenvolvem na rua são depois continuadas pelas Finanças e Inspecção do Trabalho, tendo em vista a defesa dos interesses do País em termos fiscais e de receitas em moeda estrangeira, e dos trabalhadores portugueses», assegura.

«Serão tomadas as medidas legais adequadas que poderão levar à expulsão das empresas que insistam na actividade ilegal e à dos cidadãos estrangeiros que nelas trabalham», prossegue o Governador Civil, para quem «há também outros sectores do turismo, onde há cidadãos estrangeiros a desenvolverem actividades para as quais não estão autorizados».

«No Verão dá para todos»...

«Sentimo-nos como em casa, porque o inglês não aprende língua nenhuma». Sentado ao balcão, bebendo pequenos tragos da inevitável caneca de cerveja, o turista inglês tem, naquele bar de Albufeira, a vida extremamente facilitada.

Do outro lado do balcão, estão três jovens que dominam perfeitamente o inglês, duas galesas e um madeirense, com vida feita nas Ilhas Britânicas, mas desejoso de novos e diferentes voos. «Vim de férias e comprei isto há cinco meses», diz José Marcelino Rodrigues, há 14 anos a trabalhar no País de Gales, primeiro como aprendiz de bate-chapa, depois a dirigir uma oficina de automóveis. Para quem saíu da Madeira, o trabalho ocasional na Grã-Bretanha também passou por bares mas, no regresso a Portugal, a perspectiva é agora diferente. «Tenciono fazer oito meses, de Abril a Outubro, depois fechar e voltar a Gales», refere Marcelino que espera até ao fim do ano recuperar metade do dinheiro investido.«Penso que vale a pena investir no Algarve, porque isto no Verão dá para todos», sublinha.

A seu lado, Yolla e Katty, preenchem as manhãs na praia, e à tarde e à noite, preparam os hamburgers, servem as cervejas para uma clientela que, tal como elas, veio para o Algarve por causa do calor, e para esquecer o quotidiano. «Elas trabalham num escritório, vinham para o Algarve passar férias e ficaram aqui a trabalhar».

A presença britânica não se resume a quem serve e à frequência. Os vídeos são invariávelmente anglo-saxónicos, a decoração conta com o símbolo do País de Gales e com o cachecol do Chelsea, ao lado das cores do Marítimo, em recordação da Madeira de origem.

Na montra, um cartaz propagandeia a «happy-hour», porque, à semelhança dos «pub» ingleses, entre as 18 e 30 e as 19 e 30 a cerveja custa apenas metade do preço, e outro anuncia a exibição integral do vídeo da final da Taça de Inglaterra.

Na terra do «time-sharing», num pequeno bar, está, seis séculos depois, o outro lado da Aliança.

Uma imagem do «turismo de qualidade»: uma excepção no Algarve

Rescaldo das eleições na RTA

Hoteleiros algarvios preparam-se para fazer "rolar" algumas cabeças

A direcção da Associação dos Industriais de Hotelaria do Algarve (AIHSA) convocou para a próxima quinta-feira (dia 11) uma assembleia-geral extraordinária para esclarecimento do processo que envolveu este organismo nas eleições para a Região de Turismo do Algarve.

A informação foi ontem divulgada pelo presidente da AIHSA, Cabrita Neto, que acusa o presidente (Oliveira Santos) e vice-presidente (Hélder Pires) da assembleia geral de estarem na origem de uma alteração a uma decisão inicialmente tomada pela direcção em relação aos dois candidatos que se apresentaram àquelas eleições.

«As pressões exercidas por Oliveira Santos e Hélder Pires levaram os elementos da direcção, reunidos em 25 de Agosto, a modificarem, de boa fé, a deliberação anterior de apoio à lista de Horácio Cavaco» — esclareceu Cabrita Neto.

O Presidente da AIHSA considerou, contudo, que essa reunião a que não esteve presente, foi marcada «irregularmente», uma vez que, ao abrigo dos estatutos, somente o presidente tem o poder de a convocar.

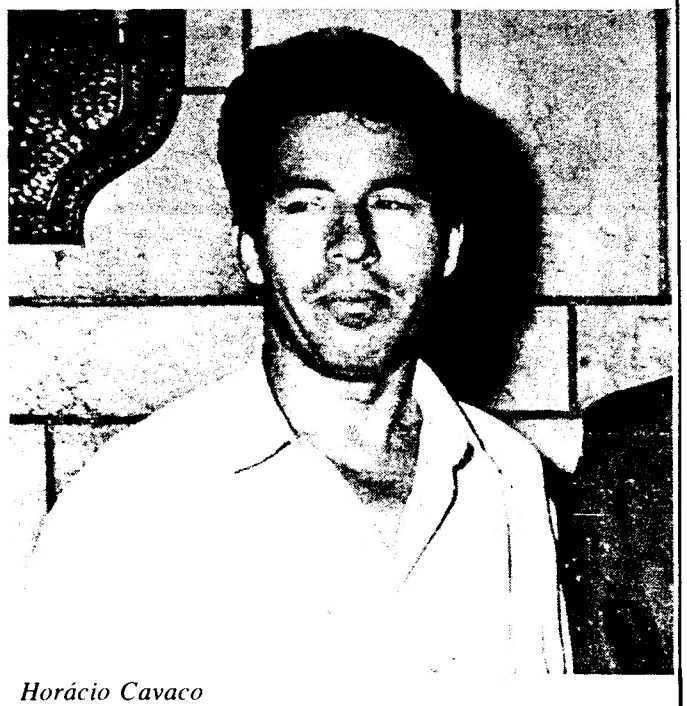
Nas suas declarações, Cabrita Neto afirmou ainda que nunca teve a intenção de se demitir do cargo de presidente da Associação dos Hoteleiros Algarvios, mas confirmou que irá pedir em assembleia geral um voto de confiança para o desempenho do cargo.

Referindo-se ainda ao presidente e vice-presidente da assembleia geral, Oliveira Santos e Hélder Pires, respectivamente, que teriam estado na origem deste processo contraditório, Cabrita Neto disse que, se «tiverem verticalidade e coragem, comparecerão na assembleia geral».

Cabrita Neto anunciou também ter solicitado encontros com as direcções da Associação Nacional dos Agentes de Viagem (APAVT) e da Associação dos Empresários ligados ao Rent-a-Car (ARAC).

Estas reuniões terão também como ponto de agenda a análise das eleições para a Região de Turismo do Algarve, nas quais o candidato da AIHSA não mereceu o apoio das Associações dos Agentes de Viagens e dos Rent-a-Car que apoiaram Carlos Gonçalves Luís, presidente da APAVT.

O «DL» tentou auscultar a posição dos visados sobre tão candente questão, mas não conseguiu contactar qualquer deles.



Horácio Cavaco

Horácio Cavaco: posse quarta-feira

Horácio Cavaco, presidente recém-eleito da Região de Turismo do Algarve (RTA), toma posse no próximo dia 10, no Governo Civil de Faro.

A posse será conferida pelo secretário de Estado do Turismo, Licínio Cunha, na presença do Primeiro-Ministro em exercício, Eurico de Melo, e o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Silva Peneda.

Horácio Cavaco substitui o deputado europeu socialista Luís Filipe Madeira.

Julgamento das FP-25 arrasta-se em Monsanto

Advogado alemão quebra monotonia

Dez testemunhas abonatórias de três réus passaram ontem pela barra do Tribunal de Monsanto, onde continua o julgamento do caso FUP/FP-25. Foi uma sessão monótona, arrastada, com as referidas tesemunhas respondendo às perguntas dos advogados de defesa. Sem excepção, todas traçaram um perfil positivo dos réus.

O dia de ontem, em Monsanto, pelo menos na sala de Imprensa, teve no entanto uma nota insólita: a presença de um dirigente de uma associação nacional de advogados da RFA, que veio a Portugal para assistir a algumas sessões do julgamento e para se avistar com numerosas personalidades portuguesas de vários quadrantes, com a finalidade de se inteirar sobre as características do processo e do seu andamento.

O juiz-presidente Adelino Salvado será a primeira dessas personalidades, disse ao DL o advogado Armin Golzem, da Republikanischer Anwaltsverin.

Armin Golzem já esteve presente, como observador daquela associação de juristas, no julgamento, em Itália, de António Negri, o professor universitário acusado de envolvimento com as «Brigadas Vermelhas».

Com aquele jurista, chegado a Lisboa na segunda-feira passada, viajou também uma jornalista de uma empresa pública de rádio e televisão de Colónia, Nina Hellenkemper, que já recentemente havia estado entre nós. Nina, que pretende efectuar pormenorizada reportagem sobre o julgamento das FP-25, foi lambrando que no seu país a imprensa, a rádio e televisão deixaram cair no esquecimento este julgamento, depois de uma fase em que muito se especulou sobre o acontecimento.

«Agora é o silêncio, apesar de ser Otelo o principal réu» — concluiu.

O julgamento prossegue esta tarde, com a audição de mais testemunhas abonatórias.

Em contraponto com o projecto do Governo

Comissário Santinhos anuncia regulamento para "desmilitarizar" a PSP

A pró-Associação Sindical da PSP vai enviar ao Parlamento um projecto de regulamento disciplinar.

A iniciativa, que será precedida de consultas e discussões na base do movimento sindical da PSP, surge na sequência da recusa pela Assembleia da República em conceder ao Governo autorização para legislar na matéria.

Num comunicado ontem emitido, a pró-Associação congratula-se com a posição assumida pela maioria dos deputados e salienta que a recusa parlamentar se deveu ao facto de «o Governo perspectivar a PSP como um organismo militarizado, contradizendo as declarações do ministro da Administração Interna segundo as quais se caminha para a civilização da PSP». A estrutura dirigida pelo 1.º comissário Joaquim Santinhos afirma considerar como prioridade absoluta a aprovação de um regulamento disciplinar não militarizado e enquadrado na Constituição da República, no Código de Conduta dos responsáveis pela aplicação da lei, da Assembleia Geral das Nações Unidas, na declaração sobre Polícia da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa e nas convenções e tratados internacionais.

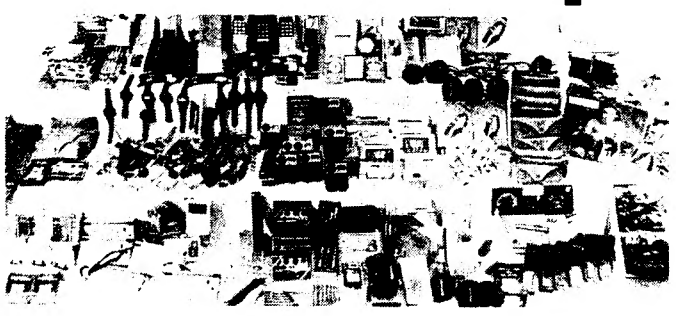
«A disciplina da PSP — sublinha — não pode ficar dependente dos doentios sabores militaristas de alguns militares e civis, devendo antes ser o reflexo da natureza civil da instituição policial, da sua projecção cívica e social, na responsabilidade pessoal e na consequente dignidade profissional do agente».

O comissário Santinhos disse, entretanto, que, se for aprovado pela Assembleia da República, o projecto permitirá aos agentes da instituição que se encontrem em situação de aposentados — ou por terem atingido determinada idade, ou por decisão médica — manterem os direitos que tinham no activo, antes de atingirem os 70 anos, idade da passagem à reforma. A mesma fonte referiu que a iniciativa se integra numa nova fase da vida da pró-Associação Sindical da PSP que incluirá a elaboração e discussão pelas bases do movimento de outros documentos e propostas relacionados com o enquadramento da instituição policial na sua existência, actividade e disciplina».

O comissário Joaquim Santinhos, dirigente da Pró-Associação Sindical da PSP

«Vamos avançar com os nossos projectos, já que o Ministério do Trabalho continua a reter os nossos estatutos para impedir que participemos nos destinos da organização a que pertencemos», concluiu o comissário Santinhos.

Material vídeo e som apreendido pela GF



Artigos apreendidos pela GF durante o mês de Agosto

Cerca de vinte e um mil contos de aparelhos e cassetes de vídeo e som foram apreendidos durante o mês de Agosto pelos efectivos da Guarda Fiscal, empenhados na luta contra o contrabando e outras infracções aduaneiras.

Durante aquele período viria a apreender outros artigos, como vestuário, viaturas, tabaco, géneros alimentícios e relógios, num total orçado em 71 mil contos.

No empenhamento dessa actividade a GF viria a interceptar dois mil seiscentos e cinquenta contos de droga, que seria enviada à Polícia Judicária.

Aquela corporação reconhece ter havido uma significativa diminuição de artigos apreendidos em comparação com o mês anterior.

Deixou morrer o filho por falta de leite

A GNR de Barcelos impediu ontem a realização do funeral de um bebé de mês e meio que morreu em São Romão da Ucha por falta de cuidados alimentares. O pequenito faleceu às 23 horas de segunda-feira, mas a população levantou dúvidas sobre as circunstâncias que envolveram a sua morte, pelo que comunicou o facto à GNR.

Ao ser interrogada, a mãe da criança, Maria da Conceição Falcão Araújo, de 42 anos, alegou que lhe havia faltado o leite há cerca de três semanas, pelo que o filho deixou de ser devidamente alimentado.

A GNR mandou transferir o corpo para a morgue do Hospital de Barcelos, a fim de ser autopsiado, tendo a ocorrência sido comunicada ao delegado regional de Saúde. Maria da Conceição é casada com José Gomes Machado, um agricultor de 50 anos de idade.

Por dois jovens já detidos

Estudante alemã violada em Bragança

A GNR deteve dois jovens de 18 anos (Mesquita e Pires) acusados de terem violado na aldeia de Rabal, em Bragança, uma turista alemã, M. L. Kraft, de 22 anos.

Em Rabal, onde chegou à boleia vinda de Espanha, M. Kraft, procurou um local para pernoitar, tendo-lhe sido indicado por Mesquita o palheiro de uma casa desabitada. No entanto, quando a estudante alemã já estava deitada foi surpreendida por Mesquita, que se fazia acompanhar por Pires, tendo sido amordaçada e violada pelos dois.

A aproximação de um viajante nocturno faria com que estes se pusessem mais tarde em fuga, tendo, porém, sido identificados e detidos no dia seguinte, após denúncia feita à GNR pela estudante alemã.

Pastor com 90 contos foi assassinado em Arouca

Nas águas do rio Paiva, em Arouca, foi encontrado o cadáver o pastor Juvelino Pereira, de 73 anos, que no domingo desaparecera após ter ido apascentar as suas 50 cabras que, horas depois, retornariam sozinhas ao redil, em Vila Chã.

O corpo apresentava sinais de agressão, tudo indicando estar-se perante um homicídio, tendo por mobil o furto, já que Juvelino transportaria consigo uma carteira com 90 contos.

CIRCUITO EUROPEU
DE 9 A 23 DE SETEMBRO
PARTIDA ASSEGURADA
Visitando: SALAMANCA ★ BORDÉUS ★ TOURS ★ PRIS ★ BRUXELAS ★ ROTERDÃO ★ HAIA ★ AMSTERDÃO ★ COLÓNIA ★ CRUZEIRO NO VALE DO RENO ★ FRANKFURT ★ BASILEIA ★ BERNA ★ LAGO LEMAN ★ LAUSANNE ★ GENEVE ★ LION ★ NIMES ★ BARCELONA ★ ZARAGOZA E MADRID
HOTÉIS DE BOM NIVEL
121 900$00
LUSANOVA TURISMO
Av. João XXI, 9-A • M. MONIZ, 6-A • TELEF. 89 43 11-89 44 80

Em Coja, na Região Centro

Dez corporações de bombeiros apagaram mais um fogo criminoso

Uma dezena de corporações de Bombeiros Voluntários e meios aéreos da Lousã apagaram o violento incêndio que ontem de manhã deflagrou na zona florestal de Coja, perto de Arganil, na Região Centro. Foi mais um fogo, aparentemente de origem criminosa, que devastou uma extensa mancha florestal da região.

Meios aéreos do Centro de Prevenção de Incêndios da Lousã e os bombeiros de Arganil, Coja, Tábua, Poiares, Góis, Lousã, São Romão, Lagares da Beira, Penacova e Oliveira do Hospital combateram as chamas durante cerca de vinte horas, tendo-as controlado numa primeira fase.

Com efeito, ao fim da noite de ontem o pavoroso incêndio era considerado sob controlo dos bombeiros. Mas já então as chamas haviam devastado uma zona arborizada com eucaliptos e pinheiros.

Os Bombeiros Voluntários de Coja incumbiram-se das operações de rescaldo, permanecendo ainda alguns deles no local, esta manhã, para evitarem a ameaça de reacendimento. O fogo fora dado por praticamente extinto de madrugada na frente de Coja, depois de uma outra frente haver sido apagada na área de Arganil, ontem à tarde.

A falta de acessos, uma vez que as chamas mais alterosas se centraram na parte montanhosa da zona florestal de Coja, dificultou a acção dos bombeiros.

Um outro incêndio, mas de pequenas proporções, eclodiu ontem à tarde em Larcão, povoando o ambiente da zona de grandes novelos de fumo. Segundo um informador, foi mais o fumo que o fogo (e aqui se estampou o adagio: não há fumo sem fogo...), o qual, mesmo assim, consumiu uma boa parte de mato.

Serra de Bornes já não arde

Mais de meia centena de bombeiros de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé extinguiram ontem (finalmente) o violento incêndio que desde as nove horas de domingo lavrava na serra de Bornes. Nada fazia prever que as chamas fossem tão depressa controladas e apagadas.

Com efeito, uma fonte dos Bombeiros Voluntários de Macedo de Cavaleiros — que para o ataque ao incêndio destacaram quarenta homens sob o comando de José Adriano Mascarenhas — adiantava ao fim da noite de 3.ª feira que ainda existiam dois focos «bastante grandes» junto às povoações de Jacim e Juvelim.

«O incêndio tem estado a consumir zonas de mato e castanheiros mas também já destruiu algumas zonas de cultivo», acrescentou a mesma fonte.

Horas depois seria considerado também extinto o fogo que havia eclodido nas imediações de Coimbra, concretamente em Almalagues, depois de ter sido dado pela primeira vez como apagado ontem de manhã. Veio a reacender-se ao princípio da tarde e a ser completamente extinto seis horas depois.

De acordo com os bombeiros, as chamas consumiram cerca de duzentos hectares de florestas das zonas de Almalagues, Monte Vera e Casal dos Valaus.

Ainda Coimbra: uma verba de trinta milhões de escudos vai ser posta à disposição das Câmaras Municipais do distrito de Coimbra para indemnizações aos lesados pelos incêndios em 1985.

Os concelhos mais prejudicados pelos fogos e que, por isso, maiores parcelas de indemnização vão receber, são os de Pampilhosa da Serra, Góis e Lousã.

O Governo Civil conta que o Serviço Nacional de Protecção Civil liberte a referida verba ainda esta semana.

Entretanto o Governo Civil de Viseu marcou já o dia 10 de Setembro para a atribuição de seis milhões de escudos aos proprietários que, nesse distrito, foram vítimas de incêndios florestais em 1985.

Castelo Ventoso sem chamas

Também já não arde a herdade Castelo Ventoso, no concelho de Evora, oe ao meio dia de ontem irrompeu um inesperado incêndio.

Quatro horas depois as chamas estavam completamente dominadas nessa herdade na estrada de Azaruja, tendo tendo destruído mata, pasto e searas. A herdade do Castelo Ventoso fica a cinco quilómetros de Azaruja e a vinte de Evora.

As chamas consumiram também grande quantidade de oliveiras dos dez hectares de terreno que calcinaram.

E opinião dos Bombeiros Voluntários de Evora que o fogo terá sido ateado.

Funeral de Carlos George

O funeral do médico Carlos George, vitimado por um ataque cardíaco, realiza-se esta tarde a partir das 16 horas, no Cemitério Inglês em Lisboa, em cuja capela o corpo tem estado em câmara ardente.

O extinto cardiologista com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, teve como seu colaborador, no Hospital de Santa Maria, o dr. Agostinho Neto, sendo pai do jornalista Manuel Moura George e de Francisco George, representante da Organização Mundial de Saúde na Guiné-Bissau.

Esmagada por camião na Rua da Madalena

Uma septuagenária, Maria dos Santos Taborda, morreu ontem a caminho do Hospital de S. José, após ter sido atropelada cerca das 13 horas por um camião, na Rua da Madalena, em Lisboa. O veículo estava estacionado junto ao número 80 daquela artéria mas, segundo a PSP, «encontrava-se apenas engatado, a rua é muito íngreme e a camioneta deslizou, tendo uma roda galgado o passeio e esmagado a senhora contra a parede».

Maria dos Santos Taborda, que na altura do acidente tinha apenas em seu poder o passe social, residia em Lisboa, na Calçada do Forte, 36, 1.º esquerdo. O camião, propriedade de Mário Valdez, de Rio de Mouro, para além de ter provocado uma vítima mortal destruiu ainda a montra, um taipal em rede e um reclamo do estabelecimento «Ortopedia Actual».

EXT. SÉNECA
E S. GAMA

CICLO PREPARATÓRIO — GERAL — 7.º, 8.º e 9.º anos
COMPLEMENTAR — 12.º ano-INFORMÁTICA

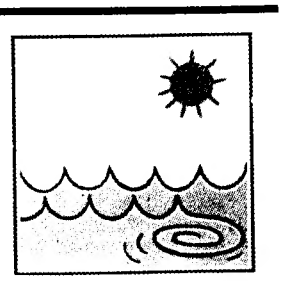
inscrições abertas
MENORES • PARALELISMO • manhã • tarde • noite
ADULTOS • PEDAGÓGICO • noite

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º
Telef. 52 00 92 (Metro Anjos)
Telefs. 82 27 76 — 82 35 31 (Frente à Portugália. Metro Arroios)

CONCURSO ESCOLAR
DO ANO EUROPEU DE
SEGURANÇA RODOVIÁRIA

CONCORRE
ATÉ
28.11.86

PROCURE
zonas sem rebentação
ou remoinhos



ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Segundo fontes bem informadas, o nosso país candidata-se aos jogos olímpicos de 1992.
As estruturas existem praticamente desde o princípio da nacionalidade. Nesse aspecto, pedimos meças a qualquer um. Poderiam ser utilizados os estádios de Sintra, Almourol e Castelo Rodrigo, entre outros.
Por iniciativa do engenheiro R. Abecassis, construir-se-iam torres de sessenta andares no interior do Castelo de S. Jorge em Lisboa, para albergar os atletas concorrentes dos Jogos Olímpicos de Los Angeles.
Como se sabe, o país organizador tem o direito a apresentar uma modalidade desportiva obrigatória. Estamos em condições de divulgar, em primeira mão, que a modalidade apresentada pelo nosso país não será o **decálogo**, *pois o* **velho testamento** *se nos antecipou (numa atitude que nos escusamos a classificar) mas sim o* **decatlo**, *segundo a tradição desportiva nacional.*
Houve a preocupação de escolher um conjunto de provas que correspondessem à dimensão física e espiritual do homem, ainda que dando a primazia ao aspecto físico, também por sugestão dos organizadores de Los Angeles.
Assim, teremos para provas de destreza física: **o chinquilho, a laranjinha, o jogo do pau, as caricas, as cinco pedrinhas, as corridas de trotineta, o mastro de sebo.**
As provas de valor, intelectual são: **a vermelhinha, o sete e meio, a bisca lambida e a ginástica.** *Por sugestão dos organizadores de Los Angeles, o mastro passará a ser untado não com sebo, mas com margarina enriquecida de vitaminas e corada com produtos que são proibidos nos Estados Unidos mas são exportados para o Terceiro Mundo.*
O Comité Olímpico Internacional fez lembrar que o decatlo português era constituído por **onze** *provas mas, por medicação dos organizadores de Los Angeles, nós respondemos que se tratava de mais uma singularidade de pós-25 de Abril que só seria corrigida com as modificações na actual constituição.*
Sabe-se que a prova de ginástica será garantida pelas donas de casa da região de Setúbal, Marinha Grande, Lisboa, etc. Vamos **limpar** *aquilo tudo!*

Médicos fazem greve de 24 horas

Apoio ao Internato Geral contra "injustiças" de Beleza

Os médicos portugueses cumprem hoje uma greve de solidariedade de 24 horas contra o que consideram como perigo de lançar no desemprego os seus colegas dos segundo e terceiro anos do Internato Geral, sujeitos a um concurso por eles classificado como «profundamente injusto». Uma vez mais em causa está a política de saúde de Leonor Beleza que poderá ainda hoje, divulgar o relatório sobre a inspecção a que mandou proceder quanto ao funcionamento dos serviços hospitalares de Lisboa.

A greve foi convocada pelo Sindicato dos Médicos da Zona Sul, que — como referimos — considera «profundamente injusto» o concurso a que os internos estão sujeitos para que possam passar a integrar os quadros dos hospitais — disse um dirigente sindical da classe.

Souto Teixeiram da direcção do sindicato, disse à Anop que a greve — que teve início às zero horas de hoje — visa protestar contra o desemprego médico que este tipo de concurso vai originar, pondo em concorrência médicos com níveis de preparação diferentes.

O sindicato contesta a política de saúde definida pelo Governo, para além de afirmar que «Leonor Beleza desconhece os problemas do sector e o meio em que se move, o que está a provocar o descontentamento da classe médica.»

«É a primeira vez que em Portugal se vai realizar (dia 15 de Outubro) um concurso para os médicos do segundo e terceiro anos do Internato Geral que — disse — constitui uma flagrante injustiça por colocar em confronto colegas com graus de habilitação diferentes.»

Os médicos reivindicam ainda a dignificação das carreiras médicas, melhores condições de trabalho e afirmam que «a culpa é do Ministério da Saúde: o odioso da greve não deve ser lançado para cima dos médicos», salientou Souto Teixeira.

Imediatamente a seguir à greve, o Sindicato da Zona Sul anunciou já o início de uma outra, de zelo, «por tempo indeterminado.»

Entretanto, a direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Centro veio a público esclarecer que na sua zona de acção não há hoje greve. Salienta o SMZC em comunicado que têm surgido nos órgãos de Comunicação Social algumas «notícias confusas» sobre o processo de luta dos médicos policlínicos e, por isso, esclarece que na zona centro não há greve.

No entanto, manifesta-se solidário com as formas de luta adoptadas pelos médicos da Região Sul, onde se regista uma greve geral, e do Norte, onde ocorrerá uma greve dos policlínicos.

Anuncia ainda que vai promover reuniões nas instituições de saúde para propor uma greve de médicos da Região Centro ainda durante o mês de Setembro.

Menos de metade dos alunos concluíram o ensino básico

No ano lectivo de 83/84 concluíram o ensino básico (primário e preparatório) em Portugal 39,6 por cento dos alunos matriculados naquele grau de ensino.

No ensino secundário terminaram 25,6 por cento; no médio, 19,1 por cento e no superior 10,8 por cento.

Nos cursos de índole profissional concluíram 25 por cento do total de alunos.

Estas percentagens, divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística, confirmam as indicações de que muitas crianças portuguesas não concluem sequer a antiga escolaridade obrigatória de 6 anos.

O total de alunos matriculados naquele ano lectivo foi de 2 098 111, dos quais 89 por cento no ensino oficial e 11 por cento no ensino particular.

Relativamente ao ano lectivo anterior registou-se uma certa estabilização do total de alunos matriculados e da sua distribuição pelos vários graus de ensino, mas verificaram-se algumas variações significativas no ensino oficial. Assim, o ensino pré-escolar apresentou um acréscimo de 3534 alunos, em consequência da criação de 91 novas escolas; o básico sofreu uma redução de 21 881 alunos; no secundário o, acréscimo foi de 9003 alunos, correspondente, segundo as Estatísticas da Educação, a 185 novas escolas e de 2530 alunos respectivamente.

Os cursos de índole profissional tiveram mais 2022 novos alunos que no ano anterior.

No ensino superior os ramos de ensino mais frequentados foram, por ordem decrescente, Ciências Sociais; Letras; Ciências de Engenharia; Direito e Ciências Médicas, Paramédicas e Farmacêuticas.

Relativamente aos países da CEE e com base em dados do EUROSTAT/1985, Portugal apresentou 20,7 por cento de alunos matriculados em relação ao total da população, ocupando por isso o sétimo lugar numa lista de doze países. Atrás de Portugal ficaram a Grécia (20 por cento), a Alemanha (19,1 por cento), o Reino Unido (18,6 por cento) e o Luxemburgo (16,3 por cento).

Quanto à distribuição da população estudantil por graus de ensino, a posição é a seguinte:

Com 5,7 por cento de alunos no ensino pré-escolar, Portugal apresentou-se em 10.º lugar; no ensino básico, ocupámos o primeiro lugar com 62 por cento de alunos naquele grau de ensino; mas no ensino secundário (confirmando a grande clivagem entre estes dois graus de ensino) Portugal é o país com menor número de alunos (27,4 por cento), a Alemanha (53 por cento) e o Reino Unido (50 por cento) apresentam os valores mais elevados.

Quanto ao ensino superior somos o penúltimo país da Europa dos doze, com apenas 4,9 por cento de alunos naquele grau de ensino. Depois de nós, ficou o Luxemburgo com 1,4 por cento.

Ensino de Medicina carece de novo perfil

Os professores de Medicina «têm de aceitar o desafio de se transformarem rapidamente em pólos extraordinários de educação médica se quiserem continuar a existir no panorama europeu» afirmou o director da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa.

Ferraz de Oliveira falava ontem sobre o «Novo perfil de capacidade pedagógica do professor de educação médica», um dos temas da reunião internacional que ontem terminou em Lisboa e em que participaram 250 representantes de 17 países da Europa.

A reunião visou a divulgação de uma «nova preocupação» no ensino da Medicina e das técnicas médicas que «está a aparecer um pouco por toda a Europa» porque se verificou que o sistema pedagógico em curso «não justifica o esforço das novas gerações e não serve cabalmente as necessidades de saúde», disse Ferraz de Oliveira.

Interrogado pela Anop sobre a situação pedagógica nas 450 Faculdades de Medicina que existem na Europa, o director da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa disse que «a maioria das escolas médicas têm currículos ultrapassados, pesados e clássicos.»

«A maioria das Faculdades de medicina europeias tem currículos médicos que não servem as exigências e a maleabilidade das necessidades actuais em termos de ciência médica e saúde das populações», afirmou.

Ferraz de Oliveira defendeu que o novo sistema de ensino da Medicina, em experiência na Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa já há dois anos, «permite indiscutivelmente que professor e aluno repensem e racionalizem o seu envolvimento no processo pedagógico».

«A aprendizagem de orientação activa («self directed learning») faz com que o aluno participe mais activa e conscientemente no processo de procura do seu próprio esclarecimento em termos de ciência médica», afirmou o director daquela Faculdade.

Ferraz de Oliveira salientou que este processo pedagógico «implica também uma responsabilização maior dos corpos docentes na administração e rendibilidade dos seus tempos de docência.»

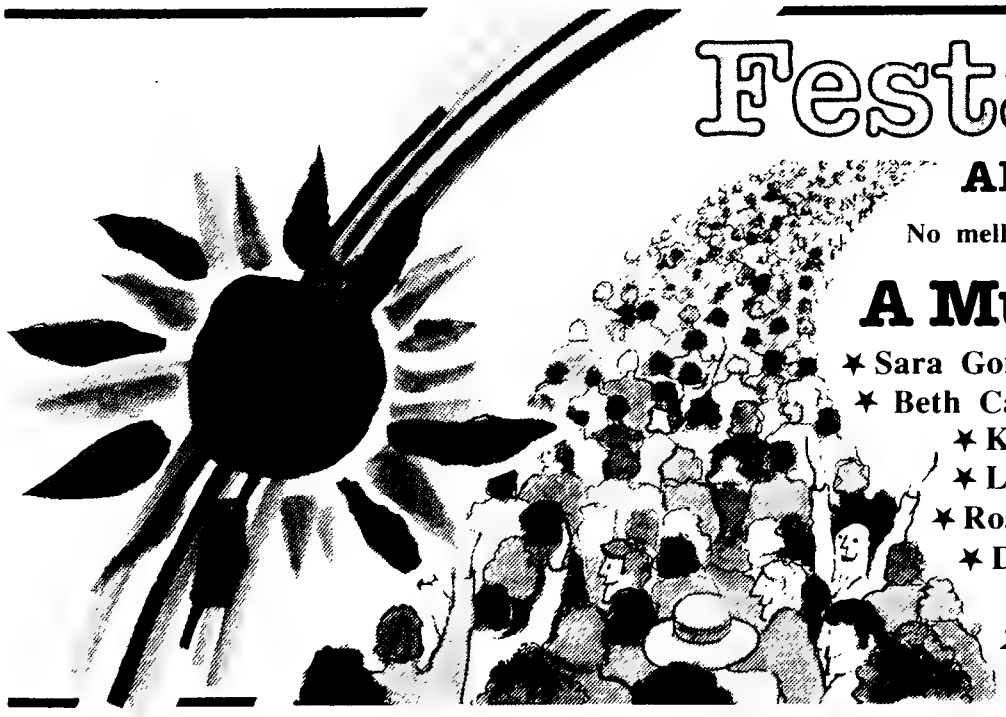
Escolas podem fechar por falta de limpeza

Escolas do concelho de Montemor-o-Velho, Coimbra, poderão encerrar por falta de higiene.

O município local deliberou recentemente, ao abrigo de um parecer da Direcção-Geral da Administração Autárquica, não atribuir verbas às escolas para pagamento de limpezas e expediente.

«Não assumindo a câmara o pagamento dessas despesas, não serão com certeza os docentes ali colocados quem o irá fazer», afirma o Sindicato dos Professores da Região Centro, acrescentando que, segundo o Artigo 48 do Código Administrativo, às câmaras municipais cabe, entre outras responsabilidades, a conservação dos edifícios escolares».

«Será ou não a higiene uma das formas de as conservar?» pergunta o SPRC, que acrescenta: «Quererá a Câmara de Montemor-o-Velho tornar-se pioneira do amontoar de lixo nas escolas?» «Quererá a Câmara de Montemor-o-Velho, como dizem os professores, poupar o dinheiro para comprar livros e brinquedos, tantas vezes de qualidade discutível, para oferecer às criancinhas no Natal, pois isso lhe trará melhores dividendos políticos?»



Festa do Avante.86

Alto da Ajuda · 5,6 e 7 de Setembro

No melhor dos Palcos e para a maior das Plateias

A Música de todo o Mundo

- Sara Gonzalez Cuba
- Beth Carvalho Com os seus 15 Embaixadores do Samba
- Kitushi Angola
- Oktoberklub e City R.D.A
- Lenka Filipová Checoslováquia
- Rossitsa Bordjieva Bulgária
- Blues Duo Polónia
- Danças e Cantares do Exército Soviético da Região Militar de Moscovo
- Os Raios Laser que Portugal nunca viu!

Crise orçamental afecta Portugal

Nova batalha à vista pelas verbas da CEE

O Governo «vai ter que batalhar de novo» junto da CEE, perante a hipótese de redução das verbas do PEDAP (Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa) — disse ontem o secretário de Estado do Orçamento.

Rui Carp admite que existe nas Comunidades Europeias uma proposta que visa retirar 10 milhões de ECU's (cerca de 1,5 milhões de contos) ao programa de ajudas ao desenvolvimento da agricultura portuguesa.

«Existe uma proposta britânica que o Governo considera que dá satisfação razoável aos interesses portugueses e, em alternativa, uma outra que aponta para a redução de 10 milhões de ECU's no PEDAP», disse.

O secretário de Estado acrescentou que o assunto será debatido na reunião do Conselho de Ministros da CEE para o Orçamento, segunda-feira, e sublinhou que o Governo encara com «preocupação natural» a evolução da crise financeira da CEE.

Mediante acordos parcelares

Já funciona 75 por cento da frota pesqueira de arrasto

Cerca de 75 por cento da frota do arrasto costeiro esta já a pescar, na sequência de acordos parcelares assinados pelas empresas do sector — disse á Anop o porta-voz da Federação dos Sindicatos da Pesca.

Frederico Pereira disse que 32 empresas assinaram o acordo de revisão do contrato colectivo de trabalho, que não é revisto há cinco anos, e que a Federação decidiu desenvolver contactos individuais com cada um dos armadores, à margem da associação patronal (Associação dos Armadores de Pesca Industrial) (ADAPI).

No âmbito da revisão do contrato colectivo, os pescadores reivindicam o descanso semanal ao sábado e domingo, a manutenção da percentagem sobre o volume de pesca e aumentos do salário mensal de 6.250 para 8.750 escudos, do subsídio de Natal e de férias de 10.000 para 16.000 escudos e do subsídio de alimentação de 60 para 150 escudos.

A greve que se arrasta desde 4 de Agosto, em semanas intercaladas, está prevista até final de Setembro.

A ADAPI recusa-se a iniciar negociações enquanto a greve não for suspensa.

Com 1075 contos, em Londres

TAP nomeia ex-gestor para cargo inexistente

A gerência da TAP confirmou a semana passada a admissão de um antigo gestor da empresa para desempenhar o cargo, inexistente na sua estrutura orgânica, de director para a Europa, com sede em Londres. A nomeação de Andrade Campos para aquele lugar tinha sido contestada pela Comissão de Trabalhadores, a quem o Conselho de Gerência se limitou a confirmar a sua decisão, acrescentando que «por não caber no âmbito do disposto na Lei 46/79, nada mais nos cumpre informar».

De acordo com um comunicado agora distribuído, a CT vai «accionar o Conselho de Gerência junto do Governo e da Procuradoria Geral da República», por incumprimento da lei no que se refere à obrigatoriedade de obtenção de parecer prévio da Comissão de Trabalhadores em caso de admissão para «lugar inexistente na estrutura aprovada da Direcção Geral Comercial».

A oposição dos representantes dos trabalhadores à admissão de Andrade Campos tem por base a «manifesta inoperacionalidade do cargo», interrogando-se a CT sobre a razão de ser do recrutamento de um quadro exterior à empresa «que ainda por cima já foi gestor da TAP e a quem ninguém reconheceu qualquer mérito em matéria de gestão e muito menos na àrea comercial».

O futuro director da transportadora aèra nacional para a Europa é actualmente director em Londres do Banco Totta & Açores, empresa pública com quem mantém um contrato até 31 de Outubro, e assinou agora contrato com a TAP com validade a partir de 1 de Dezembro.

O comunicado da CT indica que o novo director ganhará 1075 contos mensais e terá ao seu dispôr «automóvel, residência, despesas de representação, contagem de antiguidade desde que esteve no Conselho de Gerência, sede e pessoal a assessorá-lo e tudo isto em Londres». A propósito, interroga se não se trata de «uma pré-reforma tranquila para este senhor?»

Face a «mais este desmando», os trabalhadores advertem o presidente da empresa, João Lencastre, afirmando: «é chegada a altura de lhe dizermos que não obstante o parecer negativo que lhe dedicámos aquando da sua posse, sempre esperámos que viesse a assumir duma forma realista e empenhada a gestão da empresa, tal porém não sucedeu, e assim somos obrigados a dizer-lhe - Basta». Depois de qualificar a acção de João Lencastre como uma «gestão sem ´modelo de gestão´» que está a provocar uma «alarmante situação, em termos de resultados, na àrea comercial», o documeto conclui: «só temos um conselho urgente a dar-lhe: vá-se embora!»

Com os Sindicatos representativos da maioria

Marcada a primeira reunião para negociações nos CTT

A Administração dos CTT deu ontem o primeiro sinal de vontade negocial com os sindicatos da empresa afectos à CGTP, ao marcar uma reunião com os representantes da maioria dos trabalhadores para o próximo dia 11.

A marcação desta reunião surge à saída de uma greve parcial que principiou na segunda-feira e antes de uma greve geral da empresa em apoio às reivindicações sociais.

Segundo um dirigente da Federação dos Sindicatos das Telecomunicações, Manuel Gonçalves, a resposta da Administração à vontade negocial dos trabalhadores já é tardia.

Na opinião do dirigente sindical, o facto de Viana Baptista marcar a reunião para uma semana depois do início das paralisações prova que «tanto a Administração como o Governo estão interessados no conflito».

O porta-voz da Federação salientou que alguns dos trabalhadores que ainda estão a conduzir veículos por acumulação de funções são contratados a prazo ou foram contratados já esta semana.

Entretanto, um plenário do Sindicato dos Telefonistas efectuado na terça-feira em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, recusou a aceitação da proposta da administração, que entretanto foi aceite pelo Sindetelco (Sindicato Democrático das Telecomunicações e Correios) e pela Fetese (Federação dos Trabalhadores dos Escritórios e Serviços), ambos afectos à UGT.

Na origem do conflito — que levou os trabalhadores da empresa a fazer greve às horas extraordinárias e à condução de veículos por acumulação de funções — está o facto de a Administração propôr aumentos salariais da ordem dos 14,5 por cento, inferiores aos de outras empresas do sector, designadamente a Marconi, em que atingiram os 18 por cento.

Comenta a CGTP-IN

Aumentos das pensões são insuficientes

A CGTP-IN comentou ontem que o aumento das pensões decidido pelo Conselho de Ministros na terça-feira «não tem a dimensão que o Governo pretende dar-lhe». A Intersindical refere que os aumentos são, no entanto, uma medida positiva «como é sempre qualquer medida para melhorar, ainda que minimamente, as condições de vida de uma população tão carecida como a nossa», mas diz também que dois terços dos reformados do regime geral não são contemplados pelas novas pensões.

Segundo a central sindical os aumentos de 45 por cento nas pensões não chegam a abranger 3 por cento dos reformados (cerca de 50 mil).

Diz ainda que cerca de dois terços dos pensionistas do regime geral que abrange os reformados da indústria e dos serviços com pensões iguais ou superiores a 10 mil escudos, não recebem, agora, qualquer aumento.

A CGTP-IN diz que os aumentos das pensões não repõem o poder de compra perdido nos últimos anos e nota que basta referir que entre 1983 e 1986 a pensão mínima do regime geral subiu 81 por cento (já com os novos aumentos) enquanto que no mesmo eríodo, os preços ao consumidor subiram mais de 105 por cento.

«Os aumentos das pensões mínimas agora decretados ficam, por outro lado, muito aquém dos valores reivindicados pela CGTP-IN que correspondem a 55 por cento do salário mínimo nacional tal como o recomendam as convenções internacionais e que o actual Governo continua a ignorar», conclui a CGTP.

Centrel requereu despedimento de 1976

A administração da Centrel requereu ao Ministerio do Trabalho, no passado dia 22 de Agosto, autorização para proceder ao despedimento colectivo de 1 976 dos 2 449 trabalhadores da empresa. De acordo com um comunicado conjunto do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, Comissão Intersindical e Comissão de Trabalhadores da Centrel, o requerimento refere igualmente a intenção de desmembramento da empresa em sete outras, de pequena dimensão, que ocupariam um total de 473 pessoas, «eventualmente estranhas ao quadro da Centrel».

O documento atribui o agravamento da situação económica e laboral da empresa ao recente acordo firmado entre a Centrel e a Siemens para a produção de centrais telefónicas de comutação digital «uma vez que não acautelou a manutenção dos postos de trabalho». Na opinião dos orgãos representativos dos trabalhadores, o processo de introdução de centrais digitais no nosso país constituiu «uma choruda negociata que envolveu o Governo, multinacionais e alguns gestores nacionais de ´fachada modernizante´, caso do sr. Rocha de Matos, membro da administração da Centrel e presidente da AIP, que encheram os bolsos, atraiçoando a economia nacional e apro - vando investimentos de milhões de contos não na criação de emprego, mas na liquidação de milhares de postos de trabalho».

O despedimento colectivo agora requerido «segue-se a um conjunto de pressões e medidas repressivas desenvolvidas na empresa no sentido da redução de postos de trabalho e que conduziram à passagem de 367 trabalhadores à situação de reforma antecipada e ao auto-despedimento, a troco de indemenizações baixissimas, de 227», acrescenta o comunicado.

No sentido de obstar à concretização dos objectivos da administração, os ORT´s promovem hoje um plenário em Cabo Ruivo

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$10	45$10
ALEMANHA FED. (marco)	70$85	72$05
ÁUSTRIA (xelim)	10$00	10$20
BÉLGICA (franco)	3$214	3$464
BRASIL (cruzado)	3$90	6$40
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	103$55	106$05
(notas de 5 a 1000)	104$05	106$55
DINAMARCA (coroa)	18$75	19$15
ESPANHA (peseta)	1$052	1$172
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$70	147$20
(notas de 5 a 1000)	144$20	147$70
FINLÂNDIA (marka)	29$45	30$05
FRANÇA (franco)	21$65	22$35
HOLANDA (florim)	62$80	63$90
IRLANDA (libra)	195$75	199$75
ITÁLIA (lira)	$093	$108
JAPÃO (iene)	$886	$941
NORUEGA (coroa)	19$75	20$25
REINO UNIDO (libra)	216$00	220$50
SUÉCIA (coroa)	20$90	21$40
SUÍÇA (franco)	87$75	89$75
VENEZUELA (bolívar)	5$80	6$80

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

Soldados mortos no Líbano

O Ministério francês da Defesa confirmou em Paris que três soldados franceses morreram e um ficou gravemente ferido no Sul do Líbano, mas não deu mais pormenores. As três mortes elevam para 129 o total de soldados mortos ao serviço da Força de Paz das Nações Unidas no Sul do Líbano (UNIFUK), criada há oito anos. Vinte desses mortos eram franceses. As últimas mortes foram provocadas pela explosão de uma mina no Sul do Líbano.

Cimeira incerta

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, afirmou em Jerusalém não estar assegurada a realização da sua cimeira com o presidente egípcio Hosni Mubarak, prevista para a próxima semana. em Alexandria.

Shimon Peres declarou a correspondentes estrangeiros que a data da cimeira não pode ainda ser fixada por terem surgido «dificuldades técnicas» durante a última fase das negociações egípcio-israelitas, quanto ao acordo para a sujeição à arbitragem internacional do conflito sobre Taba, no mar Vermelho. Israel e o Egipto, depois de chegarem a um acordo sobre a arbitragem internacional para o conflito sobre a soberania de Taba — uma praia com 900 metros quadrados de superfície — não conseguiram o consenso sobre quem devem ser os árbitros e sobre a forma de indicar a delimitação fronteiriça.

"Pravda" comenta naufrágio

Os comandantes dos dois navios soviéticos que colidiram domingo á noite causando pelo menos 79 mortos e 319 feridos violaram as normas de segurança na navegação — escreve hoje o «Pravda». Pelo menos dois outros jornais soviéticos dm que «a falta de cuidado e imprudência» contribuiram para o acidente. Os dois comandantes, Viktor Trachenko e Vadim Markov, que se encontram entre os sobreviventes, são acusados de partilharem a responsabilidade do acidente.

Tufão "Wayne" mata

VINTE e oito pessoas morreram nas Filipinas e mais de 50 na Formosa, devido à passagem do tufão «Wayne», que hoje diminuiu ligeiramente de intensidade dirigindo-se para o mar da China Meridional. O Instituto de Meteorologia de Manila afirmou que o tufão «Wayne» se encontrava, a meio da manhã, a 579 quilómetros a Noroeste de Manila. A maioria das vítimas da passagem do tufão morreram electrocutadas ou afogadas.

Situação na Bolívia

DIRIGENTES do Sindicato dos Mineiros bolivianos disseram que as conversações com o Governo estão em perigo depois da detenção de dez elementos da Federaçõ de Trabalhadores das Minas (FTM). O líder da FTM, Simon EYS, DISSE QUE A Polícia, ao abrigo do estado de emergência, deteve ontem os sindicalistas no centro mineiro de Oruro, 200 quilómetros ao sul de La Paz. O Congresso boliviano, por seu turno, reuniu-se ontem à noite, para debater o estado de emergência imposto há uma semana, mas não deverá votar a sua aprovação ou não antes de sexta-feira.

Contaminação radioactiva

O Governo suíço proibiu a pesca no lago Lugano, depois de várias capturas terem mostrado sinais de contaminação radioactiva resultante do desastre nuclear de Chernobyl, na União Soviética, há quatro meses. Foi a primeira medida no âmbito da saúde imposta pelas autoridades suíças desde o desastre de 26 de Abril, que lançou uma nuvem de radioactividade sobre a Europa.

Pastora em casa?

O ex-líder sandinista Eden Pastora anunciou que não está detido , mas em sua casa particular, com a família. Pastora teve um breve encontro com a Imprensa em que lamentou o «engano» do ministro costa-riquenho da Segurança, Hernan Garron, que anunciou a sua detenção na barra do Colorado, no Norte da Costa Rica, perto da fronteira com a Nicarágua.

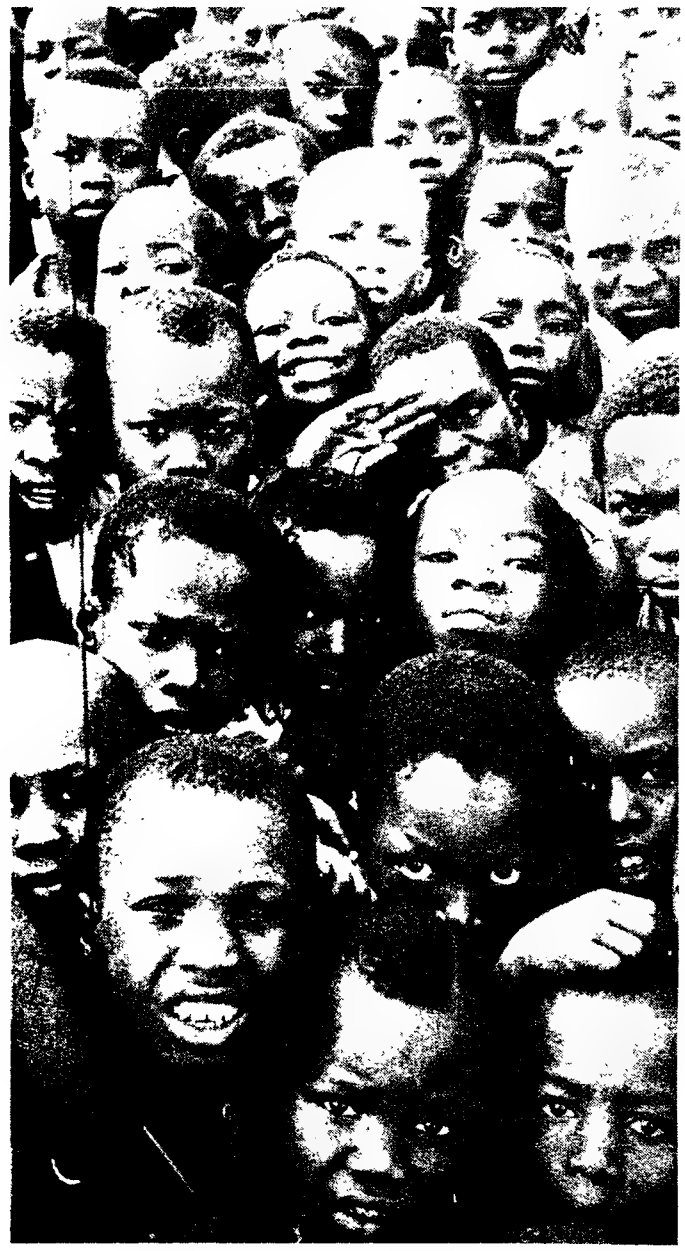
Retirada soviética

A União Soviética tenciona retirar todas as suas tropas da Mongólia e já comunicou informalmente essa decisão à China. diz o jornal «Yomiuri Shimbun». A União Soviética mantém 75 mil soldados em território mongol, a maioria del na fronteira com a China, que considera a sua presença como um dos principais obstáculos à melhoria das relações bilaterais.

Revela um estudo do Banco Mundial

Explosão demográfica põe em causa desenvolvimento de África

O rápido crescimento demográfico em África dificulta os esforços para melhorar a qualidade de vida no continente, afirma um estudo do Banco Mundial divulgado em Washington.
O relatório afirma no entanto que se abrem novas perspectivas «e existe espaço para um cauteloso optimismo» com a crescente sensibilização dos dirigentes dos países africanos para os perigos de um crescimento acelerado da população.



Segundo o estudo, da autoria de Nancy Birdsall, especialista em demografia do Banco Mundial, a população da região ao sul do Sara aumentará dos actuais 470 milhões para 700 milhões até ao ano 2000, com um índice médio de crescimento demográfico de três por cento anual.

A manter-se este ritmo, a Africa ver-se-á cada vez menos capaz para alimentar a sua população nas próximas décadas e as suas já insuficientes infra-estruturas estarão ainda mais pressionadas e serão insuficientes os recursos em matéria de saúde básica e educação, acrescenta o relatório.

Os Governos de Africa, acostumados a estimular o crescimento demográfico para fortalecer a unidade nacional e preservar a integridade territorial, começaram demasiado tarde a tomar consciência da gravidade da situação, segundo Birdsall.

Em 1984, os líderes africanos acordaram pela primeira vez um programa de acção sobre crescimento da população com o propósito de diminuir o ritmo de aumento e assegurar que os benefícios do desenvolvimento fossem distribuídos de maneira mais equitativa.

Não obstante, na maioria dos casos o compromisso de inverter os índices de crescimento demográfico não se traduz em políticas efectivas, salienta a especialista do Banco Mundial.

Sustenta o relatório que a diminuição desses índices não significa um gasto considerável para os já de si limitados orçamentos para actividades de desenvolvimento e produzirá dividendos a longo prazo.

Se se garantir o acesso efectivo de 25 por cento da população a métodos anticonceptivos, o índice de crescimento demográfico decrescerá um por cento.

Actualmente essa cifra atinge os 10 por cento na maior parte do continente, embora os recursos já disponíveis possam dar cobertura a 25 por cento, refere o estudo.

O relatório afirma que o aumento da assistência sanitária não é o único factor a ter em conta para diminuir o ritmo de crescimento da população que em casos como o Quénia atinge 4,3 por cento anual.

Os dirigentes dos países mais afectados devem incentivar a elaboração e execução de programas de planeamento familiar, recorrendo às igrejas, grupos comunais, voluntários e organizações congéneres para a viabilização da iniciativa.

«E urgente que cada país se consciencialize da necesssidade de estudar programas de população adequados às suas circunstâncias culturais, sociais e económicas», salienta o relatório.

Birsdsall sugere ainda que, para começar se pode melhorar a condição das mulheres mediante o estímulo ao uso de métodos tradicionais de planificação, abandonados à medida que os africanos se vão deslocando para os centros urbanos.

Situação agrícola

Outro estudo divulgado em Abidjan refere que os países africanos produzirão em 2010 menos 30 por cento de alimentos do que em 1985, caso se mantenha a actual tendência na agricultura do continente.

Intitulado «A Agricultura Africana: os próximos 25 anos», o estudo refere que o conjunto dos países de África terá nessa altura de importar uma média de 100 milhões de toneladas de cereais por ano para cobrir os défices alimentares.

Poucos países terão condições para adquirir os cereais necessários no mercado internacional, pelo que conhecerão uma fome maciça e crónica, «situação que ameaça a própria sobrevivência de numerosas nações» — escreve o relatório, debatido na sessão preparatória da Décima Quarta Conferência Regional da FAO para a Africa.

Depois de salientar que a produção agrícola em África desceu 20 por cento desde 1960, o documento preconiza o aumento anual de um por cento da superfície cultivada ao longo dos próximos 25 anos como forma de evitar a catástrofe.

A área de agricultura pluvial deverá passar de 215 para 265 milhões de hectares e a superfície irrigada de 9,5 para 14,5 milhões de hectares.

A revisão da política de auxílio internacional; o aumento das trocas internas com o objectivo de incrementar a competitividade e a redução de medidas proteccionistas são outras formas sugeridas pela FAO para combater a actual tendência agrícola africana.

Protesto contra Pinochet

Polícia prende mais de 200 estudantes

Mais de 200 estudantes foram ontem presos pela Polícia chilena, na sequência de graves confrontos registados em Santiago do Chile, em vésperas da jornada de protesto organizada pela oposião ao regime de Pinochet.

Os confrontos entre estudantes e a Polícia ocorreram em diversas universidades da capital chilena.

De acordo com diversas fontes, o Exército foi chamado a intervir para dispersar manifestações de estudantes pelas ruas de Santiago do Chile, versão que foi contrariada pelas autoridades, que afirmam estar «tudo a decorrer dentro da maior tranquilidade».

As manifestações estudantis ocorreram um dia antes da jornada antigovernamental, convocada para todos os sectores que se opõem ao regime de Augusto Pinochet.

A emissão de uma rádio de Santiago do Chile deixou de se ouvir durante cerca de um minuto, devido a interferências, ao mesmo tempo que uma voz apelava à participação na jornada antigovernamental.

«Vamos todos parar o trabalho para participar na jornada pela democracia», teria dito.

Várias organizações políticas, sindicais, estudantis e outras já aderiram à jornada que se realiza a 4 de Setembro, por ter sido nessa data que se realizaram as eleições presidenciais que deram a vitória a Salvador Allende.

Cimeira dos Não-Alinhados

Questão de Timor-Leste na ribalta pela voz de Machel

A voz de Timor-Leste fez-se ouvir publicamente na oitava Cimeira dos Não-Alinhados pela boca do presidente Samora Machel, de Moçambique, que exigiu o direito à autodeterminação e independência daquele território.

Samora Machel falava na sessão plenária da cimeira, tendo sido o penultimo orador da manhã, depois dos presidentes da Jugoslávia e da Etiopia.

«Cabe a esta assembleia tomar posiçao firme a favor dos direitos à autodeterminação e ao reconhecimento da independência do povo de Timor-Leste», disse Samora Machel, que acrescentou:

«Em Timor-Leste estamos perante a ocupação de um território, a privação do direito à liberdade de um povo, à violação flagrante dos princípios do nosso movimento».

De referir que foi a primeira vez que se ouviu no plenário uma voz a protestar contra a ocupaçao de Timor-Leste pela Indonésia e a exigir a autodeterminaçao e independência.

O presidente de Moçambique acrescentou que o seu país «saud[illegible]tinua a encorajar os esfor[illegible] secretário das Nações[illegible] para uma justa solução[illegible]stão de Timor-Leste, [illegible]das resoluções do Con[illegible]e Segurança das Nações Unidas».

Referindo-se à Nicarágua, Machel afirmou que saudava «a política de não-alinhamento da Nicarágua, que se reafirma ao convidar-nos a reunir a nossa próxima conferência em Manágua».

Referiu também que a reunificação da Coreia era um imperativo e que «concorda com as propostas construtivas do Governo da República Popular Democrática da Coreia».

Reforço da cooperação

Os participantes na Cimeira dos Países Não-Alinhados reunidos em Harare concordaram em reforçar a cooperação económica e comercial no seio do movimento.

Os líderes dos Não-Alinhados aprovaram a criação de uma «Comissão Sul-Sul» encarregada de estudar os meios de melhorar os laços entre os países membros do movimento. A comissão será presidida pelo ex-presidente da Tanzânia, Julius Nyerere.

O primeiro-ministro da Malásia, Mahathir Mohammad, ao dirigir-se à sessão plenária, salientou que um dos objectivos do movimento é o de conseguir independência política, para além da económica.

A maior parte dos membros da organização de 101 países são nações do Terceiro Mundo afectados pelo flagelo do contraste entre o aumento dos custos da industrialização e a quebra dos preços das matérias-primas.

O presidente jugoslavo Sinah Hasani, apelou para as superpotências no sentido de cessarem imediatamente os testes nucleares e encetarem um real e efectivo desarmamento.

O único objectivo a visar deve ser o «desarmamento total», porque «o equilíbrio do terror já não constitui uma garantia para a paz e a segurança mundiais» — acentuou Hasani, um dos 40 chefes de Estado presentes na Cimeira, que incitou também à retirada de tropas do Afeganistão e do Campuchea.

O dirigente jugoslavo apoiou também a realização de uma conferência internacional, com a participação da Organização para a Libertação da Palestina, para tentar encontrar uma solução para o conflito no Médio Oriente.

O Presidente da Etiópia, Mengistu Hailé Mariam, centrou o seu discurso num apelo à intensificação do apoio dos Não-Alinhados aos movimentos independentistas da Africa Austral.

As manifestações de solidariedade já não bastam — há que dar «passos concretos no sentido de um apoio mais forte» contra o regime do apartheid sul-africano, similar, nas palavras do presidente etíope «ao nazismo na Alemanha e ao fascismo em Itália».

Os observadores manifestaram-se surpreendidos com a ausência do dirigente líbio Muammar Kadhafy na sessão da manhã de ontem, onde deveria discursar.

Fontes da cimeira referiram na terça-feira que o líder líbio ameaçara boicotar o movimento se os Não-Alinhados não apoiassem totalmente a sua política.

Entretanto, o presidente da Guiana, H.D. Hoyte, afirmou não ser cedo de mais para os Não-Alinhados «começarem a preparar-se para uma África do Sul sem Apartheid».

Hoyte reafirmou o apelo lançado por vários homólogos seus na cimeira para a implementação de «um programa de acção» contra o regime sul-africano.

Samora Machel foi o único chefe de Estado dos Países Não-Alinhados a protestar veementemente contra a anexação de Timor-Leste pela Indonésia

Também o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, criticou com veemência a África do Sul pelas suas agressões a estados independentes.

Ao discursar em Harare, Eduardo dos Santos disse que as tropas de Cuba se encontram em Angola devido aos «frequentes actos sul-africanos de agressão».

O Presidente de Angola reiterou o apoio do seu país à SWAPO e ao ANC.

Paralelamente à sessão plenária no centro de conferências de Harare, estão a decorrer sessões de trabalho das comissões política e económica, ocupadas com a elaboração do projecto de documento final desta oitava cimeira dos Não-Alinhados.

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO EDIFÍCIO 14, 2.º-PISO, LETRA-M – CIDADE NOVA – SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS – LOURES» – 2.ª COMERCIALIZAÇÃO

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO**, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 4 a 18 de Setembro), para atribuição por venda, de 1 fogo-T3, sito no Edifício 14, 2.º-piso, Letra-M – Cidade Nova – Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 2 597 648$00.

1. O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao sr Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
2. Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:

Nº de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00
7	11 250$00	24 750$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente

O Vereador do Pelouro
Duarte Nuno Alves Climaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

Jornalista dos EUA detido em Moscovo

Os Estados Unidos propuseram à União Soviética que liberte o jornalista, preso em Moscovo, Nicolas Daniloff, acusado de espionagem, anunciaram funcionários norte-americanos.

Os funcionários, que pediram para não ser identificados, afirmaram que segundo a proposta americana, Gennady Zakharov, um cidadão soviético preso em Nova Iorque sob a acusação de espionagem, seria libertado sem julgamento e entregue ao embaixador soviético em Washington, Yuri Dubinin.

Daniloff por seu turno segundo a proposta americana seria mandado para os Estados Unidos.

O jornalista, de 52 anos, foi detido em Moscovo em 30 de Agosto pela polícia secreta do KGB depois de lhe ter sido confiscado um envelope que alegadamente continha mapas de instalações militares soviéticas.

S [illegible] P

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Cascais, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/6287-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Cascais, de uma linha mista a 10 KV, n.º 1540/R-1 (3.º troço) com 1476 metros, entre o P.S. n.º 5505 e o P.T.S. n.º 6287, em Carrascal – Manique de Baixo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, ou a secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, em 26 de Agosto de 1986.

Pelo Engenheiro Director de Serviços
A. Pires dos Santos

S [illegible] R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6305, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, de uma nova linha aérea a 10 KV, n.º 1541/R-5, com 139 metros, do poste n.º 14, da linha n.º 1541, ao P.T. n.º 2386, em Janes-Malveira da Serra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, 26 de Agosto de 1986.

Pelo Engenheiro Director de Serviços
A. Pires dos Santos

Na apresentação do concurso: dr. George Dargeant (presidente da Câmara Municipal de Cascais), eng.º José Canelas (director da Federação Equestre Portuguesa), João Coelho Pinto (sócio gerente da Grei) e o eng.º Henrique Louro.

Cascais vai ver hipismo de 1.ª

Realizou-se no Clube Privado do Empreendimento LAGO (Monte Estoril), que patrocina uma das provas deste concurso hípico, a apresentação à Imprensa do 50.º Concurso Hípico Internacional de Cascais, organização da Sociedade de Propaganda de Cascais. Usaram da palavra o vice-almirante Carlos Fontoura Garcez de Lencastre (na qualidade de presidente da entidade organizadora), o dr. George Dargeant (presidente da Câmara de Cascais) e o eng.º José Canelas.

Estão inscritos nas diversas provas do concurso (a disputar entre 11 e 14 do corrente) cerca de 70 cavaleiros, contando-se entre eles os principais concursistas nacionais e ainda 18 estrangeiros, a saber:

- Bélgica — 2 cavaleiros.
- Colômbia — 1 cavaleiro — Juan Carlos Garcia.
- Espanha — 6 cavaleiros — Infanta D. Helena de Bourbon, dr. Alberto Honrubia, dr. Assis Arange, José Arange, José Miguel Risillo e Luis Astolf.
- França — 4 cavaleiros — Guy Junqueres d'Oriola, Jean Marc Weisemburger, jean Michel bellot e Oliver Champy.
- Itália — 2 cavaleiros — Claudio Riva e Fillipo Milaneji.
- Marrocos — 4 cavaleiros. Barakat Abdelhark, Derchal Amhed, M. Bachal Amhed, M. Bachir Chaouqui e M. Tauil Hamed.
- PARTICIPANTES NACIONAIS: Gonçalo Carvalho Martins, João Ferreira da Cunha, Miguel Faria Leal, capitão José Tamagnini, major Balula Cid, major Neves Veloso, capitão Lopes Mateus, coronel Marques Pereira, José Azevedo e Silva, João Azevedo e Silva, dr. Alexandre Mascarenhas de Lemos, António Pereira Coutinho, José Manuel Soares da Costa, Francisco dos Reis Geraldes, Tereza Bourbon, José Cid Tavares, Graça Nunes de Carvalho, João Chuva, José Galvão de Melo, Raul Augusto B. Viana Catela, Bernardo Moniz da Maia, Luiz Xavier de Brito, António Sabbo, tenente Antero Rebelo, capitão Oliveira Santos, Luiz Sabino Gonçalves, João Miguel Gonçalves e Miguel Ribeiro de Sousa.

Setúbal: Vitória apoiado pela Rodoviária Nacional

A Rodoviária vai apoiar a turma de futebol do Vitória de Setúbal: e, para apresentar o seu plano de auxílio, reune-se amanhã com os Orgãos de Comunicação Social, pelas 17 e 30, na Pousada de S. Filipe, em Setúbal. Na base deste auxílio da transportadora portuguesa aos atletas do Bonfim está a interferência dos drs. Francisco Manuel Quintans de Sousa e João Branco, respectivamente chefe da Divisão Administrativa e Financeira e director das Relações Públicas da empresa.

Cultura e desporto

Sob a égide da Federação Portuguesa dos Centros de Cultura e Desporto da Saúde e Segurança Social (com a colaboração da Casa do Pessoal do Hospital Distrital de Torres Vedras) e na perspectiva de se desenvolver a prática desportiva e cultura e inerente ao desenvolvimento do cidadão, vão realizar-se, no concelho de Torres Vedras, as VI Jornadas Nacionais Culturais e Desportivas, que decorrerão de 24 a 27 do corrente. Para apresentar esta realização, haverá conferência de Imprensa, seguida de beberete, no próximo dia 22 pelas 17.30, na discoteca «Alkaly» (Urbanização S. João, Construtores), em Torres Vedras.

Torres Vedras: ginástica internacional

Numa iniciativa do Sector de DSPORTO DA Câmara Municipal de Torres Vedras, realiza-se, a exemplo de anos anteriores, no próximo dia 8, pelas 21.30 ,no Pavilhão da Física em Torres Vedras, o 3.º Sarau Internacional de Ginástica, manifestação desportiva que, com executantes de craveira, vai ser, mais uma vez, espectáculo ímpar para a população do Concelho de Torres Vedras. Estão já confirmadas as presenças de ginastas da URSS, RDA, Hungria e Portugal.

Sete portugueses pedalam na "Volta às Comunidades"

A organização da 1.ª «Volta das Comunidades» em ciclismo, que começa 4.ª feira no Porto, divulgou em Paris a constituição de sete das 12 selecções nacionais, entre 24 equipas, que participam na prova. Cada equipa pode apresentar seis ciclistas, tendo algumas das selecções inscrito mais um, como suplente. Os nomes já indicados à organização são:

- Bélgica: Philippe Boulanger, Franky Francken, Jean-Pierre Heinderickx, Franky Pattijn, Rudi Van Der Haeden e Andre Vermeiren.
- Espanha: Diaz de Otazu, Melchor Mauri, Jesus Montoya, Garcia Munãoz, Aurélio Robles e Eduardo Ruiz.
- França: Pascal Campion, Eric Chanton, Philippe Chaumontet, Laurent Eudeline, Eric Heulot e Denis Le Proux. Suplente: Laurent Masson.
- Grã-Bretanha: Bob Downs, John Herety, Neil Martin, Glenn Mitchjell, Shane Sutton e Mark Walsha.
- Holanda: Patrick Bol, Dick Wekker, Mark Dertyx, Arjan Jagt, Frans Maasen e Stephan Rakers.
- Itália: Massimo Guiraldi, Silvano Lorenzo, Camillo Passera, Morávio Pianegonda, Daniele Pizzol, Marcello Sibone e Marko Votolo.
- Portugal: Carlos Moreira e Manuel Vilar (Sangalhos), Manuel Neves e José Passos (Boavista), José Santiago e João Santos (Torreense) e Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro).

Falta indicar à organização a composição das selecções da Suíça, Colombia, Japão, União Soviética e Checoslováquia, esta se confirmar a sua participação.

Emídio Pinheiro: aceitará o comando «verde»?

Sporting: Emídio Pinheiro sucederá a João Rocha?

Prossegue (até quando?) o impasse directivo no Sporting Clube de Portugal: depois de João Rocha ter (veementemente) recusado prosseguir na chefia do leme «verde-branco» e do coronel António Figueiredo igualmente se ter abstido de levar para a frente a campanha a que se propunha, surgiram duas hipóteses que, até ao momento, não estão perfeitamente definidas.

A mais importante (aquela que parece reunir consenso quase geral e todo o apoio e incentivo do Conselho Leonino) aponta o dr. Emídio Pinheiro que (todavia) por sérios problemas de saúde, não parece interessado em assumir a chefia do executivo de Alvalade sendo (assim) possível que Jaime Duarte se apresente para a sucessão de João Rocha, caso o presidente dos últimos treze anos continue apostado em sair, libertando-se para uma vida empresarial extremamente intensa.

Pugilismo: antigo campeão negociava em estupefacientes

O holandês Rudi Koopmans (antigo campeão da Europa, de pugilismo, na categoria de meios-pesados) começou a cumprir uma pena de prisão de nove meses, por tráfico de droga. Koopmans (38 anos), admitiu no tribunal que o julgou em Haia ter tentado comercializar estupefacientes em 1985, mas garantiu que falhara e que só uma pequena quantidade de haxixe tinhar passado pelas suas mãos. O antigo pugilista manteve o título de campeão europeu durante sete anos, até abandonar a modalidade, em 1984.

Jacques Lafitte é levado ao colo pelo médico para o seu carro, para regressar a casa, depois de ter tido alta de uma unidade hospitalar onde (na sequência de grave acidente numa prova automobilística) esteve internado durante sete semanas.

Quem tem pontaria?

A portuguesa Ana Sousa comanda o campeonato espanhol de tiro com arco na modalidade olímpica, a decorrer em Jerez de La Frontera, nos arredores de Cádis. Ana Sousa (que participa extraconcurso na competição) soma 592 pontos, contra 567 da espanhola Consuelo Ausias (da selecção de Valladolid), que lidera a classificação geral absoluta.

Em masculinos, a prova é liderada pelo espanhol Juan Arjona (da equipa de Sevilha) com 547 pontos.

Classificações femininas neste momento: 1. Ana Sousa (Portugal) 592 pontos (extraconcurso); 2. Consuelo Ausias (Valladolid) 567; 3. Montserrat Martin (Catalunha) 564. Masculinos: 1. Juan Arjona (Sevilha) 547; 2. José Prieto (Huelva) 542; 3. António Vaszquez (Astúrias) 536.

Mundial

O 44.º Campeonato Mundial de Tiro inicia-se amanhã na República Democrática Alemã, com a participação de cerca de mil atiradores de 60 países. A equipa da União Soviética (que vai apresentar 44 atiradores) é a favorita principal e defenderá 10 títulos individuais e 14 por equipas, em cada uma das 22 provas.

A infanta Helena, filha dos reis de Espanha, foi uma desilusão no concurso hípico da Penina.

Princesa de Espanha não monta mal nem bem

A princesa Helena de Espanha não obteve qualquer classificação nas duas provas da 1.ª jornada do XVIII Concurso Internacional de Saltos da Penina, por ter sido penalizada. A princesa, que pela 2.ª vez participa num concurso internacional fora de Espanha, mostrou alguma frustração e tristeza pela sua fraca actuação.

Um elemento do júri do concurso disssse que **embora a infanta Helena seja uma boa desportista, ainda não está à altura de uma competição internacional como a da Penina.** Comentou (ainda), que a princesa **não foi bem sucedida ao querer medir forças nesta prova internacional; apesar de a sua actuação não ter sido boa nem má.**

A 1.ª prova foi ganha pelo português Luís Xavier de Brito (no cavalo «Mocha»), seguido pelo espanhol Luís Astolfi (no «Alcha») e pelo seu compatriota José Miguel Rosillo (no «Lys de Vaulx»). Bernardo Moniz da Maia venceu a 2.ª prova (montando o «Judite K») e, na 2.ª posição, ficou o colombiano Juan Carlos Garcia (no «Buenos Aires»), seguido por João Azevedo e Silva (em «Belle de Boif»).

O Concurso Internacional de Saltos da Penina, que termina no dia 7, prossegue hoje, com a realização das «Prova III-Kadett», de velocidade e maleabilidade e «Prova IV-Poligrupo», de potência.

Xadrez: pretendentes também já empatam

A segunda partida da final do torneio de pretendentes ao título mundial de xadrez, entre os «grandes mestres» soviéticos Artur Iussupov e Andrei Sokolov, terminou empatada, ao 38.º movimento. Disputadas duas das 16 partidas programadas, Iussupov soma 1,5 pontos contra 0,5 de Sokolov.

O xadrezista que ganhar a final do «Torneio de Pretendentes», a decorrer em Riga (União Soviética), defronta no próximo ano o vencedor do «match» entre o actual campeão mundial (Garri Kasparov) e o aspirante Anatoli Karpov, que amanhã recomeça na cidade soviética de Leninegrado. As 12 partidas iniciais do encontro-desforra entre Kasparov e Karpov (disputadas em Londres) terminaram com vantagem para o actual campeão (6,5-5,5), que manterá o título em caso de empate no final das 24 partidas previstas.

Ex-campeão pediu intervalo

A 13.ª partida do encontro de desforra para o título mundial de xadrez entre Garri Kasparov (detentor do título) e o ex-campeão Anatoli Karpov foi adiada para amanhã.

Antes do início das últimas 12 partidas que se disputam em Leninegrado e que deviam ter começado ontem, o ex-campeão (e actual aspirante), Anatoli Karpov, fez uso do seu segundo adiamento, solicitando intervalo de 48 horas.

A eliminatória das 12 partidas entre Kasparov e Karpov disputou-se em Agosto, em Londres, terminando com um resultado parcial de 6,5 pontos para o actual campeão, contra 5,5 pontos para Karpov.

Campeonatos de futebol

Marselha e Nantes dominam em França

O Marselha e o Nantes mantiveram o comando «ex-aequo» do campeonato francês de futebol da 1.ª divisão, apesar de consentirem empates nos seus encontros da 8.ª jornada da prova. O Marselha empatou (1-1) no terreno do Metz, tendo o Nantes empatado sem golos em casa, frente ao Le Havre. O Bordeus, que também empatou (a zero golos) com o Lens, é terceiro classificado, a par do Paris Saint-Germain. Outros resultados da ronda: Racing Paris - Mónaco, 1-1; Toulon - Paris Saint-Germain, 1-1; Saint Etienne - Laval, 0-0; Lille - Toulouse, 1-0; Nice - Nancy, 1-0; Rennes - Sochaux, 1-0 e Brest - Auxerre, 0-0.

Classificação: Marselha, 12 pontos; Nantes, 12; Bordeus, 11; Paris Saint- -Germain, 11; Metz, 9; Toulouse, 9; Lille, 9; Sochaux, 9; Lens, 8; Brest, 8; Saint Etienne, 7; Nice, 7; Rennes, 7; Le Havre, 6; Nancy, 6; Auxerre, 6; Mónaco, 6; Laval, 6; Racing Paris, 5; Toulon, 4.

Holanda

Feyennord (apesar de contar com menos um jogo) logrou igualar o Sparta de Roterdão e o FC Twente no topo do campeonato holandês, ao vencer fora a Roda JC por concludente 4-0. O Feyennord soma oito pontos em cinco jogos, tendo o Sparta e o FC Twente o meesmo número de pontos, mas mais um jogo (seis).

O Sparta empatou em casa com o Veendam (3-3) e o FC Twente empatou (2-2) com o Pec Zwolle. Mais resultados da ronda: Go Ahead Eagles - VV Venlo, 1-1; PSV Eindhoven -Fortuna Sittard, 2-1; Excelsior -Ajax, 0-2; FC Haia - Az Alkmaar, 2-0; Haarlem - FC Utrecht, 2-1 e FC Groningem -FC Den Bosch, 0-1.

Suíça

O Neuchatel Xamax e o Sion mantiveram o comando do campeonato suíço, ao averbarem vitórias nos seus confrontos da 5.ª jornada da prova. As duas equipas totalizam nove pontos, tendo mais um ponto que o Grasshopers.

O Neuchatel Xamax venceu o La Chaux de Fonds por 1-0, enquanto o Sion bateu (fora) o Aarau, por 2-0. A jornada registou ainda os seguintes desfechos: Young Boys-Saint Gall, 7-2; Lausana - Lucerna, 4-2; Bellinzona - Locarno, 2-2; Servette - Vevey, 4-1; Basileia -Zurique, 5-3 e Grasshopers -Wettingen, 3-1.

Inglaterra

O Leicester venceu, em casa o Liverpool (2-1) no encontro em atraso do campeonato inglês. Mcallister (10 minutos) e Osman (70) marcaram os golos do Leicester, tendo o veterano escocês Dalglish apontado o tento do Liverpool. Nos restantes jogos, o Aston Villa, bateu o Luton (2-1) o Manchester City empatou (2-2) com o Norwich e Queen's Park Rangers triunfou no terreno do Newcastle (2-0).

RFA

O Bayer 04 Leverkusen, o Hamburgo e o Bayern de Munique são as três únicas equipas invictas no campeonato alemão federal, concluída a 4.ª jornada. As três equipas somam 7 pontos em quatro jogos, comandando o Leverkusen por melhor diferença de golos.

Nos três últimos jogos da jornada, disputados ontem, o Bayern de Munique (actual campeão) venceu o Nuremberga (2-1) o Kaiserslautern goleou o Bochum (4-1) e o Estugarda consentiu empate a um golo frente ao recém promovido Blue-White 90 Berlim.

Classificação neste momento: 1. Bayer 04 Leverkusen, 7 pontos (13 golos marcados/3 sofridos); 2. Hamburgo, 7 (9/1); 3. Bayern de Munique, 7 (10/3); 4. Werder Bremen, 6; 5. Kaiserslautern, Eintracht Frankfurt, Bayer Uerdingen e Schalke 04, 5; 9. Estugarda, Borussia Dortmund, Bochum e Waldhof Mannheim, 4; 13. Blue-White, 3; 14. Fortuna Dusseldorf, 2; 15. Nuremberga, Borussia Moenchengladach, Colónia e Homburg, 1.

Brasil

O Internacional de Limeiro é o novo campeão paulista de futebol de 1986, ao derrotar na final o Palmeiras (2-1) no Estádio «Morumbi», de S. Paulo.

O Internacional, que se tornou na primeira equipa do interior do Estado de São Paulo a ganhar o campeonato, empatara sem golos na primeira «mão» da final, disputada domingo, também no estádio do «Morumbi», «neutro» para a finalíssima do campeonato paulista.

Os golos (todos marcados no segundo período0 foram apontados por Xita e Tato (para o Internacional) e Amarildo (que seria expulso a cinco minutos do fim) para o Palmeiras. Curiosamente, o novo campeão paulista não integra a Primeira Divisão à Taça do Brasil devido à forma como o calendário foi elaborado pela Confederação Brasileira de Desportos.

Taça do Brasil

O Ponte Preta foi a equipa que obteve a maior «goleada» na segunda jornada da «Taça do Brasil» ao derrotar fora) o Botafogo, de Pernambuco, por 4-1. Outros resultados no Grupo A: Fluminense — Operário-Ms, 1-0; Curitiva — Internacional, 1-0; Remo — Sport Recife, 0-0; Sampaio Correia — Ceará, 0-3 e Sobradinho — São Paulo, 1-1.

Nuno de Moraes

Foi, quando jovem, atleta de elite, campeão e recordista nacional de velocidade, nosso representante olímpico. Mas foi, sobretudo, um companheiro admirável, distante de certas «querelas» (e gamelas...) que, nos anos mais recentes da Redacção da Antena Um, perturbaram, dividiram e degradaram relações profissionais e extraprofissionais. Todos o respeitavam. Foi ontem, discretamente, a enterrar. Ele também era discreto, mas era leal e bom. Aqui fica o registo, a homenagem e, se possível, a semente... do jornalista Nuno de Moraes, falecido a 1 de Setembro de 1986.

E.A.

Oliveira equacionado

António Oliveira (na imagem: indicando aos jogadores o posicionamento estabelecido pelo seleccionador Rui Seabra) é fortemente contestado pela Associação Nacional dos Treinadores de Futebol, organismo de classe dos técnicos que se insurge contra o facto do ex-internacional não possuir a carteira profissional obrigatória para poder assumir o comando de uma equipa. Recorda-se, porém, que Oliveira não chefia qualquer «onze»: tal como Juca, limita-se a dar cumprimento aos planos tácticos e técnicos elaborados pelo homem escolhido pela Federação para chefiar os nossos futebolistas.

Outro futebol

Calendário muda

Alterações no tocante aos jogos dos campeonatos nacionais marcados para este fim-de-semana:

Na 1.ª divisão: Boavista - Salgueiros, às 17 horas, no Campo Eng.º Vidal Pinheiro, Sporting - Salgueiros, às 21 horas, no Estádio de Alvalade. ambos antecipados para sábado; FC Porto- -Chaves, no Estádio do Rio Ave, em Vila do Conde, no domingo, às 17 horas; Marítimo-Benfica, no Estádio dos Barreiros, no Funchal, também no domingo, mas às 16 horas.

Segundo escalão: A competição começa no próximo fim-de- -semana e regista as seguintes antecipações para sábado: União da Madeira - Atlético, às 16 horas; Lixa - Penafiel, Feirense - Covilhã e Vitória de Setúbal - Cova da Piedade, os três às 17 horas.

Académica contrata Monsif

O centro-campista marroquino Monsif vai assinar um contrato por duas épocas com a Académica de Coimbra, declarou o chefe do Departamento de Futebol dos «estudantes», António Augusto. O futebolista marroquino e a Académica chegaram a acordo e o contrato deve ser assinado no próximo domingo, dia em que Monsif chega a Portugal: «**O jogador revelou boas qualidades quando treinou à experiência na Académica, e devido à sua juventude é uma aposta no futuro**», salientou António Augusto.

El Haddaoui Mohamed Monsif (de 22 anos) foi eleito «o melhor jogador júnior de Marrocos em 1984/85 e integrou a selecção que disputou o «Mundial» no México.

"Mundial" de futebol deu fabuloso lucro

O 13.º campeonato mundial de futebol, disputado no México, deu um lucro de nove milhões de dólares (cerca de 1350 mil contos) ao país, anuncioi o Ministério do Plano e Orçamento. Esta verba (segundo o Ministério mexicano) proveio, principalmente da publicidade, das transmissões via-satélite e da venda de medalhas comemorativas.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação deste éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6260, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Vila Franca de Xira, concelho de Vila Franca de Xira, de uma nova linha aérea a 10 KV, n.º 169/R-1, com 153 metros, do poste n.º 15 da linha n.º 169, ao P.T. n.º 1159, sito em Á-DOS-BISPOS (Vila Franca de Xira).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, e dentro do citado prazo.
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, em 26 de Agosto de 1986.

Pelo Engenheiro Director de Serviços
A. Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/6368-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, de um novo troço da linha aérea a 30 KV, n.º 107, com 377 metros, entre o poste n.º 97 e o poste n.º 99, e passando pelo P.T.S. n.º 6368, sito em Ponte da Silveira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, dentro do citado prazo.
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, 25 de Agosto de 1986.

Pelo Engenheiro Director de Serviços
A. Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6253, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho da Amadora, de um novo troço aéreo da linha mista a 10 KV, n.º 628/R-47, com 160 metros, entre o poste n.º 7, da linha n.º 628, ao poste n.º 2 (antigo n.º 1).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, dentro do citado prazo.
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, em 26 de Agosto de 1986.

Pelo Engenheiro Director de Serviços
A. Pires dos Santos

Otto Glória: tudo na mesma

Até à hora em que encerramos esta edição do nosso jornal não se verificou qualquer mudança no precário estado de saúde de Otto Glória: em ligação telefónica com o hospital brasileiro onde se encontra, às portas da morte, o conceituado técnico de futebol, fomos informados de que **«a morte cerebral não sofreu alteração mas a família de Otto quer que ele continue ligado à aparelhagem que o mantém com vida».**

Hugo Sanchez: impostos pagos e 80 milhões de pesetas

Emílio Butragueño, Hugo Sanchez e Jorge Valdano formam o «trio de ouro» do futebol espanhol, tendo em conta as cifras que envolvem os respectivos contratos num dos campeonatos mais caros da Europa, onde Schuster ocupa a 8.ª posição.

De acordo com a agência espanhola «EFE», o jogador alemão-federal, presentemente ao serviço do Barcelona e que chegou a ser dado como possível reforço do Benfica, aufere anualmente 50 milhões de pesetas (cerca de 50 mil contos). Schuster, que se encontra em litígio com o Barcelona, não poderá alinhar esta época pelo clube catalão, que já inscreveu dois estrangeiros (Lineker e Hughes) na Federação espanhola.

Os 18 clubes da 1.ª divisão espanhola deverão gastar até final da época 12 397 milhões de pesetas, cabendo ao Barcelona o 1.º lugar na lista dos orçamentos futebolísticos, com 2300 milhões de pesetas. Individualemente, o jogador mais bem pago é o espanhol Butragueño, (com 85 milhões de pesetas) seguido do argentino Jorge Valdano, (80 milhões) mas, em melhor situação, surge o mexicano Hugo Sanchez, com a mesma verba e com os impostos pagos pelo Real Madrid.

Na lista de «supermilionários» (elaborada pela EFE) seguem-se o esapnhol Rafael Gordillo (Real Madrid), o inglês Gary Lineker e o galês Mark Hughes (ambos do Barcelona), com rendimento anual de 60 milhões de pesetas.

HÓQUEI EM PATINS

Prestigiada colectividade da 1.ª Divisão, do Norte do País, pretende contratar jogadores disponíveis para a época 86/87.

Oferece óptimas condições de trabalho.

Os eventuais interessados devem contactar pelo Telefone [illegible] (Porto) das 10 às 19 horas de segunda a sexta-feira.

Ao que isto chegou

Não fazemos qualquer comentário: limitamo-nos a reproduzir, da edição de hoje do nosso prezado colega «Correio da Manhã», este anúncio. Resta (apenas e só) acrescentar que o hóquei em patins, pelo que se nota claramente mal disfarçado de modalidade «amadora», não quer reconhecer que paga lautamente aos melhores praticantes, não raro arregimentados por colectividades que, continuamente de corda na garganta, passam a vida suspirando por dotações estatais que permitam equilibrar o barco das suas finanças...

Lopes e Canário vão correr pelo Imortal de Albufeira?

Carlos Lopes, Ezequiel Canário e outros nomes famosos do atletismo português foram contactados para representarem o Imortal Desportos Clube (de Albufeira). As conversações estão bem encaminhadas e é intenção do «Imortal» formar uma equipa de atletismo capaz de conquistar o nacional de corta-mato.

Para além das provas a nível nacional, os dirigentes daquela colectividade algarvia apostam em provas no estrangeiro como meio promocional da região. Campeão do Algarve de corta-mato, o Imortal Desportos Clube iniciou-se no atletismo há pouco mais de três anos e conta actualmente com cerca de 60 atletas, em todas as categorias (masculinos e femininos). Lara Ramos (actual treinador do Imortal) iniciou contactos com Federações estrangeiras tendo em vista a participação de atletas do clube algarvio, nas provas de S. Silvestre, nomeadamente no Rio de Janeiro, Madrid e Luanda.

Dionísio e Domingos Castro: os gémeos sportinguistas correm amanhã em Bruxelas

Memorial «Van Damme»

Três atletas portugueses participam, amanhã, em Bruxelas no 10.º Encontro Internacional de Atletismo «Memorial Van Damme», pontuável para o «Grande Prémio Iaaf Mobil». Os portugueses oficialmente inscritos são os fundistas Domingos e Dionísio Castro (do Sporting) e Aurora Cunha (FC Porto). Os gémeos Castro tomam parte nos 5000 metros (uma das principais provas do «meeeting») em que estará também presente o britânico Sebastian Coe, campeão europeu dos 800 metros e medalha de prata nos 1500 metros. Aurora Cunha, que vai participar nos 5000 metros, é a favorita da prova de fundo feminina.

O «Memorial Van Damme», que precede a final do «Grande Prémio (em Roma), conta uma vez mais com a participação de destacados atletas europeus e mundiais. Os organizadores anunciaram a presença do marroquino Said Aouita (que tentará bater o recorde dos 2000 metros) dos britânicos Sebastian Coe (5000) e Steve Cram (1500) e o regresso do queniano Henry Rono (que correrá os 10 000 metros). Nos 100 metros, o duelo será entre o canadiano Ben Johnson e o norte-americano Calvin Smith, estando também presentes os franceses Antoine Richard e Bruno Marie-Rose e o britânico Linford Christie.

Na competição feminina, os nomes mais sonantes são Evelyn Ashford (EUA) nos 100 metros, Marita Koch (RDA) nos 400 metros e Fátima Whitbrad (Grã-Bretanha) recordista mundial do dardo.

O «Memorial Van Damme» será este ano transmitido em directo por 18 estações de televisão.

Recorde mundial

O checoslovaco Josef Pribilinec (campeão europeu dos 20 quilómetros marcha) bateu ontem o recorde mundial dos 10 quilómetros, cobrindo a distância em 38 minútos, 48 segundos e 08 centésimos. O anterior máximo mundial pertencia ao soviético Aivas Rumbenieks (com 39.05,00) e tinha sido obtido também em Bad Salzdetfurth (Alemanha Federal) em 18 de Outubro de 1981.

Nuno Marques: êxito nos EUA

Nuno Marques está em evidência no «Open» dos Estados Unidos, em ténis, ao vencer (na 3.ª eliminatória da prova para juniores) o espanhol Tomas Carbonnel, em três «sets». Nuno Marques bateu o seu antagonista pelos parciais de 7-5, 3-6 e 6-3.

Simultaneamente, o checoslovaco Ivan Lendl qualificou-se para as meias-finais (profissionais) ao vencer o francês Henri Leconte, por 7-6 (7-3), 6-1, 1-6 e 6-1. Lendl, triunfador da última edição do torneio e actual «número um» no «ranking» mundial, vai defrontar nas meias-finais o vencedor do encontro Stefan Edberg (Suécia-Tim Wilkinson (EUA). Outros resultados registados em Flushing Meadow:

- Individual femininos (quartos-de-final): Chris Evert-Lloyd (EUA) - Manuela Maleeva (Bulgária) 6-2 e 6-2 e Helena Sukova (Checoslováquiá) - Wendy Turnbull (Áustria), 6-4 e 6-0.
- Pares femininos (quartos-de-final): Martina Navratilova/Pam Shriver (EUA) - Kathy Jordan-/Elizabeth Smylie (RFA-/Argentina), 6-4 e 6-4; Steffi Graf/Gabriela Sabatini (RFA/Argentina) - Gigi Fernandez/Robin White (EUA), 6-7 (5-7), 6-4 e 6-3.
- Pares masculinos (meia-final): Mats Wilander/Joakim Nystroem (Suécia) - Kevin Curren/Matt Mitchell (EUA), 6-2, 2-6, 7-5, 2-6 e 7-5 (7-5).

Torneio «Aliança Seguradora-86»

José Maria Santiago, Manuel Sousa, Luís Damasceno e Pedro Carvalho Silva são os «cabeças-de-série» do torneio «Aliança Seguradora-86», a realizar nos «courts» do Clube de Ténis do Porto, entre 6 e 14 do corrente.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 36/86 DE 7 DE SETEMBRO DE 1986

Jornal de Amarante, 121 1x1 112 12x1; Jornal da Beira, 121 1x1 1xx 1x11; Correio de Coimbra, 121 121 x1x 1x1x; Correio do Vouga, 121 121 11x 111x; A Defesa, 121 121 1x1 x1xx; Defesa de Espinho, 121 1x1 112 xxx1; Diário de Viseu, 121 12x 112 xxx2; Folha de Domingo, 121 121 x11 112x; Gazeta das Caldas, 121 1x1 111 111x; Gazeta de Felgueiras, 121 121 x12 1x1x; Rádio Totobola, 1x1 121 11x x1xx; Maria da Fonte, 121 121 11x x111; No Estúdio e no Estádio, 121 1xx x11 x111; Notícias de Viseu, 121 12x 112 1x12; Reconquista, 121 12x 112 2111; Clube da Manhã, x21 xx1 x1x 11x2; Manhã, Manhã, 121 1x1 x12 1x21; RDP/Secção Desportiva, 121 121 112 11x1; Tempo e resultado/RDP, 1x1 1x1 112 xx1x; Boomerangue, 121 1x1 x1x 111x; Programa da Manhã, 1x1 11x 11x x21x; Música com Elas, 12x 2x1 21x 111x; Fotogramas, 121 1x1 x1x 1xx2; Fora de Jogo, 121 xx1 x1x x112; Bola ao Centro, 1x1 xx1 2xx 11x2; Grande sábado, 121 111 x12 1122; Canal Mais, 121 xx1 11x 2x2x; Sintonia Desportiva, 1x1 x11 11x x2x2; A Voz do Domingo, 121 1x1 111 111x; Voz de Lamego, 121 1x1 112 x111; Desporto Regional, 1x1 1x1 1xx 1x11; Beira Serra, 121 x11 11x xx1x; Horizonte, 121 x11 x12 1111; Rádio Guarda, x11 122 xx1 1112; Gente Gira, 111 121 2x2 x11x; Pista de Dança, 121 121 x1x 12xx; Sons da Madrugada, 121 1x1 x12 21xx; Fim de Semana Desportivo, 1x1 1x1 112 1x1x; Penalti, 121 111 112 1112; Eu Sei Tudo, 121 1x1 212 x112; Jornal de Felgueiras, 121 1x1 1xx 111x; O Mensageiro, 121 1x1 x12 2x11; Notícias de Felgueiras, 121 1x1 x1x 111x;

Rádio Altitude, 121 121 xx1 xx12; Rádio Sports, 121 111 112 1111; Voz do Ave, 121 11x 112 11x1; Panorama Desportivo, 121 121 x1x x211; Snack Bar, 121 x11 x12 1x12; A Arte de Bem Madrugar, 121 1x1 111 x111; A Comarca de Arganil, 121 1x1 112 1111; Diário de Coimbra, 1x1 111 x11 111x; Diário, 121 121 x12 x122; Diário de Lisboa, 121 1x1 112 xx11; Dribling, 1x1 1x1 11x 2x11; Ecos de Cacia, 121 121 11x 11x2; Guia do Apostador, 121 x21 112 1xx2; Litoral, 121 121 x1x x222; Notícias de Gouveia, 1x1 121 x12 2122; RR/Diário do Desporto, 121 1x1 x1x x111; Bola Branca, 121 1x1 112 1xxx; RR-/Desporto, 1x1 121 112 1112; Diário de Aveiro, 121 1x1 11x 1211; A Voz de Palmela, 111 11x x12 2211; O Comércio de Leixões, 121 1x1 11x 1x1x; De Tudo um Pouco, 121 121 11x 111x; Jornal de Gaia, 121 211 x12 x11x; Jornal da Graça, 121 12x 111 x2x2; Jornal de Notícias, 121 121 11x x121; O Primeiro de Janeiro, 121 121 112 x11x; ORepórter do Dia, 121 121 11x 11x2; Alvo Desportivo, 1x1 121 112 2222; Rádio Alvo, 121 1x1 11x 111x; Alvo, 121 1x1 111 x1xx; Alvo Suplemento, 121 111 11x xx2x; A Voz dos Ridículos, 1x1 121 111 111x; Rádio Placard, 121 11x 121 2121; Estúdio 64, x21 xx1 212 1x1x; O Jogo, 121 x2x 11x xxxx.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Porto-Chaves	75	3	0	11	1	1
2. Marítimo-Benfica	3	13	62	1	2	9
3. Sporting-Salgueiros	77	1	0	11	1	1
4. Farense-Elvas	65	11	2	9	2	1
5. Varzim-Guimarães	14	34	30	2	5	5
6. Braga-Rio Ave	67	10	1	10	1	1
7. Belenenses-Académica	48	25	5	7	4	1
8. Boavista-Portimonense	70	7	1	10	1	1
9. Lixa-Penafiel	12	33	33	2	5	5
10. Vizela-Aves	41	28	9	7	4	1
11. U. Coimbra-Beira-Mar	44	24	10	7	4	1
12. Feirense-Covilhã	57	20	11	8	3	1
13. Sacavenense-Nacional	24	32	22	4	5	3

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

121 1X1 11X ou 2 111X

Anima-se o futebol algarvio

Está em grande movimentação o futebol algarvio ontem, o Esperança de Lagos conquistou a «Taça de Honra» para clubes da 2.ª divisão nacional, instituída pela Associação de Futebol de Faro. A equipa lacobrigense, ao vencer no seu terreno o Olhanense (por 2-0) confirmou o triunfo alcançado na 1.ª «mão», disputada no passado dia 30 de Agosto, em Olhão.

O êxito do Esperança assentou no seu futebol mais prático, de conjunto melhor entrosado e esclarecido face a um Olhanense ainda mal ligado e pouco veloz.

No campo Rossio da Trindade (em Lagos) arbitou José Filipe (Faro) e alinharam:

Esperança de Lagos: Cardoso; Paiva, Justino, Brites e Vitor; João Paulo, Gamboa (Simões, aos 77m), Formiga e Paulo Neves; Amenga (Jorge Antunes, aos 77m) e Zequinha

Olhanense: Tozé, Carrada, Herculano, Oliva e Lima; Aldeias, Leiria, Luís Silva e Carlos Reis; Floor e José Armando.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Zequinha (aos 32 minutos) e Amenga (51 minutos).

Cartão amarelo para Aldeias.

●

Também ontem, o Silves embolsou a «Taça de Honra» da Associação de Faro para clubes da 3.ª divisão, ao vencer o Imortal (por, 1-0) na final disputada em Lagoa, no campo «Josino da Costa». A vitória do Silves aconteceu nos últimos segundos do encontro, mercê de um remate portentoso de João Rui, desferido de fora da grande área, quando já se aguardava a resolução através de grandes penalidades. De imediato, o «juiz» Fernando Mendes apontou o centro do terreno e deu por finda a partida.

O jogo teve duas faces distintas e caracterizou-se pelo baixo nivel técnico: no 1.º tempo, o Imortal dominou territorialmente; na 2.ª parte, o Silves foi superior.

Árbitro: Fernando Mendes (Faro).

Silves: Jorge; Fernando (Paz, ao intervalo), Amilcar, Chico Santos (João Rui, ao intervalo) e Jaime; Carlos Gomes, Zezinho e Nunes; Sintra, Herbert e Calhau.

Imortal: Helder Lourenço; Paulo Zé, Araújo, Barreto e Nelson; António Mário, Ademir e Helder Patrão; Nelo (Zico, aos 88m), Julinho e João Santos.

Marcador: João Rui, aos 90 minutos. Cartão amarelo para Carlos Gomes (Silves), aos 30 minutos, Helder Patrão (Imortal), aos 49m e Ademir (Imortal), aos 76 minutos.

Assim, o Esperança de Lagos, (vencedor da Taça A.F. de Faro, relativa aos clubes da 2.ª divisão e o Silves que conquistou o troféu corresponedente a clubes da 3.ª divisão divisão nacional, irão defrontar-se na próxima 4.ª feira (dia 10) no estádio de «S. Luís» (em Faro) para ser apurada a equipa que jogará com o Farense, triunfador da «Taça» para a 1.ª divisão, a «finalíssima» entre vencedores das «Taças de Honra» algarvias.

Olhanense reforça-se

O Olhanense tem vindo a resolver nos últimos dias alguns dos problemas relacionados com a contratação de futebolistas para o seu «plantel» da poca 86/87.

Assim, Graciano, (ex-«central» do Belenenses) e o avançado Marinho (que, na última temporada representou o Juventude de Évora) chegaram a acordo com o clube algarvio, transferindo-se apra Olhão, por um ano.

Contudo, Graciano e Marinho não poderão dar o seu concurso à equipa olhanense na 1.ª jornada do nacional da 2.ª divisão, divido ao atraso na contratação, ao contrário do lateral direito César Vaz (ex-Belenenses) já devidamente inscrito peo Olhanense e apto a alinhar.

Os problemas financeiros do Sporting Olhanense têm sido o óbice principal para o tardio «arrumar da casa», numa altura em que os seus responsáveis técnicos pretendiam ver o conjunto totalmente estruturado, com vista a um campeonato mais ambiciosos do que o da época passada.

POETA

FERNANDO GRADE

NA FESTA

DO «AVANTE»

no Pavilhão da CDL
Sábado a partir das 17h.
Domingo a partir das 15h.
para autografar a 4.ª edição
do seu livro
«O VINHO DOS MORTOS»
(575$00)
uma das obras
mais fascinantes
da Poesia Portuguesa
depois do 25 de Abril
Repare, sinta e medite:

«HAIKKU CONTRA
A GEOMETRIA ROMÂNTICA
Nunca tive jeito
para a geometria
porque vejo sempre
na pirâmide
o suor de quem a construía.»
Lançamento da **Mic**

Procure mais poetas da Mic
no Pavilhão da CDL
Leia também, e gostará de
«AS CORDAS E OS METAIS,
O SABOR DA PAISAGEM»,
de Mário Machado Fraião

Modalidades

Vela no Tejo

O velejador Pedro Sequeira Matos na «Classe Optimist» (em representação do Clube Desportivo de Paço deos) conquistou o Troféu Patrão Lopes. Estavam inscritos mais de cem barcos, movimentando 140 velejadores, de 16 clubes de todo o País.

Zvikovic: de costas como poderia atirar à rede?

Jorge Martins assustado: o caso não era para menos

Particular na Luz: Benfica, 2-Belenenses, 0

Trinta mil viram rubros em força perante "azuis" a meio gás

Foi muito bom, pelo menos em termos de bilheteira: trinta mil espectadores foram até à Luz para presenciar um espectáculo de características particulares, que colocou frente-a-frente o Benfica e o Belenenses e culminou com o êxito rubro, por 2-0: Um golo de Edmundo e outro de Rui Àguas deram a vitória aos donos da casa. O tento de Edmundo foi apontado aos 23 minutos e Rui Àguas estabeleceu o resultado final, aos 79 minutos.

A partida serviu para apresentação da última aquisição do clube «encarnado» (o jugoslavo Zivkovic) mas, no relvado da Luz, estiveram igualmente algumas das novas contrataçÕes de ambos os clubes. Basta anotar os «teams» que, sob direcção do árbitro Vítor Correia (Lisboa) alinharam: • Benfica: Neno; Pietra, Edmundo, Samuel (Vando, 71) e Álvaro (osé Carlos, aos 82 minutos); Carlos Manuel (Nunes, 62) Dito, Chiquinho (Tueba, 62), Zivkovic (Shéu, 62) e Diamantino (José Luís, 62); Maniche (Rui Águas, 71).

• Belenenses: Jorge Martins (Justino, 45); Carlos Ribeiro (Galo, 75), José António (Murça, 45), Sobrinho e Artur: Alberto, Jaime, Teixeira e Hilário (Silvério, 45); Jorge Silva (Paulo Monteiro, 45) e Djão (Jorge Abreu, 52).

Cartão amarelo para Murça, aos 82 minutos.

Os benfiquistas dominaram durante todo o jogo, além de Edmundo o técnico John Mortimore fez alinhar também de início o recém-chegado jugoslavo Zivkovic (que deu boas indicações no centro do terreno) e o zairense Tueba, quando o encontro já entrava numa fase decadente.

Banco «azul»: Depireux poupou as suas «estrelas»

Por seu lado, o técnico dos «azuis» (o belga Henri Depireux) preferiu não arriscar, deixando de fora as duas principais aquisições do clube de Belém: o búlgaro Mladenov e o zairense Mapuatá. Sem eles o Belenenses actuou muito longe do que fez nos primeiros dois jogos do «nacional», pois ficou praticamente sem linha avançada, já que tanto Djão como Jorge Silva mostraram pouca objectividade, permitindo uma noite calma ao guardião Neno.

Assim, os benfiquistas cedo tomaram conta da partida, criando sucessivas situações de perigo junto da baliza de Jorge Martins, enquanto os «azuis» se remetiam à defesa. Logo aos 10 minutos, o ex-bracarense Dito quase inaugurava o marcador, num pontapé em bicicleta que levou o esférico a bater na barra da baliza dos visitantes, o mesmo acontecendo três minutos depois quando rematou forte de fora da área, saindo a bola junto ao poste direito da baliza de Jorge Martins.

Aos 16 minutos, nova situação de perigo junto da área dos «azuis» com o jugoslavo Zivkovic a cabecear de cima para baixo na sequência de um «canto» marcado por Diamantino: Jorge Martins correspondeu, aliviando com uma palmada por cima da trave.

O primeiro golo dos benfiquistas surgiu, naturalmente com Edmundo a levar a melhor sobre José António (após solicitação de Zivkovic) e a aparecer isolado frente a Jorge Martins, desfeiteando-o sem dificuldade. Os pupilos de Mortimore poderiam ter aumentado a vantagem (aos 29 minutos) na sequência de um «canto» apontado por Diamantino, em que Manniche, colocado junto ao primeiro poste, amorteceu de cabeça para o brasileiro Chiquinho, qeu cabeceou com intenção, surgindo Teixeira a salvar em cima do risco. Na recarga, Zivkovic rematou ao poste, acabando a bola por perder-se pela linha final.

Chiquinho voltou a demonstrar a sua categoria (aos 37 minutos) concluindo bem de cabeça um cruzamento de Pietra, num lance em que proporcionou a Jorge Martins a melhor defesa da noite.

No regresso das cabinas, Henri Depireux trocou Jorge Martins, José António, Hilário e Jorge Silva por Justino, Murça, Silvério e Paulo Monteiro, mas o Belenenses continuou sem soluções para contrariar o conjunto de John Mortimore. Por seu lado, o técnico benfiquista só a cerca de meia hora do final fez as primeiras substituições, fazendo entrar Nunes, Tueba, Shéu e José Luís para os lugares de Carlos Manuel, Chiquinho, Zivkovic e Diamantino, respectivamente.

O encontro entrou (então) numa fase decadente: mas o Benfica continuou a dominar os acontecimentos, pertencendo-lhe as poucas ocasiões de golo criadas até ao final, nomeadamente por Vando e José Luís, empenhados em lutar por um lugar na equipa principal dos «encarnados».

Depois de uma boa jogada de entendimento com Shéu e Nunes, que acabou por se perder, o regressado José Luís proporcionou a Rui Àguas o segundo golo do Benfica, lançando com oportunidade o ponta-de-lança «encarnado» que, pouco antes, entrara para o lugar do dinamarquês Manniche.

●

Figuras em destaque no «show»: Edmundo, Zvikovic, Pietra, Chiquinho, Shéu e também Dito (entre os benfiquistas) que jogaram o que foi necessário para vencerem uma turma extremamente lenta e apática, onde somente Alberto e Silvério ultrapassaram a mediania, facto incompreensível numa equipa que comanda o campeonato nacional, com suporte em exibições de nível. Uma palavra para a arbitragem: muito contestada pelos «azuis», esteve bastante longe do que é exigível a um juiz com credenciais.

Voleibol mundial: meninas a jogarem

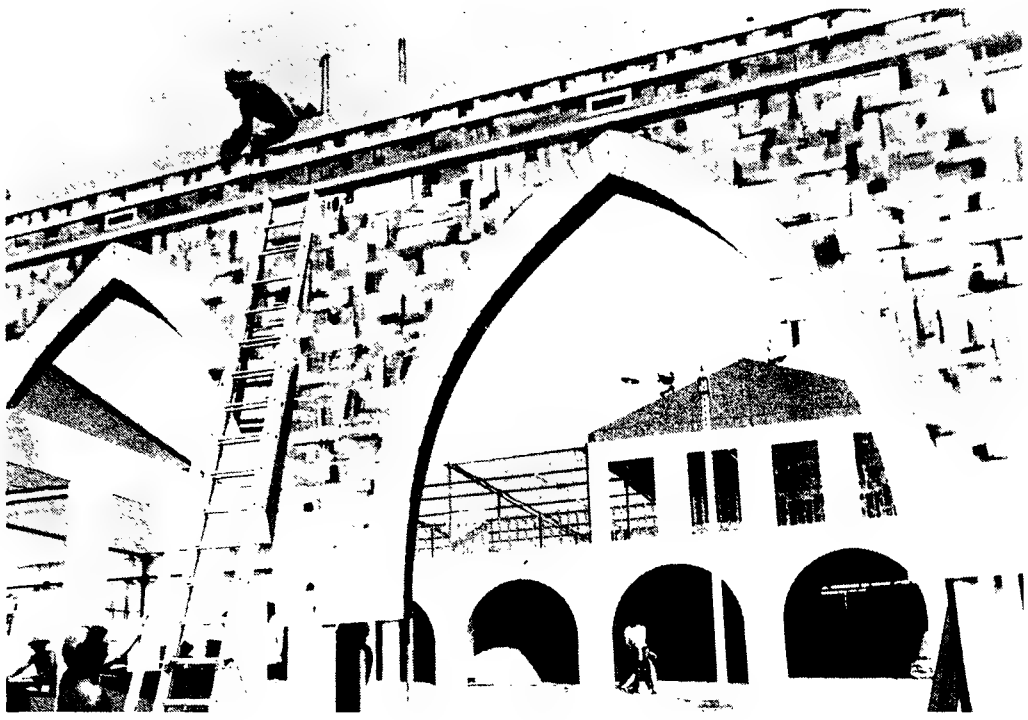
A Alemanha Democrática venceu a União Soviética (3-2) na partida mais equilibrada da 2.ª jornada do mundial de voleibol feminino, a decorrer em quatro cidades checoslovacas. Outros resultados da segunda jornada e classificações dos quatro grupos:

• Grupo A (em Zilinia): Coreia do Sul - Bulgária, 3-0 e Checoslováquia - Canadá, 3-0. Classificação: 1.º Coreia do Sul, 4 pontos; 2.ºs Checoslováquia e Bulgária, 3; 4.º Canadá, 2.

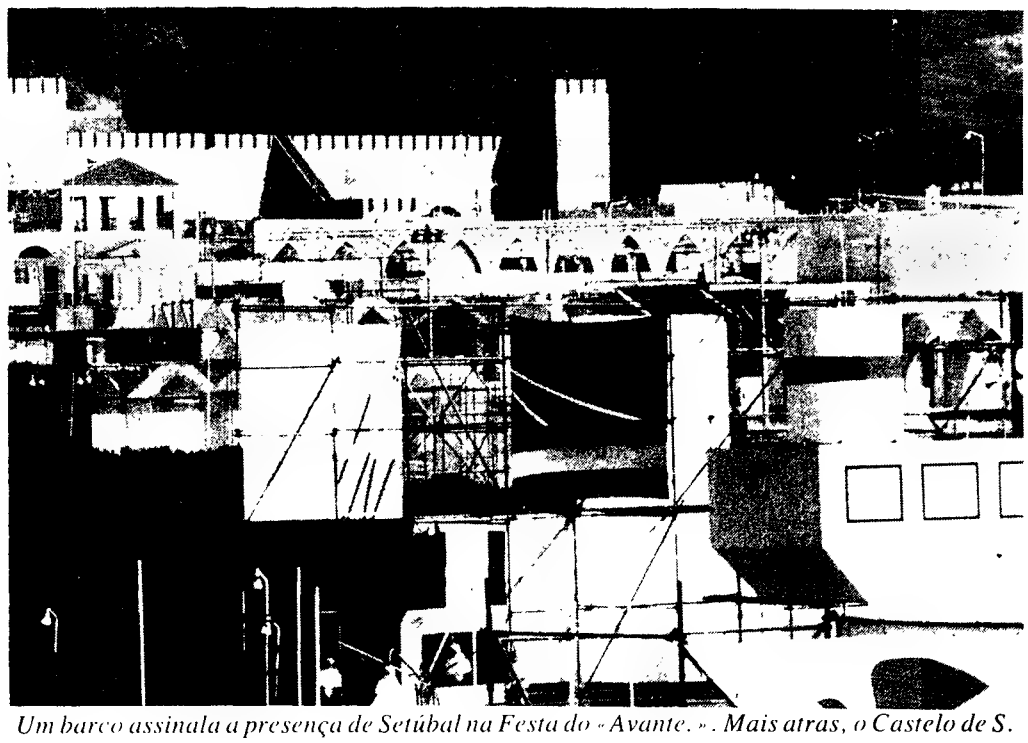
• Grupo B (em Pilsen): China -Tunísia, 3-0; 2.ºs URSS e RDA, 3; 4.º Tunísia, 2.

• Grupo C (em Brno): Peru -Brasil, 3-1 e Cuba - RFA, 3-0. Classificação: 1.ºs Cuba e Peru, 4 pontos; 3.ºs Brasil e RFA, 2.

• Grupo D (em Olomouc): Japão - Itália, 3-0 e EUA - Coreia do Norte, 3-0. Classificação: 1.ºs Japão e Estados Unidos, 4 pontos; 2.ºs Itália e Coreia do Norte, 2.



O Aqueduto das Aguas Livres, com 134 metros, foi outro dos «símbolos» escolhidos pela organização de Lisboa do PCP



Um barco assinala a presença de Setúbal na Festa do «Avante.». Mais atras, o Castelo de S. Jorge no espaço ocupado por Lisboa

Beth Carvalho e Sara Gonzalez: os dois nomes "mais" da Festa do Avante 86

Não são nomes conhecidos do grande público o dos artistas estrangeiros que este ano estarão na Festa do Avante. Mas nem por isso a música deixa de ser uma das componentes fortes do certame do Alto da Ajuda, onde emparceira com uma primeira incursão em profundidade no campo do teatro e pelo menos duas grandes exposições. O resto já se sabe: é a festa nas sua variadas dimensões, com as contribuições das organizações regionais do PCP, a cidade internacional com os seus restaurantes, o desporto e a já habitual cidade da juventude.

Todos os anos a notícia se repete. No Alto da Ajuda, profissionais e voluntários ajudam a erguer a cidade que ao longo de três dias albergará centenas de milhar de pessoas. Para os visitantes extemporâneos os trabalhos de construção parecem sempre atrasados, mas já se sabe que à hora da abertura da Festa do Avante a cidade lá está, pronta a receber os que a ela acorrem.

Amanhã é a vez da inauguração da 11ª edição da festa promovida pelo orgão oficial do Partido Comunista Português. Para os que já conhecem o programa, não é novidade a constatação de que estão longe os anos onde por lá passaram alguns dos maiores nomes da música internacional. Com efeito, as «estrelas» serão este fim-de-semana duas mulheres, pouco conhecidas do grande público, mas que constituirão uma agradável surpresa para quem as escutar.

Do Brasil, para encerrar a Festa, no domingo à noite, pelas 23 horas, virá Beth Carvalho, acompanhada por um conjunto de «quinze embaixadores do samba». No seu país, ela é considerada, depois da morte de Clara Nunes, a maior sambista e uma das que melhor transmite a realidade das favelas do Rio de Janeiro. Canta sobretudo temas de autoria de compositores populares, mas tem cantado também composições de Caetano Veloso, Martinho da Vila e Ivan Lis, entre outros.

Mas no domingo à noite, o Palco 25 de Abril será também cenário para outra mulher: a cubana Sara Gonzalez. Quando em 1976, a Festa do Avante abriu pela primeira vez as suas portas, ainda na FIL, Sara Gonzalez foi um dos nomes presentes. Então poucos conheciam a chamada nova trova cubana, da qual são figuras de proa Pablo Milanes e Silvio Rodriguez. Dez anos depois o desconhecimento mantem-se, apesar destes serem hoje nomes de peso no cenário da música internacional. Sara Gonzalez, com a sua bela voz e os ritmos que variam da balada ao som de África, passando pelo jazz e pelo rock, vem-nos recordar a existência da nova trova cubana e abrir o apetite para os adiados concertos dos seus dois grandes parceiros naquele movimento.

Raios laser

Quanto aos músicos portugueses, pode-se dizer que são muitos os que estarão na Festa do Avante. Citamos aqui alguns. Na sexta-feira, no palco principal, Júlio Pereira tem a seu cargo o encerramento da primeira noite de festa. No sábado, passarão por aquele palco grupos como os Mler Ife Dada, Rádio Macau e Trovante, a quem cabe o encerramento e que anunciaram já um espectáculo especialmente pensado para esta edição da Festa do Avante.

No que respeita ao palco propriamente dito, sabe-se que ele está no mesmo local, com o mesmo comprimento, altura e largura. Diferente será, contudo, o som, que este ano passará pela primeira vez os 50.000 wats e as luzes que se irão aproximar dos 200.000 wats. Anunciado também um espectáculo de raios laser que, segundo os organizadores, ultrapassará os até agora realizados em Portugal.

Objectiva 86

Mas a Festa do Avante, como sublinham os seus organizadores, tem para além do espectáculo, um conteúdo político directo. Este ano, como seria de esperar, o seu tema central são os cem anos do 1º de Maio.

No Pavilhão Central esse tema será desenvolvido ao longo de uma exposição fotográfica e documental que se estende ao longo de três centenas de painéis, nos quais se evocam os acontecimentos de Chicago de Maio de 1886 e se faz uma breve história das comemorações do 1º de Maio a partir de 1890 em vários países do mundo e em Portugal.

Também no Pavilhão Central, o visitante poderá ver uma exposição fotográfica, intitulada Objectiva 86, que regressa à festa depois de uma primeira experiência em 1984. Nela estão incluídos cerca de 700 trabalhos de nomes da fotografia nacional e internacional. Esta edição conta ainda com três destaques: uma exposição de trabalhos do soviético Dimitri Balthermans, internacionalmente conhecido pelas suas fotografias de Segunda Guerra Mundial. Uma exposição sobre o pioneiro da fotografia em Portugal, Carlos Relvas e uma homenagem a Augusto Cabrita.

No Brasil dizem que é a maior sambista depois de Clara Nunes. Chama-se Beth Carvalho e actua domingo no Alto da Ajuda

Ainda no campo das exposições, o destaque também para a que estará patente na cidade da juventude, subordinada ao título genérico « A Música e o Trabalho» e que é composta por três núcleos: « O Trabalho para a Música» ou a construção dos instrumentos; «A Música para o Trabalho» ou a história dos cantos de trabalho; e «A Música é Trabalho» com uma mostra do trabalho dos artíficies do som.

Sete companhias

Novidade nesta 11ª edição da Festa do Avante será o Avanteatro, um espaço com capacidade para cerca de três centenas de espectadores e onde se apresentarão, ao longo dos três dias da festa, sete companhias teatrais: TEAR-Teatro Estúdio de Arte Realista, do Porto; Sete Ofícios, da Parede; TAS-Teatro de Animação de Setúbal; Grupo de Campolide-Companhia de Teatro de Almada; TIL-Teatro Infantil de Lisboa;Teatro Borda D Água, da Chamusca; e A Barraca, de Lisboa(lista elaborada com basa na sua ordem de entrada em cena).

Também na área do desporto existem novidades, entre as quais uma corrida da Paz e da Liberdade, marcada para domingo de manhã e aberta a todos os interessados. Para o Festival Internacional de Ginástica Desportiva estarão na festa equipas de ginastas da URSS, RDA e Hungria.

Confirmado também o habitual comício de domingo com o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal.

Restaurantes dos «outros»

Para o leitor de Lisboa, fica ainda aqui o aviso. Este ano a organização da capital do PCP resolveu assinalar a sua presença com a construção de dois «duplos»: o do Castelo de S.Jorge e do Aqueduto das Águas Livres, este com 134 metros. Novidade também, neste sector, será a realização de uma feira da ladra.

Quanto à cidade internacional, sabe-se que aí estarão representações de 35 países, nove das quais com restaurantes instalados: URSS, RDA, Bulgária, Cuba, Hungria, Angola, Cabo-Verde, Itália e Timor-Leste. Problemas relacionados com a paz e o desarmamento serão tema das iniciativas políticas neste espaço, que conta ainda com um «Forum da Solidariedade».

CRÓNICA DE TOUROS

Crónicas de Alcochete

A Manhã

Soliloquio

Praça de Touros de Alcochete. Domingo, 10 de Agosto de 1986. Touros de diversas ganaderias, em corrida concurso, para Luís Miguel da Veiga, João Palha Ribeiro Telles, Paulo Caetano, e forcados amadores de Alcochete.

Sobre o Terreiro do Paço, o sol nascido foi-se estendendo, num espreguiçar vagaroso. Ao lado da ponte dos cacilheiros, já se armou para os passeantes o estendal dos tabuleiros de bolos, grandes e duvidosos, queques, fatias de torta, enormes as rochas, e as bolas de Berlim com um creme amarelo e suspeito assomando pelo corte breve, sem força para escorrer. Um vendedor cabeludo bate com a tenaz dos bolos, à laia de castanholas, ao compasso da música de um transistor, rouca, sem dizer com a frescura da manhã, do céu azul riscado por umas nuvens estreitas e brancas, que não trazem ameaça de mau tempo, nem elas nem as gaivotas que esvoaçam por ali, rindo-se do rifão que faz da sua presença em terra um augúrio de temporal que não vai haver. Do pontão a nascente da estação de Sul e Sueste, vai partir o barco da carreira do Montijo. Chama-se «Moscavide», e tem ar provinciano e pacato, um sossego distante das multidões apressadas de um «ferry» de Hong-Kong, ou da confusão do «Ibn Batouta», zarpando para Tânger com sua carga de mouros e cristãos. Mas já se pôs a trabalhar a máquina do «Moscavide», o mestre fez soar prolongado o apito, chamando os passageiros que à última hora nunca faltam, lá vem um casal correndo, atrás do homem («Despacha-te, Cremilde!»), vem ela com o corpo à banda, do peso de um saco às riscas, decerto farnel, imaginamos o pão, a omoleta, as pataniscas, os panados, as maçãs, talvez arroz doce, para carga do homem só sobrou o garrafão inevitável, matador de sedes e desconsolos.

*****

A bombordo vai desfilando a cidade, os casarios de Alfama e do Castelo, as torres da Sé, São Vicente, Santa Engrácia, cá em baixo os navios arrumados ao longo do cais, por detrás dos mastros os guindastes silenciosos. Para ré, vai-se afastando o Terreiro do Paço, e em frente dele vem um pequeno cargueiro subindo, cruzando as águas que foram noutros tempos do quadro dos navios de guerra, agora recolhidos no Alfeite, o quadro já não existe mais, acabaram-se para os cabos de quarto as noites de desassossego, presas ao vigiar da amarra a cada bater das horas no sino, não fosse a âncora garrar, a força das unhas ser vencida pela da corrente, levar o «destroyer», para a barra. Uma menina loura, toda de verde, do laçarote aos sapatinhos lustrosos, abraçando pelo pescoço uma boneca também loura, diz adeus para um petroleiro enorme, pesadamente vazio, tão distante que de seu bordo ninguém dará pelo aceno dela, seu riso, sua alegria, seus olhos maravilhados, olhando o cachão branco de inquieta espuma que a hélice do «Moscavide» vai deixando para trás.

*****

Naquele banco, quase à proa, onde na janela se recorta o casario da outra banda, reconheço um passageiro. É ele, não há dúvida, o senhor Espanca. Também me viu, levantou-se, abriu-me o sorriso ainda antes que eu lhe estendesse os braços, numa comoção matinal e súbita. A reforma não lhe tocou o ânimo, está na mesma, sem carências ocupacionais, talvez até remoçado, fresco, como se saído de um duche tomado sem pressas de cumprir horário, de pegar em seus afazeres de contínuo, no jornal «A Capital». Uma delicadeza pronta, afável, polida, que tanto dava para ser contínuo como chefe da contabilidade, ou comerciante estabelecido na Baixa, ou secretário-geral de ministério, ou tenente-coronel de artilharia. Sócrates Espanca. Como se na alma guardasse a delicadeza de sua prima direita, a poetisa famosa, por sinal o pai da Florbela foi até seu padrinho de baptismo, daí ele ter ficado Sócrates, o senhor fazia questão de dar nomes célebres aos afilhados, na família há um Demóstenes, um Túlio, um Otelo, esse do Shakespeare. Ele ficou Sócrates, nome raro, o senhor Espanca já procurou até na lista telefónica e não encontrou nenhum, em Portugal só conheceu outro, e era de Goa, o Sócrates da Costa, que foi até deputado na Assembleia Nacional, no tempo da outra senhora. Conversamos de outras coisas passadas, e também presentes, das festas de Alcochete, ele vai de visita à família que tem para os lados de Sarilhos, conhece bem a zona, pode ajudar-me a planear o regresso, saca da carteira os horários da camionagem, agora não há barcos directos de Alcochete, tem de se apanhar a Rodoviária para o Montijo, mas à hora de acabar a tourada também já não há barcos do Montijo, tem de se apanhar a camioneta para o Barreiro, aqui está o horário, tantas colunas impressas e tão poucas carreiras, é por causa das alíneas, o senhor Espanca pôs os óculos para ver melhor, esta coluna não dá, é só de terça a sexta, talvez esta dê, não, é só aos sábados, e hoje é domingo, e esta também não dá, é a alínea c), é todos os dias excepto aos domingos, esta é que serve, apanha a última carreira de Alcochete, faz a ligação no Montijo, e outra vez a ligação no Barreiro, fica o problema resolvido. E o senhor Espanca sorri, com um sorriso simples, que não tem alíneas, vale mais que todas as carreiras.

*****

O «Moscavide» atracou, e logo passageiros saltaram apressados, como se não fosse domingo, não houvesse no cais uma bandeira nacional drapejando, o vermelho já esfarrapado. A camioneta para Alcochete aguardava, também meio esfarrapada, pôs-se a engolir a bicha de povo, vagarosamente, entre protestos dos que não se conformavam com a espera, ao sol que já apertava, isto agora é moda nova, o motorista a fazer de cobrador à entrada, depois queixam-se que há desemprego. Isto só em Portugal, diz um fulano com ar de quem nunca passou a fronteira, a não ser algum sábado de compras em Badajoz. Finalmente, a camioneta põe-se em marcha, entre pragas dos que não tiveram lugar sentado, na plataforma de trás apanham em cheio com os solavancos. «Isto parece um burro aos coices», afirma um senhor que por acaso é o marido da Dona Cremilde. «De avião não se treme assim», diz ela. «Eu de vião só andei na Feira Popular», comenta uma mulheraça próxima. A primeira paragem é junto a um edifício térreo, limpo, com jardim à volta. Uma rapariga apeia-se, vestido às flores. «Deve ser visita de algum preso», diz a do avião da Feira, conhecedora pelos vistos do local e das circunstâncias: «E olhem que se come bem nesta prisão, parece que há dias de darem doce à sobremesa». O eterno apelo do garfo, a competir com a liberdade. A camioneta volta a arrancar, com um estremecer de partir a louça. «Se estivesse aqui a mulher do Raul, já tinha tido a criança». Mas a mulher do Raul não estava, e além disso já se avista Alcochete, além é a velha ponte dos barcos para Lisboa, dos barcos que já não há. «Acabaram com eles, com o 25 de Abril», explica um senhor, que leva chapéu e gravata às pintinhas. «Só faltava mais esta» — diz um fulano sem papas na língua — «este reaças a fazer o 25 de Abril culpado de se acabarem os barcos para Alcochete». Mas o reaças finge que não ouve, vai andando pelo corredor a caminho da porta da camioneta, antes que se faça tarde, lhe comecem mal as testas do Barrete Verde.

*****

Os foguetes já anunciaram a largada, à cunha se puseram as janelas e varandas. No fim da rua, donde se pudesse dobrar a esquina veria o Tejo, e à borda d'água os barcos que a maré deixou varadas na areia, o touro encontrou, a vedar-lhe a fuga de tanto desafio e arranzel, os toros de madeira onde se abrigam e empoleiram as vozes que o chamam, os braços e chapéus que lhe acenam, as máquinas de fotografias que buscam uma nesga por onde o apanhem para uma posteridade familiar. É um touro negro, marcado com uma divisa sem fama; e com um número, o 120. Trás a haste direita estilhada, de repetido bater nos madeirõs sabe-se lá de quantas largadas e camiões. Ficou quieto, com a sabedoria feita de tantas experiências. De uma porta, um miúdo puxa e torna a puxar a corda que ali mesmo atravessa a rua, com a engenhoca simples da roldana faz subir e descer uma camisola velha, quase bate no focinho do touro; e ele sem querer saber, quando um não quer dois não brigam, ali brigar só pela certa. Os moços passam próximo, numa correria sem detença; e o 120 apenas roda a cabeça uma meia dúzia de graus, que cheguem para ter a certeza que o atrevimento ficou por ali. Um cão aproxima-se, farejando a terra pisada, com ar de não sentir ameaça nem provocar desafio. Não é o caso do homem, de cabelo já branco, veio direito ao touro, o peito adiante do queixo recolhido, o passo decidido a esgueirar-se da linha recta, que um rapaz interceptou a tempo, abraçou o velhote pela barriga, levou-o entre os gritos acusadores da quase viúva. «O vinho ainda te há-de matar, meu desenvergonhado». Já não tem ar de copos o fulano da blusa branca com letras de marca de baterias: uma e outra vez se aproxima do touro, bem por trás para não ser visto, pé ante pé para não ser ouvido, estende devagarinho para o rabo do 120 a receosa mão, só falta aos dedos a coragem para nele se fecharem; no último instante acaba recuando, esquiva o meio coice que o bruto lhe atira, com uma indiferença de quem dá ao desprezo o importuno, nem sequer lhe volta a cornamenta, já percebeu que por ali perigo não corre, naquele homem a valentia acabará vencida sempre pela prudência. Mas já ao longe se ouvem os cabrestos. E então, sim, já o 120 se arranca, num trote brando, aliviado de sentir-se entre os seus, de adivinhar que o vão levar no caminho do merecido descanso, bem podem os moços correr atrás dele, no esforço derradeiro e inútil para que a festa se não acabe.

Escultura de João Cutileiro patente no Museu do Traje

Exposições

● No Museu do Traje, desde ontem, três exposições: «Transbordagem» de Ana Vieira, «O Nu e o Vestido», de João Cutileiro, e «Jóias», de Alexandra Pimentel e Pedro Cruz.

Com TRANSBORDAGEM, **Ana Vieira** opera na fachada do Palácio Angeja — Palmela (Museu Nacional do Traje) uma alteração estético-cénica — descobramento da fachada. Esta alteração desbordante e volumétrica terá a ver com uma arquitectura ficta, suportada pela real arquitectura estável, e com a utilização tridimensionada do vestir, inerente à permanente exibição das colecções próprias do Museu.

A prática escultórica de **João Cutileiro** é directa ou indirectamente conhecida do público atento. Por isso se dirá que nesta sua temática, O NU E O VESTIDO, a pedra esculpida deixou de ser (e também por virtude do sítio onde se expõe) o puro objecto artístico passivo-/passível da simples fruição do ver. Transforma-se na movimentação de volumes, texturas e práticas gestuais ligadas ao vestir e ao despir quotidianos — aqui, evidentemente, privilegiados.

Quanto ao trabalho sobre materiais preciosos dos joalheiros-artesãos Alexandra Pimentel e Pedro Cruz — JÓIAS —, a segura formação técnica e oficinal que demonstram e o importante palmarés de exposições nacionais e internacionais de que dispõem são, neste momento, justificação suficiente para esta mostra. O público já conhecedor da Sala de Intervenções do Museu Nacional do Traje, no domínio das Vanguardas do Vestuário e do Adorno na década de 80, e porventura outro que as não conheça ainda, poderá apreciar como, actualmente, está viva uma arte manual tão ligada à tradição do melhor artesanato português.

● No prosseguimento das suas actividades, o Centro Artístico Infantil da Fundação Gulbenkian elaborou o seguinte programa para todo o mês de Setembro corrente: dentro dos horários normais, entre as 10 e as 13, as 14 e 30 e as 17 e as 15 e 30 e 16 e 30, assim como das 15 às 16 e das 17 e 30 às 19, abrangendo sessões de Ludoteca e Ludo-Expressivas no exterior, «Uma Aventura no Jardim», sessões para crianças e adultos; atelier de Origami, visitas para grupos de crianças da Associação do Pessoal da Fundação Gulbenkian, etc. Os ateliers de Origami respeitam à arte japonesa da dobragem do papel.

● Até ao fim do mês, na Cooperativa Diferença (Rua S. Filipe Neri, 42-1.º) uma exposição colectiva por ocasião do XX Congresso da AICA em Lisboa.

Participaram Alberto Picco, Alda Nobre, Eduardo Nery, Ernesto de Sousa, Caseirão, Filipe Jorge, Helena Almeida, Carlos Nogueira, Irene Buarque, Jorge Molder, Joana Rosa, Monteiro Gil, Regina Chulam e Rui Sanches. Horário: de terça a sexta, das 15 às 20 horas; sábados e domingos, das 16 às 19.

Teatro

● Até 15 de Setembro estão abertas as inscrições para a frequência da Escola de Formação Artística da Seiva-Trupe que, paralelamente às actividades da companhia profissional, irá funcionar na próxima época. Os interessados poderão obter informações e fazerem as respectivas inscrições, nas horas normais de expediente e à noite, das 22 às 23,30 horas, na Rua de Camões, 578, ou pelo telefone 382131, no Porto.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 2

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

AS FORÇAS DO UNIVERSO
maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

T. 763319

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A ÁGUIA DA ESTEPE
(n/acons. 13 anos)
15, 18, 21 e 24 h

Ávila

— T. 539930

O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

MENINAS BEM
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio

— T. 372358

A NINI PREPAROU TUDO
(int. a men. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

UNS E... OS OUTROS
(n/acons. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cinebloco

— T. 556824

PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso

CUECAS HÚMIDAS
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

ONDE O SOL NUNCA BRILHA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O SARGENTO DA FORÇA 1
(int. maiores 13 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 12 anos)
16 e 21.30 h

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A FELINA
(int. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

STARMAN – HOMEM DOS ESTRELAS
(m. 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

DUAS MULHERES EM NOVA IORQUE
(int. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

O PEQUENO BURGUÊS
(n/acons. 18 anos)
21.45 h

Gemini

— T. 734009

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos
14.00, 16.30, 19.00 e 24.00 h

Hollywood

— T. 802859

OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

LOUCA POR SI PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império

— T. 555134

O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Londres

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

GINGER E FRED
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O ÚLTIMO EXECUTOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

69 DELÍCIAS DE VANESSA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

OS GOONIES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

PINK FLOYD, THE WALL
(maiores 16 anos)
23.30 h

A CASA ENCANTADA
(n. acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

VIOLETTE NOZIÈRE
maiores 16 anos
23.30 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

INICIAÇÃO CARNAL
maiores 16 anos
23.30 h

OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
15.00, 19.00 e 21.30 h

FERIDO NA HONRA
23.30 h
(maiores 16 anos)

Roma

T. 889192

SAHARA
(n/acons. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy

T. 548560

EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

THE COLOUR PURPLE — A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
14, 16.30 19 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
13.15, 16, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Star

— T. 804210

GINGER E FRED
(n/acons. men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A CANÇÃO DE HEIDI
(maiores 4 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

HERBIE, NO RALLY DE MONTE CARLO
(para todos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

O REBELDE MISTERIOSO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Terror na Auto-Estrada», às 21.30 (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio «Louca por si Professor», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «África Minha», às 15 e 21.30 (m. 12 anos)

Babilónia — «Police Academy II — de volta aos treinos», às 15.15, 18.30 21.30 h (m. 6 anos)

Cine-Teatro Chaby — Descanso

Estúdio Dois EME – «A Honra dos Padrinhos» 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Gente Gira n.º 2» às 17 e 21.15 h (m. 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Desaparecido em Combate» — Parte 2 às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Amadeus», às 15.15 e 21.30 (m. 12 anos)
Sala 2 — «As Bicicletas são para o Verão», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Academia de Polícia III — de Volta aos Treinos», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1 – «Nova Iorque fora de Horas», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Louca por Si, Professor», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Os Sete Magníficos», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
ALMADA — Academia — «Tootsie» às 15.30 e 21.30 h (m. 13 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Asas da Liberdade», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 15.45 e 21.30 h (n/acons. m. 13 anos)
Sala 2 — «Momento da Verdade», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)

BARREIRO – Cinestúdio Barreirense — «Jovens Guerrilheiros», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Conan O Destruidor», às 16.00 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Regresso Alucinante», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)
Cineoceano — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «O Enigma da Pirâmide», às 16.00 e 21.00 h (m. 12 anos)
ST.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine-St.º António — «África Minha», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO: Veritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 285264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **RESTELO - AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **PONTINHA: Cruz Corteia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491).

REFORÇO — ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **CONDE BARÃO: Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO JOSÉ - TIVOLI: Fernandes**, R. de São José, 187 (T. 326476); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31; IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até ás 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Ate às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas: **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até ás 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até ás 19 horas: ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até ás 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Fuzeta**. Até ás 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até ás 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até ás 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 17-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472287). Ate às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADDORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até ás 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até ás 22 horas; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul. Até às 22 horas; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **QUELUZ: Zeller**, P. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 Abril, lote 13 (T. 2517670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis. 31 (T. 2518151). Permanente: **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R. da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D. Afonso Henriques, 1-5, Areosa; **ALMEIDA**, R. Castelo de Numão, 37; **VALDEZ**, R. Luís Cruz, 230, às Condominhas. **DE DIA E TODA A NOITE — HERCULANO**, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. São Roque da Lameira, 756: **MAIA**, R. do Campo Alegre. 192.

DL TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Em férias até 13 de Setembro

Setúbal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 29130

De 5.ª a domingo, às 21.30

«**ALVES E COMPANHIA**«, de Eça de Queirós. Adaptação e encenação de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel, Carlos Rodrigues, entre outros.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«**OS NEGROS**«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, ás 18.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**LISBOA TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

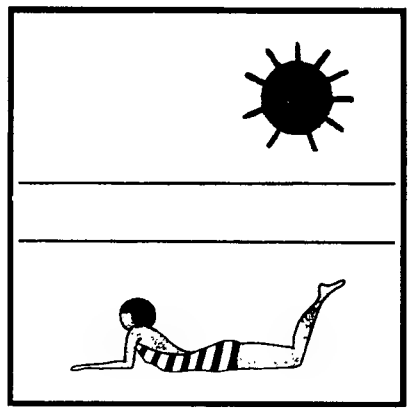
«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes) — Tel. 60 72 99

De terça a domingo, às 21.45; sábados e domingo, às 18.00

«**A BELA PORTUGUESA**«, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Int.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.



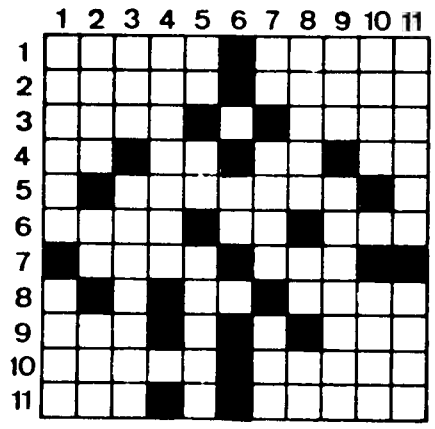
NÃO entre na água após demorada exposição ao sol

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 820

HORIZOIS:

1 Idolatra (fig). Mastiga sem engolir.
2 Ser deficiente. Asa de brinco ou arrecada (Açores).
3 Antepassados. Artigo definido. Suplica.
4 Rénio (s.q.). Nome de letra. Cobre (s.q.). Abreviatura que se usa em música.
5 Cor avermelhada.
6 Transpirar. Moderato. Raer.
7 Tempo do verbo ir. Rio de França.
8 Aparência. Ilha do Pequeno Belt.
9 Dé mios. Reles.
10 Bacanal. Prender com elos.
11 Rato. Moves os ramos.



VERTICAIS:

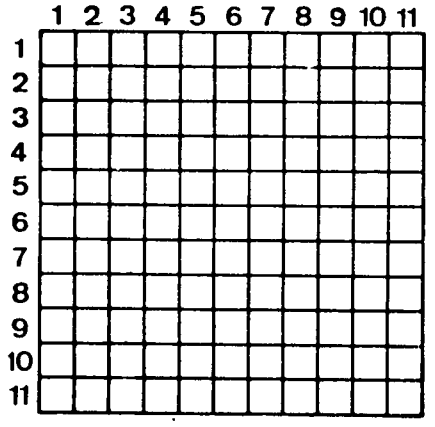
1 Aguças. Afecto.
2 Débito ou despesa de uma casa comercial. Interjeição de dor. Enguia.
3 Vazio. Ataco.
4 Alisara.
5 Clima. Preposição. Carumas.
6 Antes do meio-dia.
7 Ruim. Planta têxtil do Ceará. Ente.
8 Distribui por ruas. Seguia. Vê.
9 Fecho as asas para descer mais depressa. Adornavam.
10 Alucinado (fig.). Zombará.
11 Esconder. Ósmio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 654

HORIZONTAIS:

1 Nome de peixe. Amálgama.
2 Desmonta. Erguéis.
3 Vi. Cidade de itália. Reis.
4 Sufixo que designa pequenez. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Recusa.
5 Rasoira. Dá oiro a.
6 Chiste. Costume.
7 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Trapaça.
8 Zombas. Preposição. Aqui está.
9 Clima. Divide em ruas. Apelido.
10 Fatigo. Pronome pessoal. Cento e um em romano.
11 Tempo forte entre os Latinos. Instrumentos para atirar setas.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Loulé. Nome de diversos lagos dos Est. do Amazonas e Pará.
2 Toca apito. Voltar.
3 Rénio (s.q.). Cidade de Itália. Nosso senhor.
4 Aguardente de cereais. Colina na Suécia. Agarrei.
5 Rio dos Estados Unidos. Vantagens.
6 Feixe. Mágoa.
7 Piedosas. Pilha.
8 Ferro temperado. Sufixo que designa abundância. Prefixo que designa ar.
9 Apelido. Rainha lendia da Frígia.
10 Sacar. Sulco.
11 Esmonca. Guarneceis de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 819

1 **Crinas. Bara.**
2 **Marotas.**
3 **Oc. Opiar. Mu.**
4 **Res. Ata. Soa.**
5 **Agar. QUEM.**
6 **Arum. Turi.**
7 **NÃO. Aer.**
8 **Acarta. Ramo.**
9 **Só. Ia . Girar.**
10 **Croa. Má.**
11 **Aa. Somos. Ás.**

VERTICAIS:

1 CHORA. Casca.
2 Cega. Cora.
3 Im. Sarna.
4 NÃO. Ruarias.
5 Arpa. Mota.
6 Soito. Cm.
7 Taã. Ta.
8 Bar. Querias.
9 Ás. Surrar.
10 Moei. MAMA.
11 Acuam. Noras.

PROVÉRBIO: Quem não chora, não mama.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 653

HORIZONTAIS:

1 Dalila. Mono.
2 És. Minas. Ar.
3 Sampaio. Amo.
4 Alim. Ciou.
5 Impo. Acuar.
6 Araça. Ras.
7 Rosada. De.
8 Ás. Violaram.
9 Matas. Usos.
10 Cós. Bata.
11 Sam. Caramba.

VERTICAIS:

1 Desviaram.
2 Asa. Osaca.
3 Mapas. Tom.
4 Imploravas.
5 Liai. Adis.
6 Animação. Ba.
7 Ao. Cá. Luar.
8 Ms. Cu. Casta.
9 Aiar. Roam.
10 Namoradas.
11 Orou. Sem. Já.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.001 Música portuguesa; 20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Trechos, da ópera «Madame Butterfly», de Puccini; **17.00**: Integrais; **17.40**: Toccata, em dó menor, BWV 911, de Bach; **18.00**: Solos de piano; **18.40**: Orquestras de câmara; **19.30**: Música instrumental; **20.40**: Música sinfónica e concertante; **22.40**: Cantata, «A Donzela Eleita», de Debussy; **23.00**: Solos instrumentais; **00.00**: Sinfonia, n.º 12, de William Walton; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock. **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos animados

15.30 — Falar de Macau

16.00 — Inventário musical

9.º programa — «Música em Coimbra»: música de várias épocas e origens executadas pelo coro de estudantes de Letras da Universidade de Coimbra e pelo grupo vocal Arsis de Lisboa, no ambiente propício dos claustros da Sé Velha. Inspirada neste ambiente uma concepção de espectáculo e aproveitamento do espaço, diferentes do habitual.

16.25 — Retalhos da Vida de um Médico

9º episódio — Pedro passou a frequentar todas as tardes uma tertúlia de médicos numa pastelaria confortável. Um dia chamam-lhe a atenção para uma mulher que tomava o seu chá na companhia dum escritor oficializado. Era a Dasy, a célebre Dasy que escandalizara Lisboa anos atrás com os seus amores turbulentos. Chegara com os refugiados na enxurrada da Guerra Mundial.

17.10 — Ontem viu?

«Foi êxito na TV» — Gente Fina é outra coisa

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos mais novos

«Arca de Noé» e «Era uma vez»

18.45 — País, País

19.15 — Portas do Desconhecido

2.º programa «Os Sonhos 1»: Neste programa sobre os sonhos, faz-se uma tentativa de abordagem do fenómeno desde os tempos primitivos até à actualidade, o sonho é analisado de vários pontos de vista: histórico-religioso-artistíco, parapsicológico e científico.

Pretende-se desta maneira, levantar um pouco do véu que constitui ainda o mistério dos sonhos para todos nós, numa tentativa de procura de uma solução possível, para uma questão acerca da qual a própria ciência não encontrou explicação definitiva.

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

128.º episódio: Teresa acusa Alfredo de ter manobrado em relação ao rompimento de Sónia e Cláudio e este reage violentamente. Também Lúcia, ao ter conhecimento desta conversa, reage negativamente.

Rafael, cheio de coragem procura convencer Bia a dizer-lhe o que se passa, mas ela, irredutível, recusa-se a conversar com ele.

Angela e Cláudio jantam juntos, num clima de romantismo.

Teresa diz a Zoraide que o médico que tratou Guiomar jamais faria uma operação gratuitamente.

21.35 — Danças Loucas — 6.º programa

21.40 — Hill Street

8.º episódio: A vida de Joyce Devenport fica em perigo quando um potencial assassino lhe revela que está a ser preparada a morte do presidente da Câmara. A viagem de Belker a Las Vegas para trazer um prisioneiro permite-lhe ganhar 5000 dólares nas «slot-machines».

Hill e Renko descobrem mais uma morte.

Joblonski é perseguido por telefonemas obscenos e fotografias de uma mulher polícia nua.

22.35 — 24 Horas

«O Novo Pacífico» — 2.º episódio no 2.º Canal às 20.40 horas

RTP 2

16.30 — Europa TV

O tempo

16.35 — Tempo dos mais pequeninos

«Tic Tac» e «Willy Fog»

17.05 — Countdown em Portugal

17.45 — O Tempo

17.50 — Informação — Euroreporter especial

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Música: «Der Bettelstutent»

Opereta de Carl Millöcker — elenco: Ivan Rebroff, Ursula Walczak e Danuta Paziukowna. Maestro Robert Satanowski.

20.10 — Notícias

20.15 — minhos do eterno

Museu de Estremoz

20.40 — O Novo Pacífico

2.º episódio: A importância estratégica do Pacífico para as grandes potências aumenta à medida que cresce a prosperidade da região. Este episódio analisa vários pontos de potencial conflito como a zona desmilitarizada entre as duas Coreias e o impacto da política de defesa norte-americana nos povos do Pacífico, especialmente nos habitantes da Micronésia, em tempos um paraíso e hoje detentora da mais alta taxa de suicídio do mundo. Produção e realização de Michael Macintyre

21.45 — Notícias

21.50 — Festival Asiático

1.º programa — espectáculo realizado no Japão, com a participação de diversos países, para comemoração do 60º aniversário do início da Radiodifusão no Japão, bem como do 40º aniversário da inauguração do Festival Artístico, patrocinado pelo governo.

22.50 — Últimas Notícias

22.55 — Vereda Tropical

Episódio 130 e 131

00.25 — Encerramento

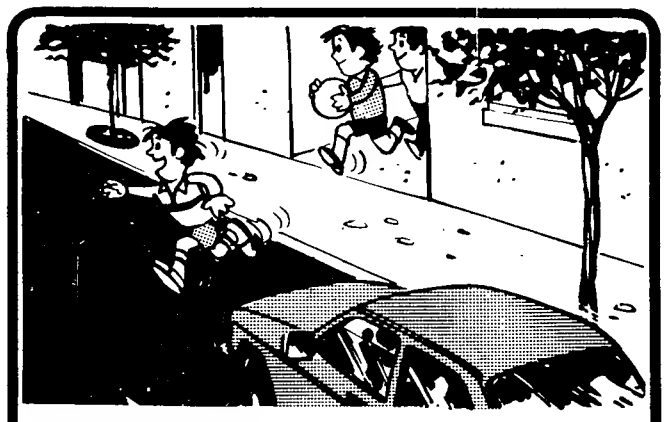
Amanhã

RTP/1

15.00 — Desenhos animados
15.35 — Espaço visual
9.º programa — pintora Assunção Venâncio
16.00 — A senhora ministra
1.º Acto — de Eduardo Schwalbach
17.00 — O Mar e a Terra
8.º episódio — «Templos da Natureza»
17.35 — Se Bem me Lembro
17.55 — Sumário
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.25 — País, País
18.55 — Atletismo: Ivo van Damme Memorial (Bruxelas)
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.20 — Coração a quanto obrigas
1.º episódio
21.50 — Fortunata e Jacinta
5.º episódio
22.45 — 24 Horas e encerramento

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
21.05 — Atletismo
Ivo Van Damme Memorial (Bruxelas
21.30 — Notícias
21.35 — Directo/2
22.30 — Últimas Notícias
22.35 — Vereda Tropical
Episódios 132 e 133



AOS CONDUTORES

"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
22.00 — Hill Street

RTP 2
21 30 — Festival asiatico

«Vereda Tropical»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1 495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 97 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

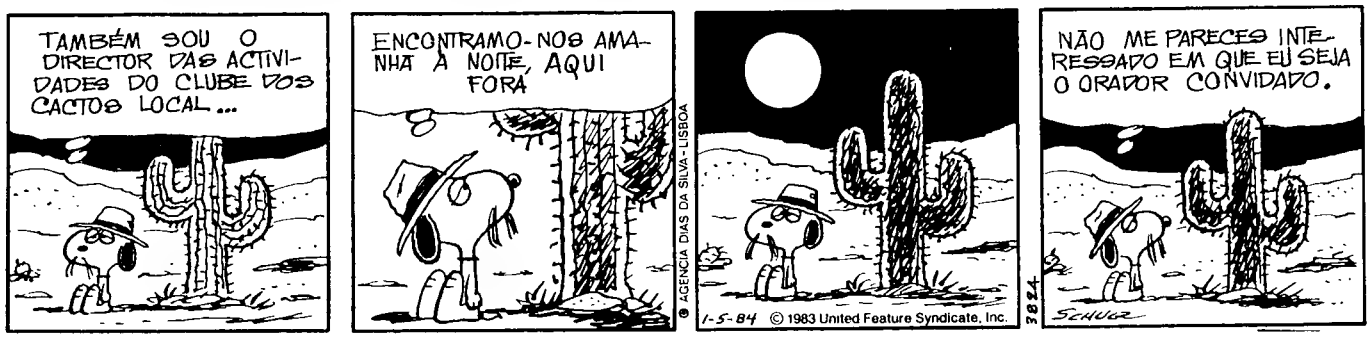
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.09	**3,80 M**	09.38	**1,00 M**
16.20	**4,10 M**	22.02	**0,80 M**
DIA 5			
04.41	**3,90 M**	10.12	**0,90 M**
16.54	**4,10 M**	22.35	**0,70 M**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	20°
VIANA DO CASTELO	15°
VILA REAL	16°
PORTO	16°
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	17°
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	23°
LISBOA	17°
ÉVORA	18°
BEJA	16°
FARO	19°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	20°



Mário Soares em Vizela: bem ou mal recebido?

O quinzenário «Notícias de Vizela», na sua última edição, interpreta a estada do Presidente Mário Soares em Guimarães, de 15 a 25 de Setembro, «como uma ofensa» para os vizelenses.

Num texto longo que se inicia na primeira página sob o título «O campeão da liberdade assenta arraiais no meio de opressores e usurpadores do direito do povo do Vale do Vizela», não assinado, faz uma análise do comportamento de alguns políticos do distrito (PSD, CDS e PS) e recorda uma intervenção do dirigente socialista Almeida Santos na Casa do Povo de Vizela para concluir que «os vizelenses estão fartos de ser trunfo para o jogo dos políticos e dos partidos».

Para o jornal vizelense, desde a chegada de Cavaco Silva ao poder, «houve tempo para criar freguesias, vilas e cidades, houve tempo para aprovar a contestada lei das rendas», mas não houve tempo para elevar Vizela a concelho.

A parte final do texto dirige-se expressamente a Mário Soares: «se o exercício da Presidência da República temporária ou permanente a partir da nobre cidade de Guimarães servir de moeda de troca para que a porca política dê a Vizela o seu direito de ser concelho, poderá concluir-se que a ideia de assentar arraiais em Guimarães deu algum fruto. Caso contrário, pode limpar as mãos à parede pelo estilo político que pretende adoptar e impor, pois não passará duma palhaçada».

E mais adiante:

«Desta forma, a presença de V. Ex.ª em Guimarães só poderá ser interpretada como uma ofensa, um exame para os vizelenses, um autêntico atentado à justiça e ao direito duma laboriosa população».

«Oxalá — escreve o jornal — que a presença de V. Ex.ª, em Guimarães, contribua para fazer justiça a Vizela. Doutra forma, antes de regressar a Lisboa, merecia que os vizelenses lhe fizessem uma manifestação idêntica a que V. Ex.ª organizou em Londres ao Dr. Marcelo Caetano».

Assembleia da República: calendário de Setembro já está elaborado

Reuniões da Comissão Permanente hoje e dia 18 e a visita dos reis da Suécia no dia 30 são alguns dos marcos da actividade parlamentar do corrente mês de Setembro.

A reunião da Comissão Permanente a realizar no dia 18 deverá ocupar-se do planeamento dos trabalhos da Assembleia no primeiro trimestre da nova sessão legislativa (Outubro, Novembro e Dezembro), nomeadamente a eleição do presidente do Parlamento e o debate do Orçamento do Estado para 87.

A Comissão Permanente será convocada uma vez mais, pouco antes do início da sessão legislativa, para debate da convocação do primeiro plenário do Parlamento.

Quanto aos reis da Suécia, serão recebidos pelas Comissões Permanente e de Negócios Estrangeiros no Salão Nobre do Parlamento, numa recepção que deverá registar discursos de Fernando Amaral e do chefe do Estado sueco.

Além deste, outro chefe de Estado vai ser recebido em breve pela Assembleia. Trata-se do presidente da Venezuela, que será também objecto de uma recepção no dia 10 de Outubro.

Entretanto, a Comissão de Controlo Orçamental do Parlamento Europeu, que se reúne no Forum Picoas de 17 a 19 deste mês juntamente com outras Comissões do Parlamento da CEE, tem uma reunião marcada para o dia 18 na Assembleia da República com a Comissão de Economia do Parlamento Português.

Para os dias 25 e 26 de Setembro estão marcadas as Jornadas Parlamentares do PS.

O Grupo de Trabalho para a Revisão da Lei Orgânica da Assembleia, que integra o próprio Fernando Amaral, tem por seu turno reuniões marcadas para os dias 9, 10, 17, 18, 25 e 26.

/D/E/C/A/R/A/S/

JOSÉ SARAMAGO, Natália Correia, Braz Teixeira, David Mourão-Ferreira e Agustina Bessa Luís são alguns dos intelectuais que nos últimos dias pediram à secretária de Estado da Cultura que reveja o simples subsídio de montagem concedido à Casa da Comédia. O próprio Presidente Mário Soares poderá vir a pedir a Teresa Patrício Gouveia que reveja a sua posição de apenas conceder uma ajuda parcelar e não um subsídio regular, de maior amplitude — comunicou à Anop aquele grupo lisboeta de Teatro.

MARIA BARROSO, mulher do Presidente da República, assistiu ontem, na cidade italiana de Verona, onde Shakespeare situou os amores de Romeu e Julieta, ao espectáculo denominado «Esta é a arena, aqui nasceu Maria Callas, em homenagem à diva. Na arena romana de Verona, onde em 2 de Agosto de 1947 a grega Maria se apresentou pela primeira vez na Itália, a cantar «La Gioconda», de Ponchielli, estiveram os espanhóis José Carreras e Montserrat Caballe, os italianos Katia Ricciarelli e Milva e o argentino Astor Piazzola, entre outros artistas.

JOSÉ SARNEY assistiu, na residência do embaixador de Portugal, Adriano de Carvalho, ao lançamento do livro «Discurso na Academia das Ciências de Lisboa». Do livro, que contém o discurso proferido em Maio por Sarney na Academia das Ciências, quando visitou Portugal e tomou posse do cargo de sócio correspondente daquela Academia, o presidente brasileiro recebeu oito exemplares numerados com capa de couro. Além desta edição especial, a editora portuguesa Bertrand fez ainda uma edição especial de 2 mil exemplares para distribuir nos dois países.

ALÇADA BAPTISTA, Fernando Cristóvão, Almeida Faria, Alfredo Margarido e José Saramago, foram os escritores portugueses presentes na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que decorreu durante dez dias nesta cidade brasileira. A participação portuguesa foi a maior entre as 20 representações estrangeiras na bienal. Na opinião da direcção da Associação dos Editores Portugueses «valeu a pena a participação» embora a representação de Portugal «tivesse sido pessimamente divulgada pela Imprensa brasileira».

ROELOF BOTHA, ministro dos Estrangeiros sul-africano, chegou a Tóquio, para uma visita oficial de cinco dias ao Japão. Durante a sua estada, o chefe da diplomacia sul-africana encontrar-seá com o seu homólgo japonês, Tadashi Kuranari, e ainda com homens de negócios. Um porta-voz, que pediu o anonimato, revelou que o encontro previsto para hoje foi pedido pelos sul-africanos.

ANDREI SAKHAROV quebrou um longo silêncio sobre a questão da violação dos direitos humanos com um pedido ao líder soviético Mikhail Gorbachev para a libertação de todos os presos de consciência. Numa carta dirigida a Gorbachev, Sakharov, já galardoado com o Prémio Nobel da Paz, apelou para que seja concedida uma amnistia geral a todos quantos estão privados da liberdade devido às suas crenças ideológicas. Na missiva, Sakharov agradecia ainda a Gorbachev por ter intervido no sentido de permitir que sua mulher, Yelena Bonner, se deslocasse ao estrangeiro a fim de se submeter a tratamento médico.

Trabalhador-estudante pode ser patrão

Os estudantes que sejam trabalhadores por conta própria passam a poder beneficiar do regime jurídico dos trabalhadores-estudantes instituído pela Lei 26/81, nos termos de um diploma ontem publicado no «Diário da República.»

A nova disposição redefine o trabalhador-estudante, considerando-o agora como «todo o trabalhador por conta própria ou por conta de outrem que frequente qualquer grau de ensino oficial ou equivalente.»

Nos termos da lei anterior, eram considerados trabalhadores- estudantes apenas aqueles que fosse trabalhadores por conta de outrem.

O diploma agora publicado justifica a alteração com «a crescente iniciativa empresarial dos jovens e o consequente aumento de actividades independentes», afirmando visar com a nova definição «o desenvolvimento das suas actividades e simultaneamente a conclusão dos seus estudos.»

D. Branca apresentou-se esta manhã na Judiciária

A cidadã Maria Branca dos Santos, D. Branca, a «banqueira do povo» como é conhecida, apresentou-se esta manhã no piquete da polícia Judiciária, devendo regressar ainda hoje à Cadeia das Mónicas, após o cumprimento das formalidades legais que passam pela sua audição nos Juízos de Instrução Criminal e no Tribunal da Boa-Hora, onde decorre o processo de que é a ré principal.

Recorde-se que D. Branca fora posta em liberdade, no dia 26 de Julho deste ano, pelo juiz do Tribunal da Relação, dr. Monteiro Marques, na base de que «o processo já dura hás mais de dois anos, os prazos razoáveis e curtos para o julgamento já estão excedidos, pois a disposição do Código de Processo Penal de 1929 que prevê um prazo de três anos é inconstitucional».

Na altura o dr. Monteiro Marques estabeleceu uma caução de 2 000 contos posteriormente encurtados para 500 contos, após recurso do advogado de D. Branca, dr. Leal Diogo, que, apesar de tudo, a velha senhora acabou por não pagar.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 269

O Teatro segundo Mário de Sá-Carneiro

Aproxima-se Outubro, é o começo da «saison», soam as pancadas de Molière. O teatro, pois! O teatro com multifacetadassoluções como espectáculo, sacrificando por vezes a inferioridade à exterioridade. Parece-nos de interesse, sobre o assunto, o que **Mário de Sá-Carneiro,** em 1913, escreveu em o «Rebate». Trata-se de um texto doutrinal que versa precisamente o **interior** e o **exterior** das obras destinadas ao palco. Apesar das referências epocais, certamente que o leitor irá detectar no escrito uma actualidade flagrante, bem como uma visão pertinente sobre a Arte de Talma. Refira-se que o autor de «A Confissão de Lúcio» e «Dispersão» foi actor, em representações mais ou menos amadorísticas, na sua adolescência.

Mário de Sá Carneiro

I

A Arte anda sempre misturada com o comércio. Na montra de um bijuteiro falso, a Arte é mesmo o brilharete real, dado a prémio, chamariz dos fregueses.

Ao lado dos Columbanos, introduzem-se os Malhoa, os Veloso Salgado — e conheço muito **diletante** que até em S. Carlos trepava ao galinheiro, tamanha a melomania, que diz muito convictamente (e muito inocentemente) amar Wagner e Puccini, guindando aos carrapitos da Lua, de cambulhada, a **Tosca** e o **Siegfriedo.**

Há mesmo um meu amigo — criatura brilhante, segundo os seus amigos — que me acha genial o sr. Augusto Gil, incensando-o de braço dado com Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Teixeira de Pascoais, António Correia de Oliveira...

Pérola ainda, este meu amigo — porquanto a elite da actualidade, a **gente ilustrada, nas salas e pelos cafés só se derrete:**

— Ai o Passeio de St.º António... que coisa tão mimosa, que delícia...

E se lhes fala da geração de hoje, genial:

— Pf... súcia de cabotinos... Só obscuros... Todos religiosidade e além... todos alma... E doentios!?... Isto quando, mais do que nunca, a República precisa de homens!...

Oh, mas para isso lá está o sr. João de Barros, poeta optimista da Instrução Pública — o que lhe fica muito bem.

No romance então vai tudo em **pas-de-quatre:** Eça de Queirós e o sr. Abel Botelho, Edgar Poe e o sr. Conan Doyle, Anatole France e Marcel Prévost...

Mas para terminar com os meus amigos:

Certo meu companheiro, que me emprestou todos os livros admiráveis de Fialho — e, sobretudo os **Gatos,** ontem, ao ler **A Capital** no Martinho, não se conteve que não gritasse todo o seu entusiasmo pela quotidiana **Poeira da Arcada,** do Rev. Manso, e do **Gil Blas.** (Bureaux: 30, Rue Louis Le Grand Paris 2.º Assinatura anual para o estrangeiro: 60 francos.)

Ora se isto é assim em todas as artes, no teatro então redobra a mixorofada. Ninguém há que não creia no imenso talento artístico (!!!) dos senhores De Flers de Cavaillet, Henri Bataille, Kistemaeckers, Capus, Brieux, Gavanet — fornecedores mundiais de fino espírito requintado, de emoção forte, de lirismo, de profunda intelectualidade... para todas as bolsas e todas as medidas...

Entre nós, ui!, que geniais o senhor capitão-médico Dantas, o advogado da **Conspiradora,** dr. Vasco Alves, a firma Chagas Roquete & Álvaro Lima — os dois últimos, De Flers & Cavaillet de trazer por casa; os segundos, fusos Bataillebernsteinzinhos. (Que ao sr. Bernstein das anedotas cine- tétrico--concentradas, muito se tem a perdoar pela sua última peça: **O Segredo,** obra a valer de um dramaturgo, de um artista.)

Numa palavra: há muito a destrinçar dentre o que neste 20.º século vai até à 100.ª representação por esses palcos da Europa. É preciso não confundir o teatro simples teatro, digestivo e banal — isto é: **espectáculo —,** com o verdadeiro Teatro-Arte, que, no período contemporâneo, atingiu a sua culminância com Ibsen, e se ilustra, entre os vivos, com os nomes de Francisco Curel, Octávio Mirabeau, Maurício Maeterlinck, Gabriel d'Annunzio, Jorge de Porto--Riche, Paulo Hervieu, Gerardo Hauptman — e raros mais, se pusermos de quarentena, como convém talvez, o sr. Bernard Sahw.

Entre nós, Marcelino Mesquita, por algumas das suas peças — e, naturalmente, pelo **Envelhecer,** cataloga-se entre eles, mas é também em verdade o único, porque já não existe D. João da Câmara — esse, sim, um puro, um grande Artista. Olhe-se a **Meia-Noite** e, sobretudo, o **Pântano —,** admirável obra dramática (embora um certo desequilíbrio), perturbadora, misteriosa, grifada de Além.

Entretanto — observe-se — o teatro--espectáculo tem licença para existir, como o cinematógrafo e os romances policiais. O próprio articulista a outra noite esteve no Ginásio a rir com a **Menina do Chocolate.** Simplesmente é preciso delimitar as suas barreiras, não confundir e, sobretudo, não julgar «artistas» os que o cultivam, o montam ou o interpretam. Eles estão fora da arte e da literatura, como, por exemplo; o sr. André Brun.

Porém, como teatro-digestivo — frise-se em uma opinião pessoal — tem muito mais valor, requer bem maiores faculdades de imaginação: afigura-se--me, enfim, bem mais honesto, bem mais recomendável em todos o sentido, o género **revista. Mas não a revista de entre nós.**

Essa tem espírito — o que é lamentável. Antes as admiráveis revistas dos music-halls de Paris, que mais modestas, não sonham sequer em ser espirituosas, não têm mesmo quase palavras (com o que só ganha a Gramática) e se resumem em cenários maravilhosos, grandes desfiles e — nota esta de verdadeira arte — em encantadoras raparigas muito despidas. (Que as nossas coristas, mesmo as bonitas, andam mais vestidas em cena do que na rua — palavra! Qual será o empresário português que se decidirá enfim, como em todo o mundo... a suprimir o **maillot** e a mostar-nos a alegria doirada de algumas pernas nuas, radiosas, aureorais?...)

Continua na pág. 2

Henry Moore, génio e campeão das encomendas oficiais

Pág. 5

Henry Moore (de bengala) perto de uma réplica dos seus **Hill Arches.**

Um é Outros – o folhetim de Jrupe Emigrilian — Pág. 4

Mário de Sá-Carneiro e o teatro

Continuação da pág. 1

II

O teatro é, pois, uma arte e das maiores — no que todos estão de acordo, mesmo o sr. Gualdino Gomes.

Entretanto é tempo de nos insurgirmos contra o erro-lugar-comum de se considerar o teatro uma arte-poética, um ramo da literatura, quando o teatro e a literatura são mesmo duas artes opostas. Citem-se até aqui as lúcidas palavras do sr. G. de Pawlowski, outro dia, na **Comédia,** entre a crítica da **music-hallesca** a nova peça de Henri Bataille:

On s'obstine en effet à ne pas vouloir comprendre que le livre et le théâtre représent deux arts opposés et, vouloir les mélanger constitue une erreur aussi grossière que si l'on voulait peindre une statue de marbre ou faire l'architecture d'un portrait.

O teatro é evidentemente — ah!, mas tão evidentemente que nem se concebe o erro — **uma arte plástica.** Mesmo até a mais ao primeiro exame plástico: a mais caracteristicamente plástica, pelo menos mais plástica do que a pintura, pois a esta falta o relevo.

Simplesmente a matéria-prima do drama é, **em geral,** a palavra.

E o teatro é uma arte plástica, porque uma obra verdadeiramente dramática só se **pensa** depois de se **ver.** São os nossos olhos que a conduzem ao nosso cérebro.

Uma obra literária **sente-se,** nunca se pode ver senão em imaginação, **procurando** — isto é: quando muito, só o nosso cérebro a pode conduzir aos nosso olhos.

Uma obra dramática é uma obra plástica porque para lá das suas palavras existe qualquer outra coisa que é nela o principal: suscita um arcaboiço, **uma arquitectura.**

A obra-prima teatral completa lança mesmo duas arquitecturas: uma exterior, mera armadura; outra interior.

A arquitectura exterior é um arcaboiço material — **a carpintaria.** Os trabalhos de um Sardou contêm esta arquitectura, mas só esta. Por isso não deixam de ser obras falsas. Não são obras imperfeitas. São obras falsas: até a pacotilha máxima.

A arquitectura interior, que é a **alma,** a garra de ouro, consiste no ambiente que a grande obra dramática — a obra-imortal — cria em torno de si: de maneira que nós temos a sensação nítida de que a sua máxima beleza não reside nem nas suas palavras, nem na sua acção (arquitectura exterior), mas em qualquer outra coisa que se não vê: **uma grande sombra que se sente e se não vê.**

Esta escultura interior apenas se encontra nos trabalhos dos grandes artistas. Acha-se genialmente em quase todas as obras de Ibsen, em Shakespeare (notavelmente no **Hamlet**) e no nosso admirável **Frei Luís de Sousa,** erro genial de um homem medíocre, isto para exemplificar palpavelmente.

No **Hamlet,** essa arquitectura interior brota arrepiante e enorme do sopro de **incerteza** que atravessa todo o poema, da loucura que o fustiga, da aparição aterradora a Além do espectro. Assim, em volta das personagens, incubando todos os seus gestos, paira uma sombra triangular — e, cortado por essa sombra terrível, tudo se nos volve trágico de mistério e desconhecido. Caminhamos arrepiados, às apalpadelas, por entre os subterrâneos. O **Hamlet** é um enorme subterrâneo, entrecruzado de galerias, húmido, viscoso, arrepanhante; com salas de súbito circulares, iluminadas azulmente.

A **Dama do Mar,** essa, cria em volta de si um horizonte difuso que se perde de espaço, infinitamente; e os olhos que o vêem, se se não cerrarem; igualmente se perderão, náufragos de vago. Nesse horizonte, duvidosamente, há manchas douradas, e poços de água espelhantes. O mar ruge ao longe, em bruma; entrando num mar de sonho — que nos não afogaria, mas nos escavairia.

O **Frei Luís de Sousa** é uma torre de sangue, elevadíssima, abrasada, reverberando fogo; não incandescente: esverdinhada. Coroam-na nuvens negras, grassam águias imperiais sobre ela, sinistras, que dali voam para o mar, a perderem-se — as asas gigantescas quebradas.

Assim como há obras falsas por só lançarem uma arquitectura exterior — há-as também admiráveis, mas incompletas, lançando apenas a escultura interior O teatro de Paul Claudel, o **Novo Ídolo,** de Francisco de Curel (cuja única obra completa como obra dramática, mas não talvez a superior, são os **Fósseis**).

Há ainda obras dramatizadas que nada têm de dramáticas, entretanto são grandes como **obras literárias: La Fille Sauvage,** do mesmo visconde de Curel.

III

OUTRA nota que estimaria frisar: Para se fazer poesia não é preciso escrever em verso. Pois bem: para fazer drama não é preciso escrever em diálogo — **nem sequer escrever.**

A **Madame Bovary** e o **Primo Basílio** (talvez mesmo o **Eurico**) são legítimas obras dramáticas. **A sua arte é plenamente plástica.**

Não é tudo, porém:

Obras dramáticas, e das maiores, das mais grandiosas, das mais puras, são a **Vitória de Samotrácia** e a Catedral de Nossa Senhora de Paris.

Apenas umas e outras não estão escritas **em teatro** ou não estão mesmo escritas, faltando-lhes assim, é claro; originariamente, a arquitectura exterior que - já se exemplificou — falta também a algumas admiráveis obras dramáticas escritas e dialogadas.

Sim. A igreja e a estátua são obras dramáticas porque, para lá das suas linhas a pedra, lançam um arcaboiço interior, 2criam em volta de si um movimento. A Catedral de Notre Dame, um movimento esguio e sonoro, ritmizado em escoamento, alcançou-se ao céu; fugitivo, a esvair-se-nos em altura centrada — suscitando ao mesmo tempo interiormente, toda uma paisagem de altas colunas frigidíssimas. A **Vitória de Samotrácia,** essa palpita num movimento horizontal (ou talvez levemente oblíquo) heróico de avanço, cristalino, fustigado por clarins de ouro a ecoar numa auréola arqueada e luminosa.

Por último pode-se observar que toda a verdadeira obra de arte eterna cria em redor de si uma atmosfera.

É verdade. Nem mesmo se compreenderia que assim não fosse. Porém, há esta grande diferença:

A obra literária (ou mais poética) suscita uma atmosfera fluida; a obra dramática— perdoe-se a locução estrambótica — uma **atmosfera sólida.**

Ou, de outra maneira, talvez mais terra a terra.

O que se forma para além de uma obra dramática (na acepção antiga, subentende-se- vê-se de uma só vez: vê-se inteiramente, ergue-se positivamente em face dos nossos olhos.

O que se forma para além de uma obra-prima literária, não se vê de um só olhar, não se apreende de um só olhar, não se ergue de um só facto. tem Meandros, curvas, sulcos profundos e escondidos que é preciso procurar demoradamente.

Eis pelo que romances admiráveis como a **Madame Bovary** e o **Primo Basílio** são obras dramáticas e obras literárias os não menos admiráveis romances de Dostoievsky.

Para saber a que arte pertence qualquer obra, há primeiro que a pesar, que reflecti-la com todo o cuidado em **alma e corpo.**

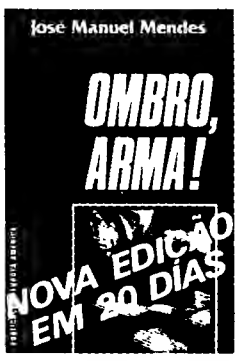
Mário de Sá-Carneiro

(«Rebate», 1913

(Extraído de «Era do 'Orfeu'»

Nuno Júdice/Editorial Teorema)

ROMANCE DE UMA GERAÇÃO
QUE TEVE DE IR À GUERRA



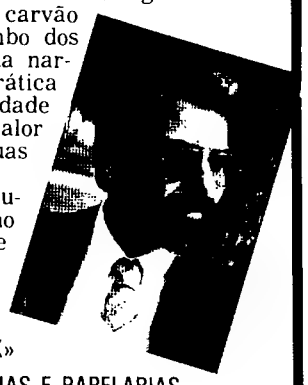
OMBRO, ARMA!

José Manuel Mendes

«Para mim, *Ombro, Arma!* significou a alegria do encontro com um verdadeiro escritor.»
Jorge Amado

Portugal, um quartel algures. Nele viveram e dele saíram jovens que foram fazer a guerra, em terras de África. Qual a sua existência? Que sentiram?

Este o novo romance de José Manuel Mendes, escritor e deputado, autor também de *O Despir da Névoa.* Uma obra em que os conflitos, os dramas e as personagens se entrecruzam, entrelaçam e entrechocam. No prefácio, disse Urbano Tavares Rodrigues: «A graça, a ternura, o sarcasmo, o carvão violento da caricatura, o nimbo dos êxtases eróticos vivificam esta narração que assenta numa prática social e transporta (com a liberdade do artista que conhece bem o valor e o prazer da escrita) as suas marcas indeléveis.
»*Ombro, Arma!* é um texto luxuriante e luminoso, um hino à amizade e ao amor, sempre vivificado pelo ímpeto da palavra, pela qualidade da escrita.»



A obra aí está, na Col. «Século XX»

À VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS E PAPELARIAS

EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

Lemos para si

«Um Homem de Sonho»
Filomena Cabral
Edições Rolim

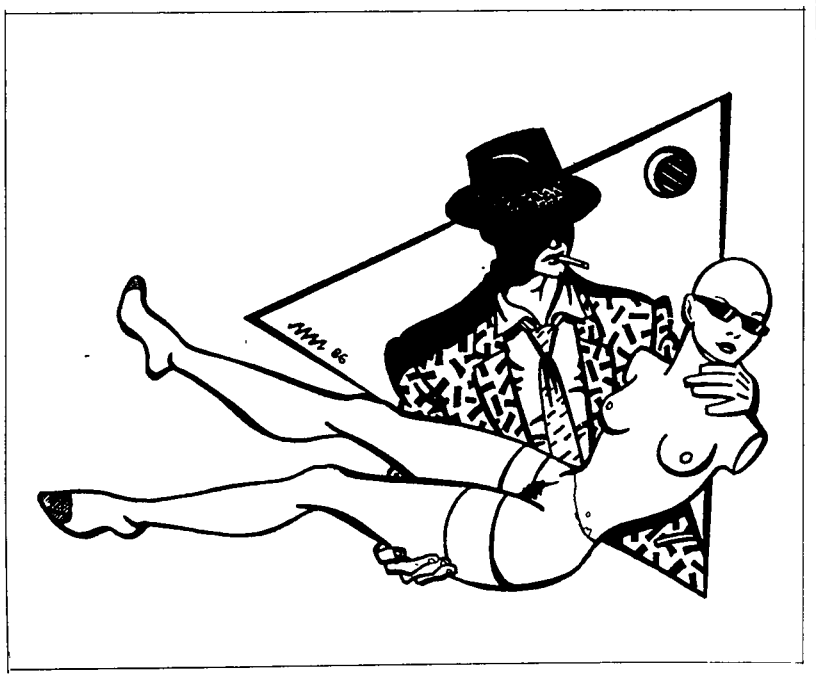
O cruzar de linhas da escrita de Filomena Cabral proporciona-nos, em «Um Homem de Sonho», um «puzzle» que, quando resolvido, nos oferece três personagens: uma mulher e dois homens. E alguma coisa mais: a impossibilidade de uma pessoa encontrar o outro, necessariamente adjectivado de ideal. O outro, por consequência, inacessível. Vão-se cruzando os planos da escrita, como triângulos saídos do triângulo composto pelos dois homens e pela mulher, e acontece que o leitor tem a sensação de se encontrar perante um filme, metido numa outra linguagem, obviamente não linear, e que exige por isso mesmo uma atenção que saiba captar imagens, ora as da mulher, ora as dos dois homens, nas posições, atitudes e opções mais divertidas.

Apesar da dificuldade que tal escrita impõe, uma vez que não são verdadeiramente linhas rectas que o leitor tem diante de si, a verdade é que essa escrita narra mesmo, descreve, sublinha, expõe, ergue um ambiente. Atentemos, desde logo, no primeiro período («Atravessou a rua em diagonal»), a fim de nos irmos habituando a todo um traçar de diagonais ou então, a linhas inerentes a triângulos. As personagens interpenetamse, múltiplas vezes se cruzam e descruzam, e uma vez que não se encontram face-a-face por tempo duradoiro, o resultado, obviamente, é só um: a solidão, talvez tocada de ironia, mas solidão na mesma.

Para além, no entanto, de todo o seu significado, este incisivo escrito de Filomena Cabral presta-se a outras considerações, considerações que se prendem com a influência que os audiovisuais (nomeadamente o cinema) vêm exercendo, há já alguns anos, sobre a literatura. É sintomático, aliás, que em «Um Homem de Sonho» nos surja, por exemplo, o nome de Ingrid Bergman («Casablanca») para adjectivar determinada situação. Quando se fala tanto no futuro acordo ortográfico da Língua portuguesa, tendo como fundo a gramática e as suas estruturas, um livro como este de Filomena Cabral (e outros há no género) coloca uma questão deveras curiosa, a qual, em linhas simples, é a seguinte: terá a expressão literária de obedecer única e exclusivamente à arte de bem escrever ou buscar novos caminhos através da linguagem cinematográfica...?

Eis aqui uma questão que deixamos aos entendidos, ao mesmo tempo que lhes chamamos a atenção para o facto de Filomena Cabral se servir também do francês para melhor poder expressar o clima da sua história. Quer-nos parecer, em suma, que todas as tintas são admissíveis no trabalho do escritor, incluindo a música («Play it, Sam!» — diz a mulher para um dos homens) e os desenhos (de Pedro Morais) que funcionam como separadores ao longo das sequências de «Um Homem de Sonho». Mais do que uma simples moda, escritas como estas são presságios do futuro. A ver vamos...

Pedro Alvim



A vida secreta de Norman Mailer

QUE é feito de Norman Mailer? Aqui trazemos notícias do «menino terrível» *made in Brooklyn:*

Ele não consegue dar um passo sem criar uma polémica. Sentimo-lo no modo como se move, o movimento de conquistador de um homem corpulento, como se passasse a vida a perguntar a si próprio onde está o invisível inimigo em cujos rins deve colocar o próximo directo. Tem uma colecção de petizes, de amigos e de discípulos. E nunca houve romancista como ele: o próprio facto de respirar transforma-se, como ele, num acontecimento.

Se Faulkner, aos 34 anos, se retirou para uma grande casa maltratada e aí escreveu as suas fábulas, sem nada mais para o apaziguar do que garrafas de whisky, cães e cavalos, Mailer não poderia ter-se satisfeito com cavalos e cães, a não ser que fosse para os levar, às suas próprias costas, para o lugar incerto onde ocorrerá a sua próxima conquista. Ele é, também, Sindbad, o eterno marinheiro, de olho curioso para tudo o que vai cruzando na vida.

Os graffitis, as luzes da cidade, as expedições à Lua, Marylin Monroe, os escritos da prisão, o Egipto antigo, Mohamed Ali... a sua curiosidade causou-lhe sempre sarilhos, esse desejo de dançar sua curiosidade causou-lhe sempre sarilhos, esse desejo de dançar no limite da desordem e de encorajar o psicopata que há nele.

O lutador acalmou nele, entretanto: já joga boxe, e deixou de dar dentadas nas orelhas de quem quer que seja. Agora quase parece inofensivo em companhia de sua soberba esposa, Norris. Actualmente parece mais um general do que um apóstolo da violência e da desordem. Mas continua a ser Norman Mailer.

A controvérsia continua a segui-lo como um urso de feira que lhe fosse fiel. O seu combate com Gore Vidal terminou, mas ainda dura o que o opõe a Betty Friedman. Um dia depois de ele ter desancado Susan Sontag e seis outros autores, perguntei-lhe por que tem ele de se tornar vulnerável em tantas frentes ao mesmo tempo. «Porque tenho mau carácter», respondeu-me ele.

Porquê toda aquela necessidade do Actors Studio?

Um rabino magnífico

E, logo no dia seguinte, encontrámo-lo «aprendiz» de autor dramático no *Actors Studio*. Não perde uma. É como rabino mágico do comité dos autores-encenadores. Encoraja os outros, comenta avantajadamente o trabalho deles, sublinha esta ou aquela falha e este ou aquele momento forte, sentado lado a lado com Ellen Burstyn, Eli Wallach, Paul Newman, Arthur Penn, Elia Kazan e de alguns noviços como eu.

Maravilha-me a sua perspicácia, a sua faculdade de se extasiar com o mais implacável das lógicas. Fico a perceber que o *Actors* Studio funciona para ele como uma espécie de refúgio: Mailer sente-se mais à vontaded nas famílias que ele próprio pode construir.

Entrou para o grupo em 1958, quando trabalhava numa adaptação de *O Parque dos Cervos* para o teatro. Lee Strasberg tinha ali, nessa época, uma «influência de peso, forte, dominante». Kazan, um dos fundadores, conhecia então «um enorme sucesso». Ele aparecia em todas as reuniões. «Tinha uma voz desagradável», lembra Mailer. «Não era um homem caloroso. Criava-se uma espécie de frio quando ele entrava... um sentimento de opressão». Strasberg parecia investido de algum «sacerdócio supremo».

Foi no *Actors Studio* que Norman Mailer viu pela primeira vez, «de perto-ooo», Marylin Monroe. Ela sentou-se uma vez no banco à sua frente: «Ela era horrível de ver», diz ele: «tinha o nariz vermelho, cheirava a humidade, um odor desprendia-se dela». Ele lembra-se do riso dela, «muito estranho, verdadeiramente assustador».

Mas aquele riso obcecou sem dúvida Norman Mailer, que, muitas e muitas vezes, contou a vida e as dificuldades de Marylin: na sua última peça, *Strawhead,* fala mais uma vez dela. A peça contém aliás uma cena violenta ecuriosa, entre Marylin e Strasberg, exactamente no *Actors Studio*.

No teatro, Mailer continua a ser um artista esfomeado: nunca conheceu o sucesso. «Escrever peças de teatro da-me a oportunidade de me exprimir enquanto artista menor. Há algo de terrível nisto de ser sempre contado entre os maiores».

Ele tinha um ar desencantado diante do porco *moo shu* que partilhámos à saída de uma reunião no *Studio*. «Não creio que algum dia venha a escrever uma grande peça. Estudei teatro durante o tempo suficiente e fico sem saber o que fazer quando me sai uma peça sem pretensões... não tenho ideias prodigiosas para teatro.»

«E no teatro há uma regra», acrescenta: «Não conseguir, mas o que se chama conseguir inteiramente, é obsceno».

Essa obscenidade não parece porém ter penetrado no comité de autores-encenadores propriamente dito, onde o rabino mágico Mailer não tem de bater-se contra o fracasso ou com o sucesso.

Há algo de maravilhosamente vivificante em passar como um «diletante», uma tarde com Elia Kazan, Penn e o fantasma de Strasberg.

Hóquei no gelo

Mailer começou a escrevinhar aos sete anos de idade. «Escrevi nta ele uma história de hóquei no gelo antes mesmo de pela primeira vez ter visto um jogo de hóquei no gelo».

Aos onze anos, terminava um romance sobre uma viagem à Lua. Adorava aproximar as palavras, «como um pequeno computador». «Mas, explica ainda, foi caso por acaso que não fiquei limitado ao teatro».

Em Harvard, ele trabalhava numa peça que tinha por cenário um hospital psiquiátrico, e a que chamou *Os nus e os mortos*. Também devia desempenhar um papel, na Universidade, na encenação de *Levanta-te e canta*, de Clifford Odets. Desempenhava o papel de Ralphie e deambulava, recitando o texto do seu personagem. Mas a peça nunca chegou a subir à cena. Mailer seguiu para a guerra e acabou por escrever um romance sobre ela, a que deu o nome que a sua peça teria: *Os nus e os mortos*. «O meu primeiro sucesso foi esse romance». Ficou ligado a esse tipo de ficção.

Mas ele sentia-se uma criança grande de Brooklyn, dessas que passam a vida toda nos cinemas. «O cinema, explica, modelou toda a minha vida romântica». Estrelas como John Garfield, James Cagney e Joan Crawford» «ocuparam um lugar preponderante» no seu imaginário.

Há alguns anos, foi *pressentido* para escrever o guião de *Era uma vez na América*, o grande fresco de Sergio Leone sobre os gangsters judeus de Brownsville. Esses gangsters representavam para Mailer um canto da sua pátria.

Ele cresceu nas alturas de Brownsville, em Crown-Heights. A porção de Brooklyn que Mailer melhor conhecia «abrigava toda a mafia judia da região». Os *maffiosi* foram para ele como que «parentes afastados». O seu projecto não agradou a Sergio Leone. O realizador devolveu-lho antes mesmo de o ter lido até ao fim.

Rei Lear com Godard

Mailer está neste momento ocupado com um outro filme, uma versão moderna de *Rei Lear* em que trabalha com Jean-Luc Godard. Durante a entrevista, não quis comprometer o projecto com a revelação de pormenores. «Com Godard, diz ele, nunca se sabe antecipadamente como é que uma colaboração vai apresentar-se». Mas Mailer tem um imenso respeito pelo realizador francês: «O filme é o seu bloco-notas... ele explora como nenhum outro realizador é capaz de fazer».

Perguntei à Mailer se ainda sentia exaltação ao pôr palavras num papel Ele inspeccionou, no prato, o seu porco *moo shu:* «Há vinte ano que não sinto essa exaltação». Escreveu *Os exércitos da noite* na mais funda das depressões. Sorri e diz: «Rebentei cedo».

Enquanto escrevia *O Parque dos Cervos*, sentia-se «quebrado, precisava de uma hora para decidir sair e comer uma sanduíche».

Falamos também da irresolução de outros autores. Mailer cita Flaubert, que se felicitava pelo seu óptimo trabalho quando, depois de ter posto uma vírgula num texto, a retirava ao relê-lo...

Tudo isto nos é familiar — a neurastenia clássica do escritor, cuja existência parece suspensa dos limites da página. Talvez que o *Actors Studio* seja, por essa razão, tão importante para ele... como para mim: rouba-nos à nossa solidão e leva-nos para o turbilhão de outras vidas.

Jerome Charyn

Escritor americano nascido em 1937; foi a *Série Noire* de Marcel Duhamel que o tornou conhecido na Europa, traduzindo para francês três dos seus romances: *Marylin a louca, olhos azuis* e *Quermesse em Manhattan*.

O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura.
Cada volume 100$00!
Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo VII

O bilhete de avião

...AH, o romanesco e os seus inebriantes engodos... Que decidir agora sobre essa pistola que Hans Lucas oferece? Explodem as hipóteses de escolha, o narrador move-se em círculo observando a narrativa como o xadresista prepara o xeque. O narrador é, ele próprio, uma personagem na ficção. Sou um personagem desta ficção.

Na verdade, faço-me e desfaço-me na poeira fragilíssima de um punhado de pronomes e de outras palavras que dançam em torno deles. E no entanto, há uma mão que escreve...

Essa, porém, não tem pacto com os futuríveis da narrativa. Tem-no, sim, com o demónio, como adiante se demonstrará: argumento da tomada de decisões. Vê-lo-emos chegar mais tarde. Ou talvez não: para quê esse moroso desvendamento daquilo que nunca será percebido como uma nudez, e sim como outra ficção...

Não saberemos nós que, despida a cebola de todos os seus envólucros, nada resta dela?

Portanto:

Eis-me no quarto do hotel Longa Vista. Brigitte levou dois tiros na cabeça e já arrefeceu. Lucas veio filmar-me e seringar-me em segredo, como se soubesse que fui eu que a matei, que sou o autor dos outros crimes, que me considero Deus e que quero matar esse Deus...

Fatal, arranquei a Hans Lucas a pistola que ele acabara de retirar de uma das minhas gavetas. O farsante!! Era de plástico, sem dúvida um dos «gadgets» que usava nas suas fitas.

Bati-lhe violentamente com ela na cara. Empurrei-o. A máquina de filmar caíu-lhe ao chão.

Avariou-se, estragou-se o filme e as imagens que de mim capturara?

Ainda não decidi.

Agora reparo que ainda não vos disse o meu nome. E no entanto uma história, como a História, é esse fluxo de todos os diversos onde fogacham nomes em paroxismo, nomes em perda...

Mas que nome vos daria? O do autor ou o do personagem que narra? Novo indecidável.

Naquela manhã tudo se passou convulsivamente, é fácil contá-la. E apesar disso, aqui estou hesitando sem saber se atravessar o caminho, ou sequer que caminho atravessar!

Lucas caíu no chão e eu saí batendo com a porta. Toda aquela conversa fiada acerca de «matar o Deus»! Com uma pistola de plástico!

Estava furioso e ainda estou, quando recordo a cena. Mesmo agora, que toda a saga já não é senão um conjunto de apontamentos paisagísticos, e quando já não preciso, para a fazer reviver, senão duma paleta com alguns borrões de cor...

Desci para o bar e vi que o hotel estava cheio de polícias. Não podia sair dali senão identificado e interrogado como suspeito. Fui para a varanda-terraço esperar o pequeno-almoço enquanto dois agentes ouviam um casal de hóspedes. No terraço já esperava um Prokosh inchado e insone e uma Daisy olheirenta e desgrenhada.

O magnífico Labrador negro veio ter comigo agitando a cauda e ficou a olhar-me com os seus olhos vazios e dependentes.

Prokosh chamou-o irritado: «Come here, god!» God? O seu lapso abriu-me os olhos para o meu próprio caso. Exausto, confuso, com o filme comprometido pela morte brutal da vedeta, Prokosh dissera **God** em vez de **Dog.** E eu percebia que o tal «Deus» com que Lucas me seringava era tão vazio e dependente de mim como um cão. Nada de maquiavélico alter-ego: apenas um pobre diabo detectivescamente atento, que se alimentava da minha deriva, desviando-lhe o sentido em seu proveito e compulsando-me a uma partilha de destinos em que eu era levado a agir como seu duplo!

O pegajoso realizador também veio para o terraço, limpando um nariz que ainda sangrava. Asilou-se à mesa de Prokosh e deve ter-se-lhes queixado de mim, porque passaram os três a olhar-me com toda a indignação que as circunstâncias exigiam.

Já vos disse que tudo se precipitou naquela manhã, mas não quero maçar-vos com enredos que, sob a capa da aventura, adormecem a ficção. Por isso vou imediatamente resumi-la:

A minha situação era do mais melindroso, porque, como se lembram, ia ser interrogado na posição de suspeito de assassínio da vedeta e conservava comigo o isqueiro de oiro de Fulana, o pompom roubado à moribunda diva do bar do porto, e, ao tirar do bolso o maço de cigarros, caía-me ao chão o diapositivo do quadro de Monory em que alguém, visto de costas, estrangulava uma vítima.

Pior: no frigorífico, em casa, estava a mão que o tal «Deus» me deixara à porta, e o meu velho «kit» de indícios falsos.

Aqui, no hotel, os meus objectos pessoais limitavam-se à lupa, ao - extremamente comprometedor - bloco de notas, e a uma maleta sem quase nada dentro...

Se quisessem farejar-me o quarto e a casa estava feito. E ainda poderiam descobrir, através do proprietário do casebre da praia, que o inquilino anterior a Fulana fora eu...

A meu favor só jogava o facto de ter dado um nome falso na recepção do hotel. Se conseguisse desaparecer já de seguida...

O trio do terraço já se levantava para ser ouvido. O tempo urgia. Mas eu não conseguia senão olhar para a cidade, lá em baixo, e para o seu silencioso dédalo de avenidas, quelhas, becos que esperava por mim e onde eu queria perder-me.

Não estranhará o leitor que, encontrando-me então em tão mau transe, tenha sucedido exactamente a única coisa que ali faria sentido:

O «groom» do hotel trouxe-me, com o pequeno-almoço, um envelope fechado «que alguém acabara de deixar, em meu nome (o falso nome) na recepção».

Abri-o instantaneamente, sem fôlego, febril, tremendo... Tinha dentro um bilhete de avião e um cartãozinho. Guardei automaticamente o bilhete sem o ver e li o cartãozinho:

«Sai-se pela escada de incêndio, ao lado da janela do quarto.»

Era demais.

É de mais.

Mas deixei de pensar e no instante seguinte, possesso, eu dissera aos polícias que ia só ao meu quarto e já voltaria, trancava-me nele, metia tudo -inclusive o brinquedo do Lucas - na maleta, saía pela janela, trepava pela escada, estava no telhado, saltava para o prédio vizinho, metia-me por uma clarabóia, descia em catástrofe outra escada e saía para a calçada das traseiras, evitando ser visto pelos guardas postados à porta do hotel. Ufff!...

Estava momentaneamente, fisicamente, livre. Mas não agravara o meu caso? Não me transformava num irremediável fugitivo?

Algures dentro de mim ouvia uma gargalhada, e não sabia se ela significava o prazer de me ver assim livre do hotel e seus polícias, ou se era o tal «Deus» que eu ouvia, o meu aliado invisível, minha sombra, meu cúmplice, que desfrutava mais uma vez de mim antecipando-se às minhas próprias decisões.

Dir-me-ão (ou a quem escreve?) que há pelo menos mais mil modos plausíveis de resolver essa terrível manhã.

Que, por exemplo, fui interrogado e neguei tudo. Que expliquei razoavelmente (que interessa como?) por que razão me encontrava no hotel. Que forneci à polícia a minha verdadeira identidade (a identidade acaba sempre por ser um assunto de polícia), pondo-me à sua inteira disposição para tudo o que se mostrasse necessário. E que, sob um qualquer pretexto, obtive que me deixassem dar um salto a casa, onde, num ápice, me desembaracei de tudo o que ela continha de suspeito.

Pois bem, lamento. **Não foi isso que aconteceu.**

Recebi, de facto, o tal envelope no terraço e evaporei-me pelos telhados, agravando o meu caso.

Voltemos agora ao primeiro instante deste capítulo, quando estou no quarto com Lucas e vou bater-lhe com a pistola na cara:

Fatal, arranquei a Lucas a pistola. O farsante!!, etc.

Antes de ele ter batido à porta do meu quarto, estivera eu escrevendo acerca de mim. Mas de quem era a mão que redigia? Do personagem da ficção, ou...

Aqui estou de novo na berma do caminho, hesitando em atravessá-lo, e mesmo sobre que caminho atravessar.

E no entanto há realmente o bloco de notas, de onde retirei, para esta narrativa, toda aquela evocação introspectiva dos meus gostos musicais, dos meus roubos, a pequena série heurística dos crimes sexuais e dos seus substitutos...

Atirei Lucas ao chão e saí furioso com ele e comigo, por ter embarcado no seu jogo hipnótico com a máquina de filmar.

Há um pormenor que não contei há pouco e conto agora:

É que ainda o houvi chamar por mim, prometendo que não mostraria o filme a ninguém. Não sei porquê, acreditei-o, ou foi-me indiferente que ele mostrasse, ou não, o filme à polícia.

Há outro pormenor que não contei:

É que a caminho do terraço passei pelo grande espelho do «hall». Olhei-me nele e não me reconheci. Tinha no rosto um esgar de riso como se zombasse de mim próprio, mas sentia-me rubro de cólera e a expressão que o espelho me devolvia era de todo imprópria a esse furor. Além disso, tinha os gestos de um felino, de um grande predador, macios e precisos, mas sentia-me hesitante sobre o que fazer a seguir, e todo eu tremia de pressa e de indecisão. O desajustamento era total.

Foi, assim, profundamente abalado que entrei no terraço, para a cena com o cão.

O resto já sabem.

Se não se lembram, basta-vos reler a sequência do envelope e dos telhados até ao Ufff!... final.

Falei, atrás, de pacto com o demónio. Claro que foi uma força de expressão, porque à hora a que me lêem já não há demónio. Embora ele possa ter sobrevivido até ao instante exacto em que escrevo estas linhas. Essa possibilidade é de extrema conveniência, porque não há dúvida de que estas linhas supõem um pacto luciferiano ainda em acto. Como «ele» não passa de metáfora dos valores invertidos em que projectamos a nossa transcendência, «ele» acaba por habitar todas as nossas escolhas obsessivas, sobretudo aquelas que nos vão perder para o contrato social e suas obrigações. Ora, que outra aliança pôde levar o narrador a transformar-se, naquela manhã, no «homem da maleta», num personagem perseguido, quando é verdade que lhe sobejam outras soluções? E que outra aliança pode conduzir a mão que escreve a forçar a ficção por esse atalho, se os seus desenvolvimentos são inúmeros, e qualquer parágrafo pode re dimir os restantes?

As escolhas malditas, as escolhas em pura perda **são** elas próprias o pacto diabólico. Eu apenas assinava esse pacto, naquela manhã, depois do Deus de Lucas se me ter revelado cão.

Naturalmente que, se por equívoco - e se o equívoco espreitava! - me tivessem detido no hotel, ao menos, a caminho de algum central da polícia, eu teria tido ocasião de vos pedir desculpa pelo que retirei do meu bloco de notas sobre o itinerário que me levara até ali. Qualquer empregado de casa funerária precisa, hoje, de se apresentar como um libertino um tanto sádico, mesmo quando se limita a embalar uma vez por semana uma esposa nevrótica que julga ser ela a morta que ele enterra.

Mas, como sabem, eu estava livre, embora apreensivo com o filme de Lucas, e ia agora ver o que me reservava o bilhete de avião...

(continua)

Na próxima semana — A caminho do Sul

A morte de Raymond Abellio

Um profeta da reconciliação

O filósofo e romancista Raymond Abellio morreu na noite de 26 para 27 de Agosto, em Nice, em consequência de uma angina de peito. Tinha 68 anos.

O pensamento de Raymond Abellio é um dos mais surpreendentes e paradoxais da nossa época. Valeu-lhe, ao longo de uma carreira intelectual e pessoal movimentada, e rica em efeitos, endeusamentos intratáveis e inimizades sólidas. Desde os seus primeiros livros publicados no fim da década de 40, uma verdadeira **cavalaria** de discípulos seus, persuadidos de deter, graças ao seu pensamento, as próprias chaves da evolução da humanidade.

Nada parecia predestinar Georges Soulès — verdadeiro nome de Abellio — a tornar-se numa espécie de profeta. Saído de uma família pobre dos arredores de Toulouse, conseguiu, graças a capacidades intelectuais invulgares, chegar a engenheiro «de pontes e calçadas», segundo a velha especialidade francesa. Essa formação matemática não o separou, no entanto, da sua genuína e única paixão, a filosofia, entendida como decifração do próprio sentido do Universo. Foi durante os seus estudos que Abellio conheceu a sua primeira crise mística... que, paradoxalmente, o conduziu a converter-se ao marxismo. Aderiu então ao movimento trotskista e inscreveu-se na SFIO, tornando-se num dos líderes da sua fracção de ultra-esquerda. Durante a guerra, nova reviravolta, em direcção, desta vez, ao fascismo» Abellio torna-se num dos dirigentes do movimento «social-revolucionário» de Deloncle, e depois refugia-se na Suíça, para escapar, tanto à Resistência, como aos alemães. É no decorrer desse retiro forçado que escreve o seu primeiro livro, **Heureux les pacifiques,** que já contàem o essencial das suas instuições metafísicas, e da sua concepção do universo: o cosmos é um todo, cujas partes estão intimamente ligadas umas às outras, de tal modo que as nossas acções individuais aparentemente mais insignificantes e mais livres estão inteiramente determinadas pelos grandes movimentos cósmicos. A verdadeira liberdade não consiste, por isso, senão numa decifração dos segredos do cosmos, no conhecimento do sentido da estrutura absoluta que não se revela senão fora dos caminhos habituais da razão: pela gnose, pela astrologia e, mais geralmente, pelo conjunto das ciências esotéricas.

Este retorno ao ocultismo, Abellio não o concebe como uma luta retrógrada contra os dados da ciência: «De um modo geral, os ramos avançados da investigação — a biologia molecular, a física das partículas, a linguística estrutural — fazem hoje aparecer, ao nível das estruturas evolutivas, um estranho parentesco com o **Ye-King**», escreve ele em **La fin de l'ésotérisme.** Transportado por uma prosa densa, frequentemente lírica, este pensamento optimista, que cortava tão nitidamente com a ideologia dominante do desespero e anunciava uma reconciliação entre os progressos materiais da humanidade e a sua consciência espiritual, encontrou imediatamente a adesão de leitores pouco numerosos mas ferventes, tanto mais quando tinham o sentimento de pertencerem a uma elite.

A influência de Abellio dependia, porém, igualmente, da sua personalidade: uma presença física brilhante — que nem a sua pequena estatura nem as suas frequentes doenças pulmonares venciam —, uma expressão clara capaz de transmitir a quem o ouvia os pensamentos mais complexos e as associações mais surpreendentes, uma cultura e uma agilidade intelectual que lhe permitiam jogar, na mesma frase, com as teorias de Einstein e com a Cabala e finalmente um poder de convicção que dava aos seus interlocutores a certeza de terem encontrado um profeta.

P. Lepape

Nota:

«Abellio», diz ele nas suas memórias, do nome do meu avô Abéli, derivado de Apolo, deus do Sol. Soulès, o nome de meu pai, significa Sol em **langue d'oc** (langue d'oc, dialeto da Ocitânia). Abellio publica em 1946 **Heureux pacifiques,** mas só se impõe em 1950 com outro grande romance, **Les yeux d'Ézechel sont ouverts.** À obra romanesca vem juntar-se, em 1962, **La Fosse de Babel.** Ensaios: **Le nouveau prophétisme** (1947), **La Bible document chiffré** (1950), **La structure absolue** (1965), **La fin de l'ésotérisme** (1973), **Approches de la nouvelle Gnose** (1981), **Introdution à une théorie des nombres bibliques, essai de numérologie kabbalistique,** em colaboração com Charles Hirsch (1984).

Umaa autobiografia é constituída pelos volumes **Un faubourg de Toulouse, Les Militants, Sol invictus.** Abellio recebeu os prémios «Deus Magots», «Grand Prix des gens de lettres».

O seu último romance, **Visages immobiles** (1983) recebeu o prémio «Des intellectuels indépendants».

Fotografia

FILÓSOFO e membro dos *Cahiers de la photographie,* François Soulages reuniu, sob o título *Photographie et Inconscient,* um conjunto de comunicações pronunciadas num seminário que teve lugar de Outubro de 85 a Janeiro de 86 no Colégio Internacional de Filosofia.

Tomando como ponto de partida a questão «Que espécie de arte é a fotografia?», é em três planos — conceptual, existencial e crítico — que se sucedem as especulações e os postulados que tentam pôr em dia a rede de intercomunicações que unem a fotografia ao sonho, ao desejo, ao recalcado e ao tabu. Se Freud, Barthes e Lacan servem de âncora a alguns argumentos, além das considerações sobre a morfopsicologia (Soulages), a fototerapia (Pierrot), a psicose (Guy Roux) ou o móbil da pausa (Claude Léger), encontram-se também a análise de experiências conduzidas por Marc Pataut, Barnardette Tintaud e Richard Nièto, a narrativa terrível de Bernard, o fotógrafo esquizofrénico suicidado, a glosa em torno da ontologia fotográfica concluindo-se com uma «charge» engraçada e veemente de Soulages contra HCB (Henri Cartier Bresson).

É também a vontade de ver claro que preside ao ensaio de Gaston Fernandez Carrera, professor em Bruxelas, que, em *Photographie, le Néant,* se propõe decifrar os tropismos que permitem, por uma estratégia inconscientge, que a imagem exista. Conduzida pela loucura da incerteza, sem hesitar em apoiar-se na astrofísica, nas matemáticas ou na neurologia, esta obra, de tom enciclopédico, e de estilo veloz, encara a fotografia como um domínio mental que serve de pretexto a uma dissertação filosófica sobre o não-ser e sobre a interacção entre as artes.

- François Soulages, *Photographie et inconscient,* ed. Osiris, Paris.
- Gaston Fernandez CARRELA, *La Photographie, Le Néant* (digressions autor d'une mort acidentelle) PUF Sociologie d'aujourd'hui, Paris

Novo romance de Baptista-Bastos

BAPTISTA-BASTOS terminou um romance, ainda sem título, que será uma visão (ficcionada, mas com referências históricas) de uma parte da década de 30. A acção decorre entre construtos de estradas, e conclui-se numa colina mítica, mágica, que é a

transfiguração da colina da Ajuda, sítio privilegiado onde habitualmente, Bastos faz passar os acontecimentos e os episódios dos seus livros. Fora de Lisboa, o autor de «Elegia para um Caixão Vazio» («best-seller» em 1984-85) e uma referência fundamental na literatura contemporânea portuguesa, segundo Jacinto do Prado Coelho, Maria Lúcia Lepecki, Eugénio de Andrade, Manuel Frias Martins, Luiz Pacheco e Eduardo Prado Coelho, trabalha nos três últimos capítulos do seu novo original, que será lançado por Edições O Jornal.

A mesma casa editora publicará, ainda este mês, a segunda edição de «Viagem de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura», enquanto na União Soviética se preparava a tradução de «Elegia para um Caixão Vazio», e na Bulgária um volume contendo «Cão Velho Entre Flores», «Cidade Diária» e «As Palavras dos Outros». Por outro lado, Baptista-Bastos esteve, recentemente, na Dinamarca, onde assinou contrato para a edição, naquele país, na casa Davidson, Eastmunden e Cia., de mais dois romances de sua autoria: «O Secreto Adeus» e «Elegia para um Caixão Vazio».

Prof. Orlando de Carvalho ao Ler Escrever

Muitos poetas portugueses deleitam-se numa espécie de intermasturbação...

— Coimbra é um mito que tem que se destruir.
— Porque diz isso, professor?
— Porque o saudosismo coimbrão é uma coisa do séc. XIX, princípios do séc. XX, que constitui um dos males da sociedade portuguesa.
— A saudade?
— Sim, a saudade. O mito da elite disponível que faz depois, na vida, o contrário do que dizia que fazia. Estou farto de conhecer gerações de estudantes: casam, cresce-lhes a barriga, há como que um dessoramento progressivo em que talvez aí uns dez por cento de alguma maneira permanecem fiéis aos ideais da juventude.

Encontramos o professor Orlando de Carvalho em Lisboa, no mês de Agosto, passando uns dias fora do seu «habitat»: a Coimbra onde vive há 42 anos, e de cuja vida académica, cultural e cívica é um dos símbolos mais significativos.

Os dois redactores que com Orlando de Carvalho conversaram numa noite destas, jantando e ouvindo música num bar-restaurante lisboeta, conheceram o professor Orlando na década de sessenta, quando, em tempos difíceis, ele convivia alegre e conscientemente com os estudantes. E uma imagem continua bem viva: em plena crise de 69, com Coimbra tomada de assalto pela polícia, pelos cães e pelos cavalos, que tentavam assustar os estudantes em greve a exames, o professor Orlando de Carvalho, solidário como sempre com as causas justas, descia, firme, as escadas monumentais, para entrar na Associação Académica sob os aplausos dos alunos da sua Universidade.

Quase vinte depois, o mesmo Orlando de Carvalho estava ali à conversa com dois amigos — que a amizede é para se cultivar. Não foi uma entrevista. Apenas e somente um diálogo informal, uma troca de impressões sobre assuntos que iam caindo na mesa ao ritmo das recordações. E o que se perdeu em rigor — aquele rigor a que Orlando de Carvalho nos habituou nos seus testemunhos públicos — ganhou-se em espontaneidade. Foi com toda a naturalidade que o professor nos falou de Coimbra e daquilo que nos pareceu um certo desencanto a morar dentro de si.

— Não é bem isso. Não diria desencanto. Coimbra tem coisas agradáveis — respondeu. A paisagem bucólica, uma grande beleza, a curva do rio, uma luz especial — é um local talhado para ter uma coisa que nunca teve: uma Escola de Belas Artes. Ora bem: acompanhei muitas coisas coimbrãs, pois nunca me limitei a uma vida exclusivamente universitária. Mas agora parece-me que Coimbra está pior, do ponto de vista cultural, do que estava antes, talvez porque se confiou que a Universidade faria coisas que não fez (excepto do ponto de vista social). Desapareceram coisas como o Clube de Cinema, o CITAC perdeu força, o TEUC em certa medida também. Neste momento o Teatro Gil Vicente é o único lugar cultural que se criou, digamos assim, mas as pessoas que lá acorrem são poucas.

Irrespirável

— Mesmo os estudantes? — perguntamos

— Os estudantes vivem numa grande concorrência. São, agora, mais competitivos, mais preocupados com os resultados dos exames, com o assegurar uma situação pós-universitária. Vivem em angústia.

— Não é para admirar — a crise, a proliferação das universidades particulares...

— Pois é. A proliferação de universidades, o modo como esse fenómeno se tem processado, os motivos que estão na sua génese, a qualidade do ensino...

— ... Quer dizer que as novas universidades não têm o nível que seria de exigir?

— O assalto às possibilidades que o PS criou de abrir universidades particulares tornou o clima universitário irrespirável. As novas universidades são caracterizadas por não terem investimentos fixos, por não criarem cursos que obriguem a investimentos. Toda a inscrição, nessas universidades, resulta em benefício. Os cursos que se criam são sumptuários, mais ou menos inúteis numa sociedade como a nossa. Há uma hipertrofia de cursos de Direito, Psicologia, História num país que está saturado de licenciados desses ramos. Não se investe em Faculdades técnicas, como a de Medicina, para dar só um exemplo. Pelo contrário: as outras é que proliferam. Neste momento há, no ensino oficial, 1200 lugares em Direito, enquanto no ensino particular o Ministério da Educação autorizou qualquer coisas como 4000! E como o ensino oficial é, apesar de tudo, mais rigoroso, as pessoas que nele não podem entrar por falta de nota, vão para o particular...

— ...desde que tenham outras notas, no bolso, claro...

— É isso. O dramático é que estamos a assistir à destruição do ensino, até porque as universidades particulares vivem à custa das oficiais. É lá que vão buscar os docentes. Há professores a dar aulas ao mesmo tempo em duas e três universidades, o que é ruinoso especialmente para os assistentes que não podem, naturalmente, nessas circunstâncias, fazer qualquer preparação científica. A situação é gravíssima. Estamos a assistir à degradação do ensino oficial, obrigado a uma concorrência infrene com as particulares que passam diplomas sem qualquer controle. Acontece até que há entidades oficiais, bancos por exemplo, que dão preferência a alunos saídos de universidades particulares...

Com alguma ironia, e a propósito dos efeitos que toda esta situação tem na Universidade de Coimbra, o prof. Orlando de Carvalho foi adiantando:

— Do meu ponto de vista a Universidade de Coimbra está a converter-se, progressivamente, na Universidade das Beiras. Ou melhor: da Beira Central, porque agora há também as de Aveiro e Viseu.

— Que saída para essa situação?

— A única saída é a Universidade de Coimbra e as oficiais tornarem-se em centros muito mais exigentes do ponto de vista cultural e selectivo. Simplesmente isso seria muito grave para os alunos economicamente mais debeis.

- *Clima universitário tornou-se irrespirável*
- *Universidade de Coimbra está a transformar-se na Universidade das Beiras*
- *Governos sucessivos têm maltratado Camões*
- *Pessoa nunca foi épico nem é homem da memória colectiva dos portugueses*

Intermasturbação

Catedrático de Direito, presidente eleito do Conselho Pedagógico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde rege as cadeiras de Direito Civil, Teoria Geral, Direitos Reais, Direito das Empresas, Comercial e Teoria do Direito e do Estado, Orlando de Carvalho, nem de perto nem de longe se esgota nesse ramo do saber. Homem de vasta e profunda cultura interessa-se particularmente pela poesia e pela literatura em geral. Recentemente editou um livro de poesia longamente esperado: «**Sobre a Noite e a Vida**», já praticamente esgotado (na próxima edição de **Ler e Escrever** sairá uma análise crítica de Pedro Alvim).

— Sou basicamente um homem de letras — disse Orlando de Carvalho. Fui para Direito por cedência e tive a desgraça de ser bom aluno. Se assim não tivesse acontecido seria hoje certamente um diplomata e faria poemas. A literatura, de um modo geral, é uma das minhas paixões.

— Por falar em poesia: quais os seus poetas preferidos?

— São tantos...

— Só alguns...

— Sei lá! Homero, Virgílio, Dante, Camões (sou camonista ferrenho), Shelley, Milton, Rilke, Maiakowski, Brecht...

— e dos poetas portugueses actuais?

— Há, sem dúvida, bons poetas portugueses. Dos vivos direi Eugénio de Andrade, Sophia Breiner, Herberto Helder (nalgumas coisas, noutras não...), Gedeão, Manuel da Fonseca, Veiga Leitão, Mário Dionosio, Miguel Torga, Joaquim Namorado, o Graça Moura tem coisas engraçadas...

— Apesar deste rol...

— E são apenas os que de momento me vêm à memória...

— ...Certo, mas apesar desse rol a verdade é que o professor, em entrevista recentemente dada ao David Lopes Ramos, de «o diário», dizia que a poesia portuguesa era aí 80 por cento ilegivel, a não ser por iniciados...

— Dizia e digo. Grande parte da poesia portuguesa actual é de retorno, de eco. Os seus autores utilizam códigos que só eles conhecem, e com eles se deleitam numa espécie de intermasturbação. E para se julgarem muito populares acontece que fazem depois uma espécie de jogos florais pela provincia e pelo estrangeiro em que essa intermasturbação se torna mais acessivel...

— Na entrevista atrás referida o professor afirmou também, a propósito da poesia, que «se não dizemos nada a ninguém escusamos de estar a escrever». O que é quis dizer com «Sobre a Noite e a Vida»?.

— Quis dizer aquilo que lá está...

— E o que é que lá está?

— Coisas de tipo íntimo, confessional, familiar, de tipo mais social e até coisas ligadas à vida histórica portuguesa dos últimos tempos...

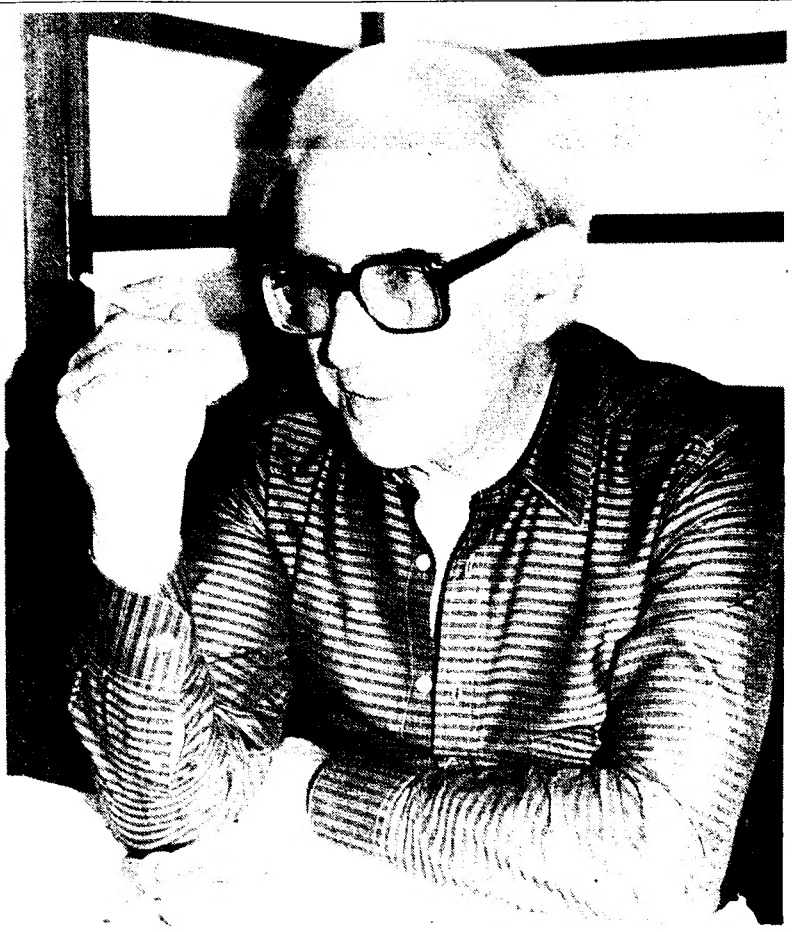
Antiépica

— Em «Sobre a Noite e a Vida» o professor reuniu poemas escritos ao longo de vinte e cinco anos, alguns deles já públicados em jornais e revistas. Porquê o livro só agora?

— Bom, era uma espécie de filho recesso. Tinha que o públicar, se não rebentava... São na verdade poemas de 25 anos, que têm várias fases. Tive uma primeira fase versilirista e até um pouco retórica e por isso voltei à forma clássica cansado dessa fase. A poesia ou é rigor ou não é nada. O poeta é para mim um aedo, um homem que diz de certa maneira, mais elaborada, com uma técnica que fixa certas coisas que interessam à memória colectiva. Foi isso que fez a poesia épica, que esteve e está em desvalorização. Há todo um movimento no sentido de dizer que o épico está ultrapassado, que o épico era sobretudo lírico, como aconteceu com o Camões. Isso repugna-me. Os maiores poetas do mundo foram épicos.

(Chegado aqui, Orlando de Carvalho acendeu um cigarro.
Fez-se um certo silêncio.
Voltou de novo a falar.)

— Considero lamentável que as homenagens ao 50.º aniversário da morte de Pessoa, se tenham transformado numa espécie de elogio da antiépica ou da épica impossivel — que foi aquilo que Pessoa fez na **Mensagem**. Ora, a **Mensagem** é justamente o cinismo incrivel de um tipo que não consegue ser épico. E a verdade é que estes governos sucessivos têm maltratado Camões. Pessoa é um grande poeta, apenas. Nunca foi épico nem é o homem da memória colectiva portuguesa.



Estamos a assistir à destruição do ensino. A situação é gravíssima

Romance

— Até agora falámos apenas de poesia. Mas em Portugal não há apenas poetas...

— Bom, é costume dizer-se que Portugal é um País de poetas... Mas é verdade que noutros géneros literários há coisas muito boas no nosso país. Por exemplo, no romance. Temos afirmações nesse género muito importantes...

— Quais?

— Tivemos algumas boas cabeças de construção romanesca que não costumam ser citados — e por aí devo começar.

— Avance, professor...

— Júlio Dinis — e certamente muito boa gente ficará admirada por o dizer — foi talvez dos mais dotados na construção romanesca. Claro, o Eça. Depois disso caiu-se um bocado. Temos esse grande romance que é o **Mau Tempo na Canal,** do Nemésio, **O Jogo da Cabra Cega,** do Régio a Casa Grande de Romanigães, do Aquilino, depois o neo-realismo com obras como Fogo na Noite Escura e Barranco de Cegos, mas tudo isso, digamos, perdido na paisagem... Agora, na actualidade, apareceram grandes romancistas, como é o caso de José Saramago, Mário Cláudio (notável efabulação), Mário Ventura Henriques (pelo menos com **Vida e Morte dos Santiagos**), já não falando da Agustina (**Sibila,** por exemplo), e Cardoso Pires (**O Delfim** é um grande romance, o seu apogeu). E o Baptista-Bastos, (**Cão Velho entre Flores** é notável). E não poderei também deixar de referir uma mulher que já não escreve há muito tempo mas é autora de um dos melhores romances que se publicou em Portugal — **A Origem.** Falo de Graça Pino de Morais.

Consciência

Durante a conversa, Orlando de Carvalho confessou que tem na forja a publicação de um conjunto de escritos de intervenção política, de crítica cinematográfica e literária e também de filosofia. Trata-se de uma recolha de coisas já publicadas e de algumas inéditas. Além disso, adiantou, quer publicar igualmente coisas de Direito, pois **um profissional tem que ter um mínimo de consciência.** Em preparação estão dois trabalhos: **Lições de Teoria Geral de Direito Civil e Direito das Coisas.** Quanto à poesia, mais devagar:

— Não tenho horas para escrever poesia. É uma arte laboriosa, embora haja muita gente a pensar que é uma coisa fácil, não é assim. Além do mais o que publiquei compromete-me com um determinado tipo de poesia. Acrescentar o património das palavras inúteis neste País é um luxo a que não pode dar-se um intelectual consciente.

Deixamos então a literatura. Orlando de Carvalho é um homem que tem mantido ao longo da sua vida umas constante e importante actividade cívica e política. Chegou a estar preso, por duas vezes, em 61 e 62. Da primeira vez foi acusado de **agitador político junto dos estudantes**; da segunda era acusado de pertencer às Juntas de Acção Patriótica. Depois do 25 de Abril foi secretário de Estado da Reforma Educativa no 1.º Governo Provisório e, no MDP/CDE, foi membro da sua Comissão Política e Comissão Nacional. Como independente, integrado nas listas da APU, foi durante quatro anos, membro da Assembleia Municipal de Baião. Pertence ao Conselho Mundial da Paz. Falamos, pois, da sua vida política actual:

— Estou reduzido à vida política do homem comum. Porquê? Porque sou homem com pouca apetência para a carreira política. Sou uma pessoa para quem o poder incomoda muito. Digamos, sou um pouco anarquista... Pertenço àquele estrato de pessoas que votam, difundem as suas opiniões, fazem a sua política quotidiana, mas sabem que não terão nunca qualquer espécie de influência ao nível das decisões políticas. A minha desgraça é que ainda continuo, depois de 40 anos de ditadura, a sofrer a política.

A conversa continuou ainda por largo tempo, sempre com a música, excelente, do António Jorge Branco ao piano, muitas vezes a fazer lembrar propositadamente Coimbra e as baladas do Zeca Afonso. Do que então se disse não vem para o caso dar público testemunho. Registamos apenas a expressão de Orlando de Carvalho a propósito da música coimbrã:

— Só foi de grande qualidade quando deixou de ser coimbrã. Quando se voltou para os temas nacionais.

Eugénio Alves Ribeiro Cardoso

Moore desaparece aos 88 anos

A energia do mármore

A morte de Henry Moore, no domingo 31 de Agosto, no seu domicílio de Much Hadham, no Hertfordshire, com 88 anos, priva a Inglaterra daquele que, como Barbara Hepworth e Ben Nicholson, foi uma das três figuras mais marcantes da renovação britânica deste século, no domínio das artes plásticas, e priva o mundo de um dos maiores escultores contemporâneos.

Escultor trágico, o escultor da serenidade protegida pelas potências do imóvel, Moore fez uma carreira ao mesmo tempo paralela e oposta à do seu contemporâneo americano Calder, o pai dos *mobiles*. Monstros sagrados das grandes encomendas internacionais, Moore e Calder encontram-se, por exemplo, na sede da UNESCO, em Paris, frescamente edificada em 1958.

Mas isto é falar de um pós-guerra em que as potências da arte já tinham definido novas fronteiras, repartido as escolas e o que nelas valia a pena comprar, cultivando-as segundo uma geografia conforme às realidades económicas.

Calder, o inventor, filho de escultor e filho, também, da desenvoltura, tinha tudo a ganhar num país onde se julgava que não existiam talentos senão em Hollywood e na Broadway. Moore, filho de mineiro — o que, no seu caso, não significou incompreendido pela família — nascia para a escultura numa Inglaterra que se sentia como que abandonada pelas artes. Montparnasse ou Montmartre não ficavam, precisamente, em Londres... E as tentativas de Wyndham Lewis e do movimento «vorticista», em torno de 1915, não preenchiam aquilo que os dicionários chamam fleumaticamente «um certo vazio».

Bryan Robertson, que viria mais tarde a dirigir a Whitechapel Gallery, em Londres, dá a medida da popularidade atingida por Moore desde a segunda guerra: «Parece-me que o único escultor de que se falou durante esses anos de guerra foi Henry Moore: os seus desenhos profundamente trágicos de homens e mulheres refugiados em abrigos, os seus grupos monumentais em bronze ou em pedra representando famílias pareciam figurar, com uma intensa simplicidade, a coragem e o espírito cívico que então animavam a Inglaterra. A vida familiar estava submetida a novas ameaças. Tocando um nervo sensível em toda a gente, Moore tornou-se, sem o querer, e pela primeira vez, numa espécie de herói nacional» (Extracto do catálogo *English Contrasts,* Arcturial, 1984). Eis o que era uma glória bem pesada de levar às costas, para um jovem escultor — mas a verdade é que Moore já trazia consigo um quarto de século de ofício. E adquiria, justamente, uma liberdade e uma personalidade que não eram limitadas por quaisquer dogmas formais.

Aliás, em matéria de dogmas, ele dotou-se mesmo de uma considerável experiência, ora *flirtando* com os surrealistas, ora — como a época o exigia — com certos aspectos de escultura primitiva ou pré-colombiana. Tudo isso, bem como as admirações nele suscitadas pelo trabalho dos pioneiros continentais (Brancusi, Archipenko, Picasso), foi imediatamente devorado pelo ainda jovem artista ou, para usar imagem mais conforme ao seu estado, foi por ele posto em cadinho, malaxado, martelado com esse punho formidável que faz a assinatura dos grandes escultores.

Abstracto? Realista? O debate nunca teve lugar em Moore, nem alguma vez precisou de ser aberto, a seu respeito. Ele parte do homem, da mulher, da criança, ou, mais simplesmente, de uma figura, de um corpo. E depois transpõe a sua fragilidade, o seu sofrimento, talvez também a sua alegria — mas isso é mais incerto — para as categorias mais poderosas, mais brutais, da natureza. Era o seu modo de proteger e de revelar essa fragilidade, esse sofrimento. Sadismo ritual do escultor.

Mesmo deitadas, mesmo recostadas ou lançadas como pontes sobre vidas medianamente desejáveis, as obras de Moore libertam um sentimento constante de «compactidade», de peso, sublinhados pelos vazios e pelas falhas que ele lhes cria. Nunca linhas quebradas, curvas exclusivamente, ou ângulos arredondados segundo as regras do vento e do sal. Nunca pormenores que impeçam o olho de escorregar, salvo em algumas esculturas onde ele parece esconder fantasmas e tentações, açaimados na vastidão da obra. É um método que veio a ser largamente explorado desde então por numerosos escultores, e não dos mais pequenos.

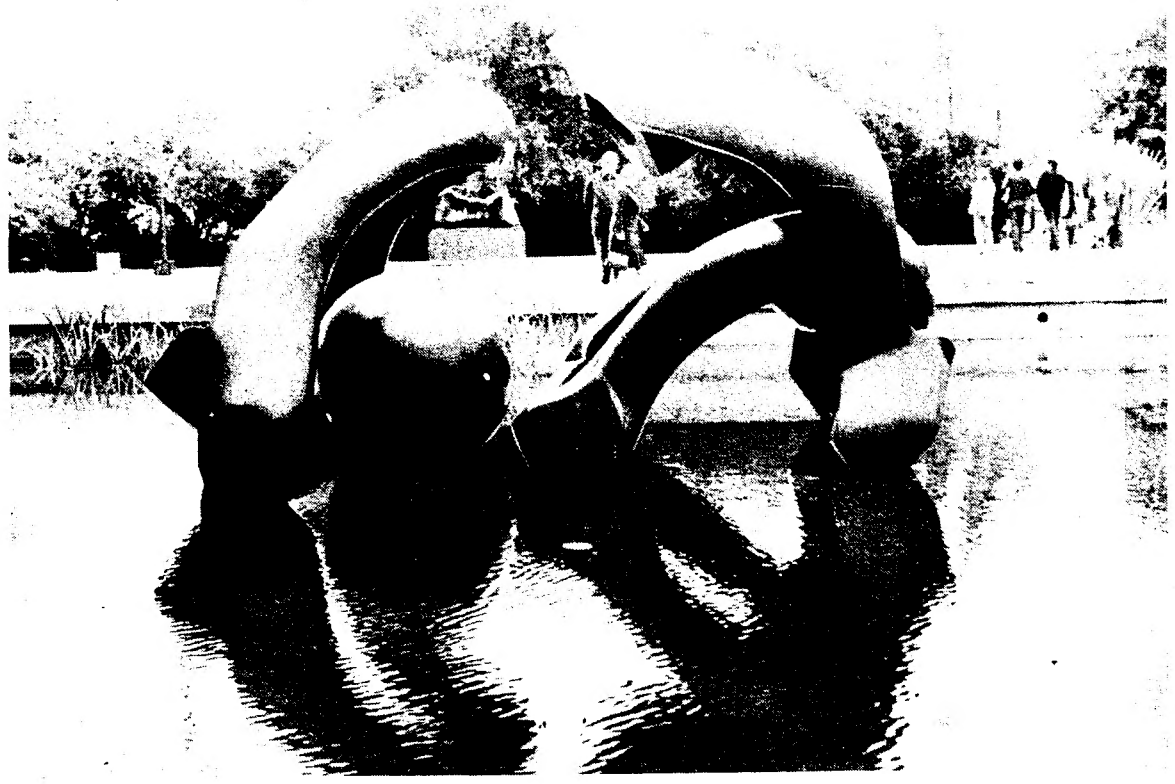
A brutalidade com que ele trata a pedra, como o bronze, permitiria, se ele pusesse nele trabalho a mais leve ponta de morbidez, falar de uma natureza submetida ao reino da elefantíase e do estrangulamento reunidos.

Ora, é pelo contrário a linguagem da sensualidade, da lascívia por vezes, que Moore escolheu para dialogar com a matéria. Assim brutalisadas, docemente, as suas obras são a própria expressão da energia contida. E elas guardam essa virtude qualquer que seja a escala que lhes foi atribuída, ou a recordação humana que o autor lhes concede. O homem continua a estar presente em monumentos como os *Hill Arches* de Moline (EUA), feitos em 1973, mas pode estar ausente como em *Atom Piece,* de 1964...

Desde os anos 50, Henry Moore tinha sido aproximado por um certo número de outros escultores ingleses: Armitage, Butler, Chadwick, sem voltarmos a falar de Hepworth. Nestes anos 80, ele assistia tranquilamente à redescoberta daqueles anos 50, dos seus pioneiros e protagonistas, dois papéis que desempenhou com igual à vontade.

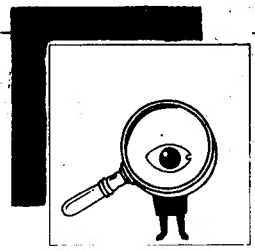
Filho de mineiro votado, sem problemas de maior, à escultura, cedo venerado após um breve período de escândalo, criador imensamente livre e no entanto condenado ao respeito oficial e às comemorações, Henry Moore terá sido sem dúvida um artista feliz até à mais respeitável das idades. As suas biografias mais vulgares, cheias de discreção britânica, não abundam, em contrapartida, em elementos que ajudem a compreender o sentido da sua chama trágica. Esse é o segredo do escultor: que o desvendem na pedra!

F. Edelmann-



Junto à entrada do Museu Gulbenkian. : Henry Moore em Lisboa

Acabados de Chegar



■A cor púrpura, Alice Walker, ed. TEOREMA, COL. Estórias

Antecedendo em poucos dias a estreia portuguesa do filme homónimo de Spielberg, baseado neste texto, a Teorema sai com o romance de Alice Walker dedicado «ao Espírito, sem cuja assistência nem este livro nem eu (a autora) teríamos sido possíveis».

A ficção é contruída com base na epistolografia trocada por duas irmãs negras dos EUA, no período entre duas guerras. Alice Walker, negra como as irmãs do seu livro, ganhou com ele os dois principais prémios literários americanos de 1983 (a primeira edição é de 82): O **Pulitzer** e o **American Book Award**. A tradução, de Paula Reis, respeita as incorreções e os erros do personagem principal, Celie, encontrando-lhes equivalências portuguesas: oresultado pode ser, aqui e ali, discutível, mas esse facto não invalida o critério.

Alice Walker, nascida em 1944 na Georgia, publicou o seu primeiro romance (**The third life of Grange Copeland**) em 1970.

■O princípio de utopia, o princípio de realidade seguidos de Ana Brites, Balada tão ao gosto popular português e vários outros poemas, Alexandre O'Neill, Moraes ed., Círculo de Poesia, Nova Série.

O anunciado livro de poemas de O'Neill acaba por ser um póstumo. Consideramos de mau gosto ver prenúncios de morte nos textos de um autor que desapareceu. A quem este vício não incomodar, o pequeno livro reserva verdadeiras pérolas, presta-se a exercícios fatalistas de primeira água. Uma surpresa talvez, o humor pertinaz, cáustico e por vezes, meramente de circunstância, de O'Neill. E também a sua velha queda pelo canto avulso, colado ao dia-a-dia, seus mitos ínfimos ou desmesurados, e de preferência «tipicamente portugueses».

■Correspondência Jorge de Sena/José Régio, organização e notas de Mécia de Sena, Biblioteca de Autores Portugueses da I.N./C.M.

Jorge de Sena será nos próximos largos anos um autor em torno de cuja obra

se vão multiplicar os estudos e reflexões de quantos escolheram a literatura portuguesa contemporânea como objecto principal das suas investigações. O seu espólio, que a Fundação Gulbenkian está a acumular, mas que mantém à disposição de especialistas e estudiosos, torna-se agora um pouco menos distante do público, com esta «correspondência» organizada por Mécia de Sena, que tem evidentemente o engodo suplementar de lançar, também, mais luz sobre Régio... e sobre uma amizade de 35 anos em que perpassa a **presença** (que ambos escreviam com pPequeno, o **Orfeu**, um sem número de autores, lagumas diatribes. Sobre estas, explica Mécia de Sena que algumas foram camufladas ou suprimidas muito contra oseu desejo: «aquilo que já não ofenderá ninguém dentro de 20 anos pode ainda ofender pessoas vivas que tenderão a ver os acontecimentos com o mesmo calor com que as diatribes foram escritas». Elogio para Gaspar Simões. Como explica Mécia de Sena, «ao mencionar-lhe eu, em Londres, na minha casa, as contudências de Jorge de Sena para com ele, (lhe declarou) que podia publicá-las todas, porque **já estava habituado a elas**».

■Poesia (1935-1940), Vitorino Nemésio, Bertrand ed. série Obras completas de Vitorino Nemésio, poesia.

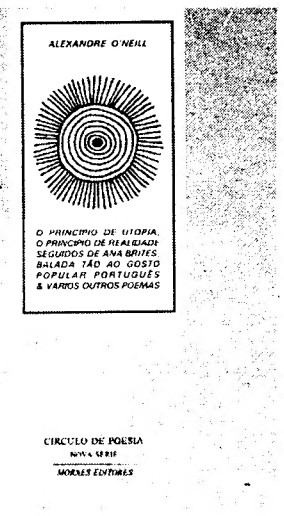
Incluíndo o livro de poemas franceses «La voyelle promise», «O bicho

harmonioso» e «Eu, comovido a Oeste», a primeira edição conjunta destes três livros data de 1961, e para ela escreveu Nemésio um prefácio sobre a acção poética, igualmente incluíndo nesta edição da Bertrand. Diz ele, nessas páginas de introdução a si próprio, que lhe foram então encomendadas pelos editores:

«Que sabe o poeta sobre a sua própria poesia senão o que disse nela? O que ela exprime, no como e porquê do acto, ser-lhe-à permeável a uma análise crítica posterior? Decero que uma forma de consciñcia acompanha o poeta enquanto agente do acto linguístico que o faz tal. Criar poeticamente é dar à consciência-lização própria e alheia determinados nexos de ideatos, de imagens, metáforas e símbolos.»

■O ferrão da morte, Ruth Rendell, Europa América, Livres de Bolso Clube do Crime.

A colecção policial da Europa-América continua a lançar Ruth Rendell: desta vez, trata-se de uma quase comédia de costumes, se o homicídio não interviesse; entre Nottinghamshire e Linchester, uma cadeia de relações de vizinhança com os seus venenos, frustações e convenções vai rodeando um homem pouco amado, que acabará por se tormar em «vítima». De novo, Ruth Rendell volta às aproximações psicologistas, e pinta esboços onde há alguma inspiração sociológica também. Os seus



personagens, entre os quais voam, alegoricamente, vespas que alguns tentam exterminar, formam uma espécie de teia... colectiva, e mortal.

■Advinha quem vem para matar, Ellery Queen, Edições 70, col. Alibi.

A Alibi abriu com um Ellery Queen muito especial — «Sherlock Holems contra Jack o Estripador» — e volta a ele, depois de nos ter dado óptimos Chester Himes, James Hadley Chase, Patricia Highsmith. aqui, está em cena a espionagem no contexto do conflito sino-soviético, de que os EUA não se alheiam nem um segundo.

■Um País Quente
Shiva Naipaul
Editorial Teorema

O autor deste romance, desaparecido aos quarenta anos, era irmão de V. S. Naipaul, hoje o mais conhecido de todos os escritores das Índias Ocidentais. «Um País Quente» — cuja acção se passa em Cuyama, um país fictício das Caraíbas mas identificável com a guiana —, foi o seu terceiro romance. Anteriormente publicara «Fireflies» e «The Chip Gatherers», respectivamente em 1970 e 1973. O seu quarto e último romance, «blak and White», foi editado em 1984. «Um País Quente» (assim a contracapa o apresenta) é, no fundo, «o drama da descolonização, com todas as suas contradições, através dos destinos individuais de um homem (descendente de donos de escravos, mas detentor de uma cultura europeia) e uma mulher de origem indiana e portuguesa (a quem o colonialismo roubara a identidade). Tradução de Lucília Filipe.

■ Fernando Pessoa no cinquentenário da sua morte
por L.P. MOITINHO DE ALMEIDA

O autor conheceu de perto Fernando Pessoa. O poeta trabalhou num escritório comercial no 1.º andar do prédio n.º 71 da Rua da Prata, que torneja para a Rua dos Retroseiros ou da Conceição...» propriedade do pai de L.P. Moitinho de Almeida. Fernando Pessoa redigiu o prefácio de um livrinho intitulado «Acrónios», do autor. Muito jovem, este frequentou meios e tertúlias frequentados por Pessoa, conheceu os seus amigos e companheiros de café. Conviveu com Pessoa. Esse conhecimento directo alimenta os 18 capítulos do livro, sendo particularmente interessantes para o conhecimento da personalidade do poeta os que são consagrados ao pensamento platónico de Pessoa, ao seu panteísmo, ao ocultismo, ao espiritismo, à simpatia de Pessoa pelas sociedades iniciáticas e secretas: Rosa-cruz, Maçonaria, Templários.

Recorda L.P. Moitinho de Almeida o verso de Fernando Pessoa: «Não procures nem creias: tudo é oculto», e cita o que o poeta dissera a João Gaspar Simões sobre a sua posição religiosa: «Cristão gnóstico e, portanto, inteiramente oposto a todas as igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria».

Sobre «a pouca simpatia» que Salazar merecia a Fernando Pessoa e as relações deste com António Ferro, L.P. Moitinho de Almeida apresenta dados pouco conhecidos a partir das memórias de um amigo comum: Peixoto Bourbon.

Edição de Coimbra Editora, Coimbra, 1985.

Acaba de sair Nº 5
ALAVANCA
revista do trabalho
Reportagens • Estudos • A luta dos trabalhadores • Desemprego / Salários em atraso • Assuntos de actualidade político sindical
Assina e divulga
Pedidos às
edições UM de OUTUBRO
Sociedade Editora de Publicações Lda.
RUA DA GLÓRIA 41-2. ESQ. TELEF. 36 18 13 • 1200 LISBOA

O eu nos outros

Tudo já tão conhecido

ELE vislumbrou, por entre os arbustos, o tremular azul da água da piscina. Ficou-se sentado no automóvel, a olhar para a vivenda adormecida, os estores corridos, o portão fechado. «É mesmo cedo» — confessou, os olhos no relógio de pulso. A manhã não tinha um vento sequer na agulha mais alta dos pinheiros — e vindo de longe, da Praia das Maçãs, a luz trazia-lhe o aroma ondulado do mar...

Tinha-a conhecido...

«Mas será que a conheço...?» — Perguntou-se, num leve cerrar de olhos, interrompendo o curso dos pensamentos. — Que sei eu dela...? Que livros lê, qual o seu signo, que hábitos terá...?»

Tinha-a conhecido na Faculdade de Letras, num colóquio sobre o futuro acordo ortográfico da língua portuguesa, ambos ali por mera curiosidade. Que importavam as palavras assim ou assado — concluíram à saída, numa cumplicidade nascida após breve troca de opiniões. Foram ao cinema nessa tarde, jantaram juntos, combinaram um posterior encontro. Depois outro, e mais outro, várias vezes. E agora...

Agora estava ele ali à espera dela, estacionado junto de uma vivenda ainda adormecida, vislumbrando, de quando em quando, o tremular azul da água da piscina. Sentiu de repente, como se alguém lhe passasse a mão pela espinha, o ruído de um estore a subir. Seria, ali, o quarto dela...?

Ficou-se a olhar para a janela, à espera da sua figura — e eis senão quando um carro estaciona junto ao dele. Ouviu a voz dela chamamdo-o, alegre, um tanto excitada. Ele saiu do automóvel, um nada aturdido, perguntou-lhe:

«Julgava-te em casa. Donde vens tu assim tão... tão... tão...»

«Tão o quê...?» — riu-se ela.

«Tão qualquer coisa...» — murmurou ele. E pensou: «Que importam as palavras assim ou assado...»

«Ora — disse ela —, venho do desconhecido...»

«Bem...»

«Espera que já vou contigo. É só subir, dar um beijo aos pais, tomar um duche e...»

Ele meteu-se no carro, desceu o vidro, disse-lhe:

«Fica para a próxima. Vai mas é dormir um pouco... Para quem vem do desconhecido...»

Ela bocejou:

«Mas já tão conhecido... Até logo, querido!»

Pedro Alvim